



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA - PPGEB  
LINHA MARXISMO, EDUCAÇÃO E LUTA DE CLASSES – E-LUTA  
EIXO: ONTOLOGIA MARXIANA E EDUCAÇÃO**

**TRABALHO E ATIVIDADE NA PSICOLOGIA DE A. N. LEONTIEV:  
PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E CONTRIBUIÇÕES AO  
PROCESSO EDUCATIVO/FORMATIVO DA CLASSE  
TRABALHADORA**

**LEONARDO JOSÉ FREIRE CABÓ**

**FORTALEZA  
2012**

**LEONARDO JOSÉ FREIRE CABÓ**

**TRABALHO E ATIVIDADE NA PSICOLOGIA DE A. N. LEONTIEV:  
PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO  
EDUCATIVO/FORMATIVO DA CLASSE TRABALHADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGEB) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), como requisito para a obtenção de Título de Mestre em Educação Brasileira.

Orientador (a) Dra. Josefa Jackline Rabelo  
e Co-Orientador (a) Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves.

**FORTALEZA  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- C116t Cabó, Leonardo José Freire.  
Trabalho e atividade na psicologia de A. N. Leontiev : pressupostos ontológicos e contribuições ao processo educativo/formativo da classe trabalhadora / Leonardo José Freire Cabó.– 2012.  
180 f. , enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.  
Área de Concentração: Educação brasileira.  
Orientação: Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo.  
Coorientação: Profa. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves
- 1.Leont'ev,Aleksei Nikolaevich,1903-1979. – Crítica e interpretação. 2.Teoria da ação. 3.Trabalho. 4.Consciência de classe. 5.Psicologia – Filosofia. 6.Educação – Filosofia.I. Título.

Leonardo José Freire Cabó

**TRABALHO E ATIVIDADE NA PSICOLOGIA DE A. N. LEONTIEV:  
PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO  
EDUCATIVO/FORMATIVO DA CLASSE TRABALHADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGEB) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), como requisito para a obtenção de Título de Mestre em Educação Brasileira.

Defesa ocorrida em: 29/10/2012

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Dra. Josefa Jackline Rabelo (Orientadora)  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - FACED/UFC

---

Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves (Co-Orientadora)  
Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – CH/UECE

---

Dr. Osterne Nonato Maia Filho (Examinador Interno)  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - FACED/UFC

---

Dra. Francisca Maurilene do Carmo (Examinadora Externa)  
Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba - CED/UFPB

## DEDICATÓRIA

A minha mãe, *Maria Neusa Martins*, por me escolher como filho. Que é minha amiga e cúmplice. Que é afeto e AMOR que sempre confortam. Que é fonte de admiração, honestidade e respeito. Que é dos meus amores, o que me exigem maior dedicação. Mas que é também meu AMOR maior!

Ao meu irmão, *José Maria Freire Cabó (Jr.)*, que é meu exemplo de coragem e determinação, pelo cuidado que ultrapassa os laços de sangue. Que é meu amigo e também meu grande AMOR.

A minha (bis)avó, *Maria Rodrigues Martins*, meu beijo mais demorado, meu carinho mais precioso e minha oração mais forte.

A *Kelly Vanessa*, minha cunhada, pelo cuidado dispensado aqueles que amo [leia-se, Jr. e José Miguel - meu sobrinho]. Muito obrigado!

A Mazé Guimarães e Francisca Arsênio (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

A *Jackline Rabelo* pela oportunidade de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, pela orientação deste trabalho e pelo cuidado nos momentos difíceis.

A *Ruth Maria de Paula Gonçalves* também pela orientação deste trabalho e pelo cuidado, atenção e carinho dispensados ao longo destes anos.

A *Graziela Lucchesi Rosa da Silva* pelas valiosas contribuições no processo de construção deste trabalho, meu mais sincero agradecimento!

A *Higo Lima, Milena Kate Cabó de Andrade, Rosângela Ribeiro da Silva, Maria do Carvalho Madureiro, Alice Nayara dos Santos, Adéle Cristina B. Araújo, Bernadete Malveira, Júnior Oliveira, Adriano Martins, Sérgio Ricardo Lima de Andrade, Romildo Lopes de Oliveira, Lourdes Lousane e Arilene Chaves* pela amizade irrestrita, por me fazer companhia nos dias frios e pela cumplicidade nas noites de solidão.

A *Antônio Filho, Eveline Ferreira, Samara Almeida Chaves Braga, Samantha Almeida, Karine Martins Sobral e Abílio Azevedo* pela amizade sincera e verdadeira e por compartilharem comigo momentos tão importantes de minha vida pessoal e profissional.

Aos *Professores Osterne Nonato Maia Filho e Maurilene do Carmo* pelas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos “*Psicologia Histórico-Cultural e Educação na perspectiva da Ontologia Marxiano-Lukcasiana*” pelas discussões e pela tradução valorosa de parte da bibliografia citada.

Aos Profs. *Maria das Dores Mendes Segundo, Frederico Jorge Ferreira Costa e Tereza Buonomo de Pinho* pelas instigantes aulas sobre Marxismo, Ontologia do Ser Social e sobre O Capital.

Ao Prof. *Luiz Távora Furtado Ribeiro*, pelo cuidado e apoio nos momentos difíceis. Muito obrigado!

A *José Deribaldo dos Santos*, querido Deri, pelo exemplo de homem, trabalhador e intelectual e por fazermo-nos apaixonar pelo estudo da Estética Lukcasiana.

A *Betânia Moreira de Moraes e Marteana Ferreira Lima* pelo exemplo intelectual, humildade e gentileza.

A *Eudecy Fernandes, Aline Remígio, Lucilene Palhares, Eliene Lima, Aurizaneide Costa, Deuzenir Oliveira, Alana Vieira, Herlândio Bezerra, Janaina Cruz, Nadja Rinelli, Rafaela Florêncio, Nara Gomes e Rita Rocha* pela amizade e apoio nos momentos alegres e difíceis.

Aos companheiros do *Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO/UECE) e da Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes – E-LUTA* pelos momentos agradáveis compartilhados ao longo destes anos, em especial a Profa. Ph. D. Susana Vasconcelos Jimenez pelas contribuições ao nosso processo educativo-formativo.

Aos amigos do *Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC)*, pelas alegrias partilhadas, pelas angústias vividas e pelos agradáveis momentos nos dias que as leituras precisaram ser deixadas de lado.

Aos funcionários e amigos da FACED/UFC, em especial a Natali e Sérgio Ricardo. À Gina, Gilmar, Moaná, Tália, Cláudio, Lorena e Mirele que sempre me “socorreram” quando precisei. Muito obrigado!

A Nádia Edth (Universidade Estadual de Londrina - UEL), Silvana Calvo Tuleski, Sônia Mari Shima Barroco e Rhayanne Lourenço da Silva (Universidade Estadual de Maringá - UEM) pela gentileza e desprendimento na disponibilização de grande parte da bibliografia mencionada neste trabalho. Muito obrigado!

Aos amigos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em especial Paulo Sérgio Ricci, Jéssica Lucena, Sarita Malagutti, Diana Theodoro, Tiago Calvo e Profa. Dra. Lígia Klein pelo carinho e atenção quando em seus espaços.

Ao amigo, mesmo distante, Achilles Delari Jr., pelo exemplo intelectual e pela divulgação dos escritos da psicologia histórico-cultural e de seus intérpretes no Brasil.

Aos amigos da E. E. E. P. Avelino Magalhães - Daisy Noronha, Claudeniza Maia, Cristiano Rocha, Kênia Diógenes, Ana Paula Melo, Natália Freitas, Iseuda Lima, Alnedi Costa Lima e Gleuba Pinheiro pela companhia agradável de todos os dias de trabalho, pela amizade e presteza nos momentos finais desta caminhada.

Por fim, a Fundação de Apoio do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), respectivamente, pela concessão de Bolsa de Estudos, sem a qual o desenvolvimento deste trabalho teria sido ainda mais difícil.

“Apenas por intermédio de seu desenvolvimento o homem alcança na ontogênese o que o animal consegue pela hereditariedade” (MARX, 1972)

“As condições históricas exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto de um estágio individual de desenvolvimento, como sobre o curso total do processo de desenvolvimento psíquico como um todo” (LEONTIEV, 1988)

## RESUMO

A presente pesquisa adotou como objeto de estudo as relações entre trabalho e atividade na psicologia de A. N. Leontiev. De caráter teórico-bibliográfico, nosso estudo procurou investigar os fundamentos e a estrutura da chamada “*teoria da atividade*”, elaborada inicialmente por Vigotski e sistematizada por Leontiev e que, na atualidade, é retomada por estudiosos dos mais diversos campos das ciências humanas, perscrutando, de modo específico, suas relações com a categoria trabalho em Marx (1984; 2004; 2005) e Lukács (1978; 1981) e suas contribuições ao projeto educativo/formativo classe trabalhadora na contemporaneidade. Para o alcance dos objetivos propostos, debruçamo-nos sobre algumas das principais obras de Leontiev (1978a; 1978b; 1980; 1988; 1999), bem como textos/livros publicados por Vigotski (1988; 1995; 1999; 2000; 2004), Luria (1979; 1988a; 1992), Elkonin (1987; 1988), Davidov (1988) e Shuare (1990), assim como de interpretes brasileiros que pesquisam sobre as elaborações da Psicologia Histórico-Cultural, especialmente, o constructo teórico-prático de Leontiev, a exemplo de Duarte (2004; 2001), Tuleski (2007; 2009), Do Carmo (2008), Barroco (2007a; 2007b), Pasqualini (2006; 2010), Asbarh (2005; 2011), Gonçalves (2005) dentre outros. Ao final, estabelecemos traços gerais que comportam o que o autor denomina de “atividade dominante”, suas contribuições ao processo de desenvolvimento do psiquismo da criança e ao processo educativo/formativo da classe trabalhadora no limiar do século XXI.

**Palavras Chave:** Psicologia Histórico-Cultural. Leontiev. Trabalho. Atividade. Processo educativo/formativo. Leontiev.

## ABSTRACT

This research adopted as the object of study the relationship between work and activity in the psychology of A. N. Leontiev. Theoretical and literature, our study aimed at investigating the foundations and structure of the "activity theory", developed initially by Vygotsky and Leontiev and systematized by which, nowadays, is taken up by scholars from various fields of humanities, peering, and specifically its relationship with work in Marx (1984, 2004, 2005) and Lukacs (1978, 1981) and their contributions to the project educational / training in contemporary working class. To achieve the proposed objectives, dwelt us about some of the major works of Leontiev (1978a, 1978b, 1980, 1988, 1999) as well as texts / books published by Vygotsky (1988, 1995, 1999, 2000, 2004), Luria (1979, 1988a; 1992), Elkonin (1987, 1988), Davydov (1988) and Shuare (1990), as well as interpreters of Brazilian research on elaborations of Historical-Cultural Psychology, especially the construct of theoretical and practical Leontiev, like Duarte (2004, 2001), Tuleski (2007, 2009), Do Carmo (2008), Barroco (2007a, 2007b), Pasqualini (2006, 2010), Asbarh (2005, 2011), Gonçalves (2005) among others. At the end, we establish general traits that comprise what the author calls "dominant activity," his contributions to the development process of the psyche of the child and the educational process/formation of the working class on the threshold of the XXI century.

**Keywords:** Historical-Cultural Psychology. Leontiev. Work. Activity. Process educational/training.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
------------------	----

<b>CAPÍTULO I – DA NECESSIDADE DA REVOLUÇÃO À NECESSIDADE DA CIÊNCIA: A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA RÚSSIA E CONTEXTO DE VIDA E PRODUÇÃO INTELECTUAL DE A. N. LEONTIEV .....</b>	<b>24</b>
---	-----------

I.I - Sobre a situação da classe trabalhadora na Rússia: Apontamentos sobre a Revolução de Outubro de 1917 e seus desdobramentos .....	25
--	----

I.II – Por que Leontiev? Elementos de contextualização de sua vida e produção intelectual .....	54
---	----

II. III – Sobre a censura stalinista à psicologia histórico-cultural .....	76
--	----

<b>CAPÍTULO II – DA NATUREZA ONTOLÓGICA DO TRABALHO EM MARX &amp; LUKÁCS ÀS CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO À PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL .....</b>	<b>86</b>
---	-----------

II. I – Contribuições do materialismo histórico-dialético à psicologia histórico-cultural: Bases teórico-metodológicas da psicologia do “novo homem” .....	89
--	----

II. II – Lineamentos sobre natureza ontológica do trabalho em Marx e Lukács: Uma breve exposição acerca das categorias naturalidade, generidade e individualidade .....	118
---	-----

**CAPÍTULO III - TRABALHO, ATIVIDADE E ESCOLARIZAÇÃO NA PSICOLOGIA DE A. N. LEONTIEV: PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCATIVO/FORMATIVO DA CLASSE TRABALHADORA ..... 133**

III. I – Em busca de pressupostos ontológicos e históricos da categoria trabalho na psicologia de A. N. Leontiev ..... 133

III. II – Atividade dominante e periodização do desenvolvimento infantil: Aproximações acerca do processo de desenvolvimento do psiquismo da criança .....148

III. III – Educação Escolar e apropriação da cultura na psicologia de A. N. Leontiev: Contribuições ao debate educacional contemporâneo ..... 156

**NOTAS DE UMA CONCLUSÃO ..... 162**

**CONTRIBUIÇÕES AO DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA DA ATIVIDADE EDUCATIVA .....162**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....167**

**ANEXO ..... 176**

## INTRODUÇÃO

Nossa dissertação adota como objeto de estudo as relações entre trabalho e atividade na psicologia de A. N. Leontiev. De caráter teórico-bibliográfico, nosso estudo debruça-se sobre as contribuições do referido autor, articulado aos estudos da Escola de Vigotski e seus intérpretes, procurando evidenciar os pressupostos ontológicos e as implicações desta relação para o processo educativo/formativo da classe trabalhadora na contemporaneidade.

O processo de escolarização, ressalte-se de antemão, encontra-se consubstanciado atualmente por uma completa negação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e pela impossibilidade de constituição e participação dos indivíduos na construção de uma sociedade verdadeiramente humana, isto é, comunista.

Nesse sentido, além de buscarmos reafirmar a natureza ontológica do trabalho enquanto fundamento ontológico do ser social, na precisa formulação de Lukács, a partir dos escritos de Marx, procuraremos, especificamente, aprofundar o debate acerca gênese e da fundamentação filosófica da “*teoria da atividade*”, formulada por Vigotski e desenvolvida por A. N. Leontiev que, na atualidade, tem sido retomada por estudiosos dos mais diversos campos/matizes da ciência, perscrutando, de modo específico, as contribuições da referida teoria para o processo de educativo/formativo da classe trabalhadora na contemporaneidade.

Com efeito, para desenvolver o objeto de nossa dissertação, tomamos como suporte principal as reflexões daqueles que se dedicaram a elaboração de uma psicologia comprometida com uma verdadeira transformação social, qual seja: *a teoria histórico-cultural*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos durante todo o texto o termo psicologia histórico-cultural e não sócio-histórica, psicologia sócio-histórico-cultural, sócio-interacionista ou tantos outros nomes dados a referida Escola de Psicologia. Isto porque entendemos que o termo “psicologia histórico-cultural” é o que melhor expressa o esforço intelectual desenvolvidos pelo Grupo liderado por Vigotski. Cabe destaque que este é um elemento considerado importante quando do estudo dessa corrente da psicologia soviética. Como afirma Duarte (1996), a denominação desta corrente é um dos elementos que definem as especificidades da mesma perante as demais Escolas de psicologia. Nas palavras do autor, o grupo liderado por Vigotski sempre se preocupou em caracterizar essa corrente da psicologia naquilo que ela tinha de diferenciador em relação as outras, ou seja, a abordagem histórico-social do psiquismo humano. Segundo ainda ressalta o autor, “Por essa razão, as denominações que eles mais utilizaram para se autocaracterizarem foram a de *Teoria Histórico-Cultural* e a de *Teoria da Atividade*, sendo esta segunda

Seguindo na contra-mão do diagnóstico da quase totalidade dos pressupostos teórico-metodológicos atualmente vigente na academia, sobretudo na área das Ciências Humanas, desde o ano de 2007 temos nos dedicado ao estudo das elaborações teóricas de Marx, bem como de seus colaboradores e intérpretes contemporâneos. É a partir das leituras iniciais realizadas durante o nosso Curso de Graduação em Pedagogia, realizado por entre os muros da Faculdade de Filosofia dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE), situada em Limoeiro do Norte, que nasce o objeto de estudo aqui esboçado e que teve como ponto de partida as reflexões consubstanciadas em nossa Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, intitulada: *“A psicologia de A. N. Leontiev e suas contribuições ao debate acerca das relações entre Trabalho, Formação do Ser Social e Educação Escolar: Um estudo à luz da ontologia marxiano-lukácsiana”*.

Àquela época, anunciamos a necessidade de aprofundar tais estudos com vistas a rastrear as bases que dão sustentação ao arcabouço teórico-metodológico do autor em tela, considerando sobremaneira as críticas postas acerca de seus últimos posicionamentos teóricos, feitas por defensores da ideologia neoliberal e pós-modernas. O cerne de tais críticas procura apontar Leontiev como um mero repetidor do discurso oficial – alguém que teria se rendido às pressões ideológicas stalinistas daquela época, e que, juntamente com Luria, teria abandonado Vigotski em suas pesquisas – Duarte (2001), Facci (2004), Carmo (2008)<sup>2</sup>.

---

denominação empregada para caracterizar especificamente o trabalho de Leontiev e seus seguidores (DUARTE, 1996, p. 84). Acreditamos, assim como Duarte (1996; 2001), Facci (2004), Carmo (2008), entre outros autores, que os termos sócio-interacionista, sócio-histórico entre outros expressam algumas das muitas vertentes de estudos que buscam afirmar a articulação entre os estudos de Vigotski e Piaget, algo que a nosso ver não é possível de ser realizado, embora este seja um fato ainda recorrente na atualidade do pensamento educacional brasileiro.

<sup>2</sup> Tal afirmação é feita de forma mais contundente por dois autores: Van Der Veer e Valsiner (1996). De acordo com Duarte (2001, p. 163), “A fúria do ataque desses autores a Leontiev é tão grande que eles abandonam qualquer cuidado intelectual e apresentam um reducionismo grotesco das diferenças entre os trabalhos de Leontiev e Vigotski”. De acordo com Facci (2004, p. 136), “Van Der Veer e Valsiner (1996) afirmam que Leontiev dicotomizava linguagem e atividade, como se ele reduzisse a categoria trabalho à idéia de atividade física”, enquanto que Vigotski teria dado ênfase aos signos “como meios de mediação entre objetos da experiência e funções mentais”. Somente “guardiães ideológicos” do capitalismo podem reduzir a categoria trabalho à idéias de atividade física, ou podem acreditar que ao trabalhar com a categoria de atividade, Leontiev pudesse desconsiderar a importância da linguagem e dos signos como elementos da atividade social, ou ainda somente os “guardiães ideológicos” do capitalismo podem perder de vista as diferenças entre o trabalho de um teórico marxista e a ideologia oficial do período stalinista da URSS. (DUARTE, 2001, p. 163-164). Segundo Duarte (2001), a estratégia utilizada por autores como Van Der Veer e Valsiner (1996), era bastante clara e agressiva, qual seja: além de apontar Leontiev como defensor do discurso governamental da época, afastando da perspectiva de Vigotski, tratava-se ainda de um ataque pessoal a Leontiev, procurando assim “[...] criar uma atitude de repulsa por seus trabalhos”. “Não temos condições de ter acesso a dados absolutamente confiáveis quanto ao que teria ocorrido entre esses dois pesquisadores soviéticos e, de qualquer modo, questões dessa

Trata-se de apresentar o trabalho de Vigotski como a odisséia de um pesquisador abandonado até mesmo pelos colaboradores próximos, mas que, apesar de viver no próprio centro do mundo socialista, manteve laços com a comunidade científica internacional e acabou por dela receber o justo reconhecimento (DUARTE, 2001, p. 163)

Embora tais afirmações ainda sejam muito presentes na atualidade do pensamento pedagógico e psicológico contemporâneo, assim como também a errônea colocação de Vigotski e Piaget em um mesmo universo teórico-conceitual apresentada pelos construtivistas e pós-modernos de todos os matizes, a nosso ver, corroborando com as afirmações de Duarte (1996; 2001), Facci (2004) e Carmo (2008), tal afirmação constitui-se em mais uma das artimanhas utilizadas por teóricos da pós-modernidade em sua busca para desqualificar o pensamento radicalmente crítico. Além disso, as tentativas de distanciamento efetuado por estes mesmos teóricos busca descaracterizar o pensamento de Vigotski na tentativa de torná-lo mais facilmente assimilável ao universo ideológico do capitalismo contemporâneo (DUARTE, 2001).

O (des)compasso realizado por tais difusores, a empreitada, feita pelos ideólogos pós-modernos, (neo)vigotskianos e (neo)liberais, afetos do marxismo, tem procurado neutralizar o caráter marxista tanto das obras de Vigotski como de Leontiev e de Luria, asseptizando tais obras de seu caráter revolucionário, secundarizando deste modo os fundamentos filosóficos marxistas de seu pensamento e de sua Escola. “Ler Vigotski, destarte,

---

natureza são sempre objeto de distintas versões, todas de difícil comprovação. O que questionamos aqui são os motivos de Van Der Veer e Valsiner, isto é, por que a necessidade desse ataque frontal à imagem de Leontiev? Por que essa é, para esses autores, tão importante? Nossa hipótese, dado o espírito de todo o livro desses autores, é a de que se trata claramente de uma estratégia para eliminar, definitivamente, a associação do nome de Vigotski ao de Luria e principalmente ao de Leontiev” (DUARTE, 2001, p. 163). Como pode ser inferido pela clareza das afirmações de Duarte (2001), não há como ter certeza dos objetivos reais de tais autores ao defenderem tal posicionamento, mas, ao que se mostra e como já afirmado, trata-se de uma estratégia para enfraquecer decididamente o pensamento que orientava uma psicologia de base marxista uma vez que Van Der Veer e Valsiner (1996), sem o menor rigor intelectual apresentam uma análise reducionista sobre as especificidades as quais constituem a obra de cada autor no conjunto da psicologia histórico-cultural. O reducionismo operado por Van Der Veer e Valsiner não se refere apenas à teoria de Leontiev, mas também à de Vigotski. Só que, enquanto o objetivo de reduzir a teoria de Leontiev a uma teoria da primazia da atividade material é o de associá-la a uma caricatura do marxismo, o objetivo de reduzir a teoria de Vigotski a uma ênfase nos signos é o de aproximá-la das concepções pós-estruturalistas, que tudo reduzem ao embate dos discursos (DUARTE, 2001, p. 164). A despeito do que afirmavam Van Der Veer e Valsiner (1996), Duarte nos esclarece que em nenhum desses dois pensadores – Vigotski e Leontiev -, a linguagem e o trabalho podem ser vistos de forma dicotômica pelo simples fato de que, tendo sua base fincada nos fundamentos marxistas, para esses dois autores “[...] a atividade humana é social e, portanto, sempre mediatizada pelas relações sociais e pela linguagem. Por sua vez, a linguagem só pode existir, na concepção de Marx, como um elemento integrante da prática social, produzido e reproduzido no interior dessa prática” (DUARTE, 2001 – grifos nossos).

é antes de tudo admiti-lo como marxista e comunista, com todas as implicações decorrentes disso” (TULESKI, 2002, p. 22-23). A respeito dos escritos de Vigotski, a autora afirma que

Retirar de seus textos as referências a Marx, Lênin ou Trotsky é suprimir referências importantes para a compreensão de sua teoria. Ignorar sua formação marxista e seu envolvimento teórico-prático como projeto coletivo de construção do comunismo significa abstrair suas ideias das lutas vividas por ele e que lhe dão significado. No entanto, grande parte do material escrito sobre Vygotski relega a segundo plano seu envolvimento com o comunismo e sua formação marxista, aparecendo brevemente em alguns resumos biográficos poucas citações sobre os locais em que trabalhou e autores em que se baseou, sem estabelecer relação com seus postulados teóricos (TULESKI, 2002, p. 23).

Duarte (2001), Facci (2004) e Carmo (2008) em momento algum negam que possam existir especificidades nos trabalhos de Vigotski e Leontiev, nem mesmo que não existam pontos divergentes entre os dois autores. O que se pretende deixar bem claro é que “[...] ambos desenvolveram seus trabalhos no interior de uma mesma corrente da psicologia, apoiada em fundamentos filosóficos marxistas” (FACCI, 2004).

Esclarecida tal questão, lado a lado com ela, nos sentimos no dever, dado o esforço teórico inicialmente por nós empreendido, de evidenciar, no trabalho ora examinado e de modo mais particular, na obra de Leontiev, as mediações entre as categorias *trabalho* e *atividade* na obra do referido autor<sup>3</sup>, sua articulação com a recuperação ontológica do trabalho

---

<sup>3</sup> Ao longo do processo de investigação acima descrito, estudos tem nos dado importantes contribuições ao debate sob o qual pretendemos dar continuidade, destacando-se aqueles desenvolvidos por Duarte (1996; 2004), além dos trabalhos de Facci (2004), Bock (2004), Martins (2004) entre outros autores, com destaque para aqueles publicados no Caderno CEDES, n. 62, dedicado ao debate sobre as contribuições de Leontiev para educação na sociedade contemporânea. Tamanho empreendimento, como enfatiza o pesquisador brasileiro, reside na tentativa de contribuir, ao lado dos estudos desenvolvidos pela pedagogia histórico-crítica do Prof. Dermeval Saviani (2003), na “[...] elaboração de uma teoria histórico-social sobre o processo de formação do indivíduo”, sendo este um eixo norteador das discussões efetivadas em suas pesquisas. Além desses Grupos, no Brasil outros pesquisadores têm se debruçado, no estudo das contribuições da psicologia histórico-cultural tanto para psicologia como para a educação atual, fruto de investigações em torno do processo de formação do ser social, com destaque para o grupo da Profa. Dra. Lígia Klein, NUPE-MARX, da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Nesse sentido, destacamos ainda a tarefa que vem sendo realizada pelo *Grupo de Estudos Psicologia Histórico-Cultural e Educação na Perspectiva da Ontologia Marxiano-Lukacsiana do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO)*, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) do qual fazemos parte e onde este trabalho encontra seu abrigo maior. Sob a Orientação das Professoras Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves e Betânia Moreira de Moraes o referido Grupo assume um caráter diferenciado dos demais já citados, apresentando uma especificidade, qual seja: articular os estudos da psicologia histórico-cultural e da ontologia marxiano-lukacsiana na tentativa de oferecer elementos que nos possibilitem analisar o processo de formação do ser social em sua processualidade histórica, em seu vir-a-ser. Destacamos, ademais, o esforço realizado até aqui por pesquisadores como Carmo (2008) e Silva (2011), que se debruçaram especificamente sobre os escritos de Vigotski e Luria, respectivamente, e que tomamos como referência para o desenvolvimento do estudo que ora

enquanto elemento fundante de toda práxis social e as implicações desta relação para o processo de escolarização da classe trabalhadora na contemporaneidade.

Por que de escolher Leontiev e não Vigotski, Luria, Davidov ou Elkonin?

O que nos parece é que, embora Vigotski seja o nome mais conhecido dos autores da chamada “Escola de Vigotski”, autores como, por exemplo, Luria, Leontiev, Davidov e Elkonin têm ganhado espaço significativo entre os pesquisadores brasileiros da atualidade, sobretudo Leontiev e sua “*Teoria da Atividade*”. Seja na área da linguística, da sociologia, antropologia, seja na área da educação e psicologia atuais, é frequente a menção aos trabalhos do autor em questão. Segundo Duarte (2002, p. 280)

A teoria da atividade surgiu no campo da psicologia, como os trabalhos de Vigotski, Leontiev e Luria. Ela pode ser considerada um desdobramento do esforço por construção de uma psicologia sócio-histórico-cultural fundamentada na filosofia marxista. Embora a denominação “teoria da atividade” tenha surgido mais especificamente a partir dos trabalhos de Leontiev, muitos autores acabaram por adotar essa denominação também para se referirem aos trabalhos de Vigotski, Luria e outros integrantes dessa escola de psicologia. Atualmente essa teoria apresenta claramente um caráter multidisciplinar, abarcando campos como a educação, a antropologia, a sociologia do trabalho, a linguística, a filosofia.

O que percebemos ao analisarmos um significativo número de trabalhos publicados no Brasil e que tomam como referência a teoria da atividade, de modo primário ressaltamos, é uma recorrente falta de aprofundamento em relação às bases que dão sustentação ao arcabouço teórico-metodológico do autor, bem como uma corriqueira tentativa de afirmar,

---

pretendemos realizar. Com efeito, além de afirmar a base marxista da psicologia soviética, o referido grupo adota como referencial os escritos de Marx e Vigotski e a recuperação ontológica da categoria trabalho realizada pelo filósofo húngaro Georg Lukács no processo de humanização do indivíduo, buscando elementos que nos possibilitem afirmar a base onto-histórica do processo de formação do ser social, em suas determinações objetivas e subjetivas. Nesse sentido defende a centralidade do trabalho neste processo e a educação enquanto complexo que, ao mesmo tempo que apresenta uma dependência ontológica em relação ao trabalho, mantém com este uma autonomia relativa, configurando portanto, elemento essencial a continuidade do processo histórico. Quando afirmamos aqui a primazia do trabalho, não estamos de modo algum secundarizando ou dando menos valor/importância as demais atividades sociais. A primazia do trabalho dar-se pelo fato deste possibilitar uma transformação direta da natureza e do próprio homem, mediante a ação consciente do segundo sobre a primeira. As demais atividades distinguem-se deste, pois não realizam de modo direto uma transformação da natureza, mas que não deixam de ser menos necessários a vida humana. Nas palavras de Tonet (2005, p. 67), todas essas atividades têm uma “dependência ontológica em relação ao trabalho, mas a função a qual são chamadas a exercer exige que elas tenham em relação a ele uma distância – base da autonomia relativa – sem a qual não poderiam cumpri-la. Nisso consistiria a especificidade de cada nova atividade criada pelo ser social”.

sem o devido cuidado, “*um suposto distanciamento de sua obra e a teoria vigotskiana*”, algo que já vem sendo denunciado por estudiosos como Duarte (2002), Facci (2004a; 2004b), Tuleski (2002; 2004; 2007; 2009) e Carmo (2008).

Segundo Duarte (2002), paradoxalmente ao grande número de trabalhos e de autores contemporâneos que tomam como referencia a teoria da atividade, estes não consideram, na maioria das vezes, partes importantes da teoria de Leontiev, o que acaba por operar uma verdadeira assepsia ideológica da obra deste autor, “[...] descaracterizando-a de sua explícita e consistente filiação filosófica ao marxismo” (DUARTE, 2002, p. 284).

Contrariando a retórica pós-moderna que subjuga o ato de conhecer a uma mera descrição do aparente ou a exortação das particularidades individuais enquanto verdades, buscaremos afirmar a base marxista da produção de Leontiev e a relação entre a categoria trabalho em Marx e Lukács e a categoria da atividade nos escritos do autor moscovita, adotando como base teórica neste estudo a ontologia marxiano-lukácsiana.

A escolha pelo referencial acima mencionado dar-se por entendermos que este nos oferecem os elementos teórico-metodológicos que nos possibilitem entender o estágio alcançado pela humanidade e o indivíduo, de modo particular, em suas determinações objetivas e subjetivas/concretas e a possibilidade de emancipação humana das amarras do capital.

Nesse sentido, nossa pesquisa pretende somar-se aos esforços teórico-práticos realizados pelo Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO/UECE), com destaque para as investigações que buscam resgatar a base marxista da psicologia e educação soviéticas, sobremaneira as investigações que recuperam como devido vigor as contribuições destes autores para a educação atual, como destaque para a recuperação das bases ontológicas dos estudos de autores como Vigotski, Luria, Pistrak, Makarenko entre outros<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Dentre estes estudos, destacamos: I) GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. **A catação de lixo e a (de)formação da criança como ser social**. (Tese – Doutorado em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2006); II) CARMO, Francisca Maurilene do. **Vigotski: Um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho**. (Tese – Doutorado em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2008); III) SILVA, Natália Ayres da. **Trabalho e Linguagem na obra de A. R. Luria: Um estudo à luz da ontologia marxiana** (Dissertação – Mestrado em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2011); IV) OLIVEIRA, Ciro Mesquita. **A Pedagogia de A. Makarenko**. (Dissertação – Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade Estadual do Ceará, 2012); e, V) CUNHA, Marcel Lima. **A Escola do Trabalho Soviética de Pistrak: Dois passos à frente, um passo atrás?** (Dissertação – Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade Estadual do Ceará, 2012).

Dentro dessa contextualidade, a primeira constatação que precisa ser reconhecida quando do desenvolvimento de um trabalho que buscar ir além da realidade aparente/fenomênica, parece ser a de que vivemos um tempo marcado por um profundo recuo da teoria (MORAES, 2000), de um ceticismo aberto, da primazia de uma prática espontânea, inócua, pois esvaziada de sentido, de um produtivismo exacerbado – algo que podemos constatar pelas determinações dos Órgãos de Fomento, seja Estadual e/ou Nacional, de um subjetivismo e utilitarismo e de recuo da razão, consubstanciados, por exemplo, em reedições de teorias educacionais reconhecidamente fragmentárias quanto a possibilidade do sujeito se apropriar das determinações da realidade objetiva (DUARTE, 2001).

A recuperação da psicologia soviética enquanto ciência do ‘novo homem’, radicada sobre circunstâncias históricas determinadas, fundamentada sob as bases do marxismo, e a tentativa de construção de uma sociedade comunista é o pano de fundo sobre o qual pretendemos desenvolver nosso trabalho. A psicologia histórico-cultural nos oferece importantes contribuições à compreensão da gênese e da processualidade do homem; da formação da psique no movimento da realidade objetiva, questão sobre a qual Vigotski e os integrantes de sua Escola buscaram desvelar.

Diante do percurso realizado, algumas questões foram elencadas, quais sejam: Podemos afirmar que em Leontiev há elementos que possibilitem afirmar o trabalho enquanto atividade primeira do ser social historicamente constituído? Que mediações estariam postas na relação entre trabalho e atividade na psicologia de Leontiev? Quais as implicações desta relação para o processo de escolarização da classe trabalhadora na contemporaneidade?

Como já ressaltado, nossa pesquisa toma como problema de investigação *a relação entre a categoria trabalho em Marx e Lukács e a categoria atividade em Leontiev e as implicações desta relação para o processo educativo/formativo da classe trabalhadora na contemporaneidade.*

Assim, tomamos como objetivos específicos: I) *discutir os desdobramentos da Revolução Russa para o processo de constituição da psicologia de base marxista, demonstrando, neste contexto, o percurso de vida e intelectual de A. N. Leontiev, bem como os anos de censura stalinista as obras de diversos autores soviéticos, entre eles Vigotski;* II) *Evidenciar as contribuições do materialismo histórico e dialético à psicologia histórico-*

*cultural, buscando compreender o processo de formação do ser social a partir da recuperação da natureza ontológica do trabalho enquanto categoria fundante em Marx e Lukács; e III) Investigar a relação da supracitada categoria com a categoria da atividade na psicologia de A. N. Leontiev, rastreando a gênese e fundamentação filosófica da teoria da atividade, evidenciando as implicações desta relação para o debate acerca do desenvolvimento do psiquismo da criança e para o processo educativo/formativo da classe trabalhadora na contemporaneidade.*

Procuramos discutir as questões postas acima tomando como base a ontologia marxiano-lukácsiana, como já afirmado, por entender que esta, a despeito das afirmações neoliberais e pós-modernas acerca do fim do potencial analítico do marxismo, dá conta das relações objetivas e subjetivas do processo de formação do ser social em sua totalidade concreta, além de fornecer o devido complexo categorial necessário à compreensão da totalidade social perspectivada na possibilidade da emancipação humana.

Vale ressaltar, para evitar equívocos posteriores, que não se trata de transpor, de forma imediata e mecânica, as reflexões do autor em tela para a totalidade concreta da realidade brasileira, mas, a partir de uma leitura rigorosa e sistemática, isto é, imanente<sup>5</sup>, verificar em que medida as reflexões deste nos oferece elementos para pensarmos as relações entre trabalho, atividade e escolarização, partindo da recuperação ontológica do legado marxiano realizada por Lukács e evidenciada nos escritos dos psicólogos soviéticos que compunham a chamada *Escola de Vigotski*.

Nesse sentido, pretendemos analisar os desdobramentos de tais estudos e em que medida estes nos oferecem elementos para pensarmos o modo como tem sido organizada a educação escolar e, a partir daí, fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma *teoria da*

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Chasin (2009, p. 25-26), “[...] oposta às levianas “hermenêuticas” da imputação, bem como decididamente afastada da debilidade intrínseca à especulação racionalista autorreferida, a postura analítica deve propender ao compromisso com a solidez dos vigamentos que caracterizam a chamada *análise imanente* ou *estrutural*. Tal análise, na melhor tradição reflexiva, encara o texto – a *formação ideal* – em sua consistência autossignificativa, aí compreendida toda a grade de vetores que conformam, tanto positivos como negativos: o conjunto de suas afirmações, conexões e suficiência, como também as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam. Configuração esta que em si é autônoma em relação aos modos pelos quais é encarada, de frente ou por vieses iluminada ou obscurecida no movimento de produção do para *nós* que é elaborado pelo investigador, já que, no extremo e por absurdo, mesmo se todo observador fosse incapaz de entender o sentido das coisas e dos textos, os *nexos* ou *significados* destes não deixariam, por isso, de existir, salvo se admitindo, paradoxalmente, que a impotência do sujeito no campo ideal é poder dissolver no plano real, donde *nexos* e *significados* efetivos não serem passíveis de dissipação real pelas eventuais incapacidades, absolutas ou transitórias, dos analistas.

*atividade educativa* que tome como horizonte a emancipação humana e que negue quaisquer impedimentos postos pela atual forma de sociabilidade a formação humano-genérica, em que o usufruto dos bens materiais, culturais e espirituais da humanidade não sejam negados ao conjunto dos homens.

Nossa dissertação está organizada da seguinte maneira: No *Capítulo I*, debruçamo-nos sobre os determinantes históricos e sociais da Revolução Russa, retomando seus aspectos principais, isto é, a marcha dos acontecimentos que envolveram a Revolução de 1917, para, a partir daí, reconstruir, de modo específico, os aspectos da história de vida e de produção intelectual de A. N. Leontiev. Debruçamo-nos, deste modo, sobre o período de produção intelectual do autor compreendido entre os anos de 1937-1975<sup>6</sup> (Ver anexo). Neste capítulo evidenciamos ainda o processo de censura à psicologia histórico-cultural realizada por Stálin.

No *Capítulo II*, tomando por base os estudos de Vigotski, Luria, Leontiev, Elkonin, Davidov, Davydov & Zinchenko, Riviére, Shuare entre outros evidenciamos as contribuições do materialismo histórico e dialético à psicologia histórico-cultural, buscando compreender o processo de formação do ser social a partir da recuperação da natureza ontológica do trabalho enquanto categoria fundante em Marx e Lukács.

No *Capítulo III* investigamos de modo específico a gênese e a fundamentação filosófica da “*teoria da atividade*”, evidenciando como a mesma é desenvolvida na obra do autor e seus desdobramentos no processo de escolarização da classe trabalhadora na contemporaneidade. Retomaremos aqui os elementos que compõem a referida categoria, quais sejam: motivo, ação e operação. Somada a esse esforço, intentamos analisar o processo de apropriação neoliberal e pós-moderna da categoria da atividade e seus desdobramentos no processo de escolarização, relacionado sua presença na área da educação, sobremaneira nos estudos acerca do processo de periodização do desenvolvimento infantil.

Ao final, estabelecemos traços gerais que comportam o que o autor denomina de “*atividade dominante*”, suas contribuições ao processo de desenvolvimento do psiquismo da

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que, nos limites de tempo para a execução deste trabalho, deixamos de fora de nossa análise os textos “*Atividade, Consciência e Personalidade*” (1974-1975), *Atividade e Consciência* (1977) e *Imagem do Mundo* (1979), isto é, as últimas produções de A. N. Leontiev. Tal fato deve-se, entre outros motivos, pela constatação feita por Shuare (2012) de que estes apresentariam concepções cristalizadas do autor acerca da categoria central de seus estudos, a categoria da atividade.

criança e ao processo educativo/formativo da classe trabalhadora no limiar do século XXI, oferecendo deste modo uma resposta aos detratores da chamada teoria da atividade, que utilizam-na das mais diversas maneiras, além de negar as bases teórico-filosóficas que lhe dão sustentação.

## **CAPÍTULO I – DA NECESSIDADE DA REVOLUÇÃO À NECESSIDADE DA CIÊNCIA: A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA RÚSSIA E CONTEXTO DE VIDA E PRODUÇÃO INTELECTUAL DE A. N. LEONTIEV**

Discutir os determinantes históricos e sociais que envolveram o processo revolucionário que culminou com a sublevação operária e camponesa de Outubro de 1917, demarcando, ademais, os elementos de vida e de elaboração intelectual de A. N. Leontiev, evidenciando a ineliminável articulação entre a produção teórica deste autor e os estudos da chamada Escola de Vigotski, constitui-se no objetivo de nosso primeiro capítulo.

No primeiro momento retomamos os escritos de um dos líderes da Revolução Russa, Leon Trotsky, tanto no livro “*A História da Revolução Russa*”, Vol. I (1980), “*A Revolução de Outubro*” (2007), bem como o livro “*A Revolução de Outubro: Conferências*” (1932), além de textos de interpretes contemporâneos como Bettelheim (1988), Hobsbawm (1995), Coggiola e Clemesha (2005), Tuleski (2002; 2004), Tragtenberg (2007) e Costa (2009) buscando evidenciar como o processo histórico de luta por uma sociedade socialista/comunista se desencadeou.

Em um segundo momento debruçamo-nos sobre alguns fragmentos da história de vida e de produção intelectual de A. N. Leontiev contidos em obras espaciais que tratam do tema, como também do processo de constituição da psicologia histórico-cultural, tomando como referência principal o livro “*Leontiev e a psicologia histórico-cultural: Um homem a seu tempo*”, de autoria de Mário Golder (2004), além do texto “*A Vida e o Caminho Criativo de A. N. Leontiev*”, de autoria de A. A. Leontiev - uma auto biografia ditada ao seu filho anos antes de sua morte e publicado no *Jornal de Psicologia Russa e Leste-Européia*<sup>7</sup>.

Sobre o primeiro momento, como advertidamente nos chama atenção Trotski (1980, p. 15), não se trata apenas de relatar os fatos que se passaram e com estes ocorreram. É

---

<sup>7</sup> In: LEONTIEV, A. A. The life and creative path of A. N. Leontiev. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 43, no. 3, May-June 2005, pp. 8-69. “O texto original trata-se de uma biografia científica da vida de Alexei Nikolaievich Leontiev, escrita pelo próprio filho de Leontiev, Alexei Alexeievich. O texto original, por óbvio, foi escrito em russo e traduzido para o inglês já com algumas (raras) perdas irreparáveis como tentei apontar ao longo do trabalho” (Nota do tradutor).

preciso verificar por que os fatos ocorreram deste e não daquele modo. Trata-se de compreender que os acontecimentos não podem ser considerados como um encadeamento de aventuras, nem inseridos, uns nos outros, num fio de *moral preconcebida*. Devem permanecer conforme à sua própria lei racional. É na descoberta desta lei íntima que o autor vê sua missão (TROTSKY, 1980, 15).

## **II - Sobre a situação da classe trabalhadora na Rússia: Apontamentos sobre a Revolução de Outubro de 1917 e seus desdobramentos**

[...] pode-se avaliar, provar mesmo, através de toda a marcha da História, que, qualquer sociedade, dilacerada por antagonismos internos, só consegue desvendar completamente, tanto a própria anatomia, com a própria “alma”, precisamente em uma revolução (TROTSKY, 1980, p. 413).

O século XX traz como uma de suas marcas mais evidentes a possibilidade imanente e inalienável do homem mudar radicalmente as bases sobre as quais se assentam o processo de desenvolvimento, mostrando-nos que, mesmo quando em meio a situações mais adversas, este busca romper com os entraves que se colocam frente à possibilidade de seu pleno desenvolvimento.

O exemplo mais pródigo de tal assertiva, a história não nos permitir negar, é indiscutivelmente a Revolução Russa. A história da luta de classes na Rússia, que teve como expressão maior os acontecimentos do ano de 1917, é exemplo claro daquilo que tem sido a história da humanidade, da luta encarniçada das classes sociais com interesses antagônicos. Como afirmaram Marx e Engels (2008) no *Manifesto do Partido Comunista*

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe. Homem livre ou escravo, patrício ou plebeu, barão e servo, membro de corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação

revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito (MARX & ENGELS, 2008, p. 08).

Passados mais de 94 anos do levante de outubro de 1917 as lições deixadas pela Revolução ainda continuam presentes na memória daqueles que buscam e lutam diuturnamente por uma forma de sociabilidade verdadeiramente humana, isto é, comunista. “No lugar da velha sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classe, surge uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um é o pressuposto para o livre desenvolvimento de todos” (MARX & ENGELS, 2008, p.46).

A retomada dos elementos históricos que antecederam a Revolução Russa, considerada por muitos como o acontecimento mais importante do século XX, assim como a Revolução Francesa foi para o século XIX (TRATENBERG, 2007), e seus desdobramentos não se dão ao acaso, ou ao mero sabor de nossos desejos pessoais. Entendemos que a recuperação dos determinantes históricos e sociais do solo sob o qual Lênin, Trotski e outros milhares de homens tomaram a frente do movimento operariado e camponês russo, é, como afirma Tuleski (s/d, p. 1), o campo de batalha, em que se transformou a sociedade russa pós-revolucionária para tornar-se diferente do que era, sendo que este está vivo nas linhas e entrelinhas das idéias, dos conceitos enfim, da teoria de Vygotsky<sup>8</sup>. Adverte-nos a autora que transladar a teoria vigotskiana para outro campo desconsiderando o solo concreto que a faz germinar seria efetuar uma assepsia neutralizadora da mesma, autorizando, deste modo/por conseguinte, sua vulgarização sem ameaças ou suspeitas (TULESKI, s/d, p. 1)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Sobre as transliterações, cabe esclarecer que ao longo de todo o texto respeitaremos tanto a escrita em russo, quando apresentar-se em algum texto ou obra dos autores mencionados, como a escrita utilizada em trabalhos de intérpretes, brasileiros ou não, que discutem a Psicologia Histórico-cultural.

<sup>9</sup> A referida assepsia encontra-se sobremaneira nos cortes realizados ao longo dos anos por alguns autores sobre as reflexões marxistas de Vigotski e sua Escola. As traduções surgidas no Brasil, por exemplo, apresentariam formulações mais limpa da obra de tais autores, expurgando o caráter marxista de suas obras, “[...] como se elas tivessem importância secundária para a compreensão de seus conceitos. Em consequência disso, as traduções se apresentam “assépticas”, limpas” do que parece ser considerada a “ideologia comunista”. Esta limpeza, realizada pelos tradutores em relação às reflexões marxistas, deu margem à polêmica existente de ser Vygotski marxista ou não. A ideia equivocada de alguns autores contemporâneos de que existia uma imposição ideológica desde a revolução, que obrigava os cientistas a adotarem o materialismo dialético em todos os seus trabalhos, acabou por reforçar ainda mais esta polêmica: era Vygotski realmente marxista ou adotou o marxismo por imposição ideológica?” (TULESKI, s/d, p. 2). Nas palavras da autora “[...] essa controvérsia se enfraquece na medida em que uma leitura mais abrangente e aprofundada das obras de Vygotski se enraíza nas grandes questões que a sociedade russa, e depois a União Soviética, tinha que resolver”. Nos deteremos mais especificamente sobre tais questões próximo item.

As condições objetivas que corroboram para a explosão da Revolução de 1917, especialmente a situação enfrentada pelos camponeses e operários russos nos últimos anos do século XIX e início do século XX, evidenciam o modo como a sociedade era organizada e os fatores que, tendo como dirigentes Lênin e Trotski, culminaram com a tomada de poder pelos operários e camponeses russos.

Como afirma Costa (2010), sob a direção de Lênin e Trotsky, no contexto da I Guerra Mundial, após o breve e limitado episódio da Comuna de Paris (1871), na França, os trabalhadores puderam concretizar a perspectiva de superação do capitalismo e da sociedade burguesa. No ano de 1917, pela primeira vez, a classe operária conquistaria o poder. É precisamente em meio a esse mesmo contexto, no âmbito da psicologia, que Vigotski e seus companheiros, lançando seu olhar sobre as necessidades da Rússia, buscaram responder aos problemas com que se deparavam os homens daquele período (TULESKI, 2005, p. 45).

A guerra civil e os acontecimentos que precedem a tomada de poder pelos operários e camponeses russos não podem prescindir da constatação dos aspectos desumanos e perversos desencadeados na necessária luta por outra forma de sociabilidade. Na Rússia, assim como as lutas encampadas em todo o mundo, não foi diferente. Muitas vidas foram sacrificadas na busca por uma sociedade livre e emancipada do jugo daqueles que aprisionavam a liberdade do povo russo. Não poderíamos aqui retratar, com a devida riqueza de detalhes e personagens, os acontecimentos que vão das últimas décadas do século XIX até a tomada de poder por Stálin e a consequente burocratização da Rússia sob seu governo. Nesse sentido nos limitaremos a fornecer elementos gerais que nos possibilitem entender os desdobramentos de tais acontecimentos, sobremaneira para a psicologia de base marxista.

A história da Revolução Russa apresenta-se como um dos maiores exemplos históricos de que a possibilidade de construção de uma verdadeira história humana (MARX, 1987), é sim possível, evidenciando, deste modo, que a forma social burguesa e/ou capitalista não é eterna, e que a história não chegou ao fim como querem os apologetas do capitalismo moderno, sendo evidente que, por mais que o sistema de produção capitalista utilize os mais diversos instrumentos/estratégias político-ideológicas para desarticular a luta dos trabalhadores e para mascarar a exploração desumana do trabalho, este jamais poderá excluir o homem do processo produtivo e ocultar as determinações que garantem a aceitação de sua lógica destrutiva e perversa.

A Revolução de Outubro de 1917 e as novas perspectivas que se delineavam na Rússia desde os últimos anos do século XIX até o final da década de 1920, quando da sublevação camponesa e proletária, marcam, indiscutivelmente, um desses momentos. Antes de adentrarmos na discussão sobre o levante acima citado levado às últimas conseqüências no ano de 1917, retomemos, em seus traços mais gerais, os momentos vividos pela população russa durante o regime czarista, sobremaneira no final do século XIX e início do século XX<sup>10</sup>, momento em que o país deixa nas sombras do pretérito, os traços feudais e transformava-se em um “país capitalista”.

Uma das características mais marcantes da Rússia no final do século XIX era exatamente a larga extensão de seu território, ocasionado pela conquista da Sibéria nos séculos XVI e XVII, fato que significou um enorme alargamento do território dominado até então por Moscou. Somem-se a isto as inúmeras guerras dos séculos XVII e XVIII pela disputa de territórios, fato que tornou a Rússia o maior país do mundo em extensão territorial (TRAGTENBERG, 2007).

Segundo o Tragtenberg (2007), “[...] A população russa passara de 14 a 170 milhões de pessoas a o ponto de, em 1917, ocupar o terceiro lugar mundial, atrás da China e da Índia”. Contraditoriamente a tudo isso, embora reunisse uma imensa extensão territorial, a população russa vivia imersa em uma situação de extrema pobreza. Tal extensão numérica era em grande parte improdutiva, uma vez que não eram apropriadas para a agricultura e, das terras que apropriadas, muitas teriam chegado a seu potencial de esgotamento, empobrecidas por técnicas agrícolas antiquadas (TRAGTENBERG, 2007).

A Rússia possuía ainda outra característica que nos demonstra mais visivelmente o modo como esta progredia, qual seja: por meio da concentração dos poderes nas mãos do Império czarista e do Estado<sup>11</sup>, demonstrando deste modo, o papel que ambos exerciam sobre a sociedade civil. Cabe ressaltar que é com o advento da dinastia Romanov, em 1613, que

---

<sup>10</sup> A reflexão ora suscitada vem no sentido de evidenciar que as raízes da degradação, miséria e do servilismo que ainda caracterizavam a Rússia do início do século XX tem raízes bastante antigas.

<sup>11</sup> Segundo Tragtenberg (2007, p. 62-63), “O Estado russo regulava inúmeros aspectos da vida humana. O governo era formalmente uma autocracia, no sentido de que a atividade política estava concentrada na figura de um autocrata, rei ou príncipe”. Teoricamente, tinha-se uma autocracia, no entanto na prática, havia na Rússia uma oligarquia latifundiária que demorou a ser incorporada ao novo Estado.

“[...] o sistema administrativo centralizado e burocrático permitiu que o imperador se libertasse da tutela da Assembleia dos Nobres” (TRAGTENBERG, 2007, p. 63). É este sistema que, segundo Tragtenberg (2007), fora implementado por Pedro o Grande e racionalizado com base em modelos europeus, de modo especial ao sueco, para formar o Estado regulador que se manteria até o ano de 1917.

Porém é importante salientar a relação do autocrata com a oligarquia e o papel do Estado na sociedade. Dois quintos dos 40 milhões de camponeses da Rússia europeia estavam sob administração direta do Estado. O Estado administrava o Santo Sínodo, a Academia de Ciências, controlava o ensino superior na sua totalidade e a maior parte do ensino primário e secundário; utilizando-se também da censura, exercia influência sobre o conjunto da vida intelectual do país (TRAGTENBERG, 2007, p. 63).

A história da Rússia é marcada como pode ser observado pela autoridade do governo czarista<sup>12</sup>. Convertido como força onipotente e decisiva de 1500 até as primeiras décadas de 1900, o regime czarista exercia seu poder tanto sobre os setores eclesiásticos e seculares, como exerciam controle de modo ilimitado na vida de seus súditos/servos, como também nos rumos da vida dos latifundiários, figuras que, como os servos, lhes garantiam sua manutenção no poder (TRAGTENBERG, 2007).

A situação do proletariado russo aquela época era precária. Além das baixas temperaturas, 20 graus abaixo de zero, os camponeses chegavam a trabalhar até 17 horas por dia, além de morar em cabanas feitas de madeiras e se aglomerarem em cortiços. Tudo isso e contraditoriamente a tal situação, para que a nobreza e a burguesia pudessem esbanjar dinheiro em suas festas e seus caprichos (COGGIOLA & CLEMESHA, 2007, p. 04-05)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> O termo czar “[...] é uma corruptela do termo latino *caesar*; era o título que os russos atribuíam ao imperador de Bizâncio e depois ao *khan* (“chefe”) da Horda Dourada. Ivan o Terrível foi o primeiro a se coroar como czar”. (TRAGTENBERG, 2007, p. 15 - Grifo do original).

<sup>13</sup> Uma ilustração bastante pertinente sobre a situação da aristocracia russa dessa época pode ser encontrada no livro de TOLSTÓI, Leon. **Ana Karênina**. São Paulo, Editora Nova Cultural, 2003. Ao mesmo tempo, nesta obra, é demonstrada a realidade do campesinato (precarizada, empobrecida). É um período de ebulição, que antecede a revolução. Para uma leitura histórica do referido livro e suas contribuições à psicologia e a arte literária, ver: SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da. **Psicologia Histórico-Cultural e Arte Literária: Homens e sociedade a partir de Leon Tolstói**. Monografia (Especialização em Teoria Histórico-Cultural). Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá 2005.

O despotismo czarista, caracterizado pela figura cruel e arbitrária do czar e pelo servilismo dos súditos, possuía ainda outras características bastante definidas, quais sejam:

1 – A sacrossanta encarnação da autoridade no czar nunca fora limitada explicitamente por mecanismos legais ou institucionais, mas pelos costumes e dependência da classe latifundiária e pelo setor militar.

2- O serviço obrigatório ao Estado, inicialmente aplicado à classe dos latifundiários, estendeu-se a todos os súditos, especialmente durante o século XVIII.

3 – A terra russa era considerada propriedade do czar.

4 – Vinculava-se a idéia de serviço à amplitude ilimitada de ação do Estado, especialmente como criador de todas as associações abrangidas por ele, excluindo-se a Igreja.

5 – A falta de diferenciação entre as atribuições legislativas, judiciais e administrativas e o desenvolvimento de uma burocracia centralizada correspondia à amplitude de ação do Estado e à extensão do Império.

6 – A intensificação do uso da força e da ação arbitrária da política no âmbito governamental tornara o exército elemento fundamental na política do czar. (TRAGTENBERG, 2007, p. 18)

Ao lado de tudo isso, muito embora seja possível evidenciar na história da Rússia pré-revolucionária indícios de rebeliões, como nos atesta os autores antes citados, apesar de protestarem contra a servidão, embora resmungasse contra a autocracia, o campesinato russo venerava o czar. Tal veneração devia-se, entre outros fatores, à ação da burguesia e do clero russo que se encarregavam de mitificá-lo como “*Pai do país*”, evidenciando deste modo que o regime czarista, autocrata e ilimitado – *uma verdadeira monarquia absolutista*, imperava na Rússia de modo quase incontestemente uma vez que sua governança dava-se tanto de modo consciente como pelo uso da força, e tinha como suas principais alianças à nobreza rural e a burocracia.

O Estado russo, governado por uma autocracia que em muitos aspectos se aproximava do despotismo asiático, esteve, desde sua origem, em 862, sob a pressão mais ou menos aguda das potências européias ocidentais. Enquanto o comércio entre as nações era ainda pouco considerável, foram as relações militares que exerceram a influência principal sobre a Rússia (COGGIOLA & CLEMESHA, 2007, p. 05).

Segundo esclarecem Coggiola e Clemesha (2007), durante o referido período, o Estado russo importava técnicos e especialistas na arte militar, ao passo que os recursos naturais para tal desenvolvimento eram extraídos do próprio país, fato que teria ocasionado cobranças abusivas de impostos, não apenas às “[...] classes privilegiadas em via de formação, mas e principalmente aos camponeses e pequenos comerciantes, que se viram em grande medida forçados a escolher entre a fome e a fuga” (COGGIOLA & CLEMESHA, 2007, p. 05-06).

O último dos governos czarista da Rússia, embora até o ano de 1905 mantenha-se como uma figura aparentemente boa e até certo ponto desconhecida da situação vivida pela população pobre daquele país, o czar Nicolau II, iria mostrar a face violenta e perversa de seu governo durante os últimos anos de seu governo.

Segundo Tragtenberg (2007) nos inícios dos anos de 1900 a Rússia ainda apresentava estruturas muito parecidas como os feudos, sendo que é característico da época um grande número de vassallos, juramentos de fidelidade, imunidades e franquias – tanto judiciais, laicas ou eclesiásticas. O declínio da sociedade feudal, que fez surgir a moderna sociedade burguesa, não foi capaz de abolir, também na Rússia, as contradições de classe. Nas palavras de Marx & Engels (2008, p. 09), a moderna sociedade burguesa, surgida sobre os escombros das sociedades feudais, “[...] apenas colocou novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas”.

No entanto, segundo Tragtenberg (2007), ao mesmo tempo em que era reconhecido o direito à separação do vassallo em relação a seu senhor faltava o laço feudal. O autor ressalta que,

No caso dos camponeses, a maioria da população russa até a Revolução de 1917, estavam sujeitos ao regime de servidão. Mas com características diferentes em relação às do feudalismo ocidental. Enquanto no Ocidente era um sistema fundado numa relação contratual entre senhor e vassallo, a servidão russa, basicamente de caráter econômico, fundava-se no édito do rei. A servidão constituiu nas mãos do estado um recurso para assegurar uma arrecadação fiscal estável e permanente, num país onde havia abundância de terra e a agricultura representava a principal fonte de exploração econômica, mas onde a mão-de-obra era escassa (TRAGTENBERG, 2007, p. 65).

Tragtenberg (2007) afirma que, formalmente, o Estado russo dividia a população, isto é, os chamados cidadãos do Império russo em três categorias distintas, quais sejam: “[...] os nascidos no país, os estrangeiros e os finlandeses (que constituía categoria à parte, em virtude de habitarem um grão-ducado autônomo)” (TRAGTENBERG, 2007, p. 63). Havia ainda outras divisões que compunham a estrutura social russa.

Os nativos estavam divididos mediante um estatuto que os definia como nobreza, clero, burgueses e camponeses. Porém a divisão era mais complexa: havia a nobreza hereditária e aquela a que se ascendia por virtudes pessoais; os burgueses estavam subdivididos em quatro categorias diferenciadas: cidadãos notáveis, mercadores, comerciantes e artesãos.

[...]

Somente os camponeses formavam uma classe legalmente homogênea, apesar das diferenças consideráveis entre os camponeses que serviam ao Estado e os servos. (TRAGTENBERG, 2007, p. 63-64)

As divisões e subdivisões acima, esta divisão formal entre privilegiados e não-privilegiados<sup>14</sup>, prevaleceu até a Revolução de 1905, quando se deram as primeiras manifestações dos trabalhadores. Nas palavras de Coggiola & Clemesha (2005, p. 04),

A Rússia pré-1917 era uma mistura de etnias, povos e culturas, ocupando um grande território de 22 milhões de quilômetros quadrados sob um regime absolutista, semifeudal (czarista), e era pouco desenvolvida economicamente. As terras estavam concentradas nas mãos da nobreza, e 80% da população (de um total de mais de 170 milhões) era rural. Além disso apresentava um enorme atraso em relação as demais potências européias. A economia era basicamente agrária, praticada em latifúndios explorados de forma antiquada, por meio do trabalho de milhões de camponeses miseráveis. A industrialização russa foi tardia, dependente de capitais estrangeiros e restringia-se a algumas grandes cidades.

---

<sup>14</sup> “Os privilegiados não estavam sujeitos a impostos diretos nem a castigos corporais e podiam locomover-se livremente pelo país. Apenas os nobres e burgueses compreendidos no grupo de cidadãos notáveis gozavam desses privilégios, representando 1% da população. Até 1861, a nobreza possuía o direito de ter servos como sua propriedade”. Ainda sobre os ditos privilegiados, Tragtenberg (2007, p. 64) ressalta que a estes “[...] cabia a direção do Estado, ao passo que os não-privilegiados sustentavam-se com seu trabalho e pagamento de pesados tributos. Além disso, os privilegiados dominavam o acesso à educação universitária. O aumento das liberdades políticas durante a Revolução de 1905 levou o governo a ceder às pressões dos não-privilegiados”. O autor ressalta ainda que existia aquela época uma espécie de organização corporativa das classes e estamentos sociais, sendo que a chamada nobreza hereditária, isto é, o grupo formado por comerciantes, mercadores e artesãos, além de organizados em corporativamente em províncias, cidades e vilas, eram responsáveis pela conduta de seus membros. A estrutura corporativa, criada e mantida pelo Estado, conservava isolados os vários setores da sociedade civil russa.

É somente no século XIX, em meio a uma forte ameaça de insurreição que emergira desde o ano de 1856, ainda no governo de Alexandre II<sup>15</sup>, em meio a migração rural-urbana e a formação de um proletariado urbano-industrial, que passa a ser pensada uma ação eficaz contra o Estado, a luta pela organização das massas populares e pela tomada de poder pelo povo russo.

Embora o regime czarista por meio dos mais diversos argumentos mantivesse a população sob seu jugo isto não significa de modo algum que a totalidade da população se mantivesse passiva a tal situação. Data do século XVII a constatação de uma gigantesca sublevação camponesa liderada por Stenka Razin, bem como a rebelião camponesa liderada por Pugatchev, no século XVIII que, embora não tenham conseguido derrubar o regime czarista, abalaram-no fortemente. De acordo Tragtenberg (2007) essas rebeliões camponesas tinham como alvo atingir os grandes latifundiários, a aristocracia urbana e a venalidade dos ocupantes de cargos públicos no país, os burocratas de Estado<sup>16</sup>.

Coggiola e Clemesha (2005) afirmam que a sociedade russa na virada do século XX era ainda mais desigual que a sociedade francesa às vésperas da Revolução de 1789. Nesta havia um predomínio total da aristocracia fundiária, que exercia seu poder diante de uma burguesia fraca e das massas camponesas marginalizadas. Contraditoriamente a tudo isso, a Rússia liderava a produção de petróleo e a extração de cereais. De mesmo modo, aliado a França, o país reivindicava o status de grande potência mundial, ao mesmo tempo em que punia severamente qualquer expressão de descontentamento (PIPES, 2008).

Ao lado de tudo isso, embora imensamente explorado, o proletariado russo “[...] possuía uma forte consciência política e social, e estava concentrado nos grandes centros urbanos – o que facilitaria sua mobilização em caso da revolução” (COGGIOLA &

---

<sup>15</sup> Em 1861, o czar Alexandre II aboliu a servidão, no entanto não libertou os camponeses da opressão econômica e social vivida. Ao mesmo tempo em que os camponeses foram transformados em “cidadãos livres”, passaram a ter o direito à propriedade, a recorrer à justiça e a dispor de seu próprio trabalho, influenciando deste modo na estrutura social, política, jurídica e militar do país, continuaram sendo explorados, sobretudo pelos grandes proprietários de terras. (TRAGTENBERG, 2007; GOMES, 2006)

<sup>16</sup> Um importante movimento de luta contra o regime imperial czarista citado por Tragtenberg (2007, p. 65) é o chamado *Movimento Dezembrista*, surgido em dezembro de 1825. “Anticzarista, pretendia a abolição da servidão e a formação de um regime constitucional republicano”.

CLEMESHA, 2005, p. 04). Ainda segundo os autores, aquela época não haviam partidos políticos legalizados, embora houvesse formações clandestinas bastante atuantes, sendo que entre elas o Partido Operário Democrata Russo era a mais importante. Em 1903 o Partido divide-se em duas facções distintas, quais sejam: os *bolcheviques*<sup>17</sup>, também chamados de radicais, e os *mencheviques*<sup>18</sup>, os moderados.

Nos finais do século XIX e início do século XX a Rússia emergia do feudalismo para outro patamar de sociabilidade, agora dominado pela introdução do capital estrangeiro, da maquinaria e do início do desenvolvimento da grande indústria capitalista ao mesmo tempo, a situação de miséria e opressão da classe trabalhadora aumentava em proporções alarmantes. Nas palavras de Tuleski (2002, p. 48),

A Rússia do final do século XIX se explica pelo anacronismo de suas instituições e classes sociais. O grito de ordem da Internacional Comunista de unir o proletariado em um movimento comum não deixou de ser ouvido pelo incipiente e pouco organizado movimento operário russo dos centros marcadamente industriais. No entanto, a necessidade de se buscarem melhores condições de existência era sentida com muita intensidade pela população campestre que, liberta dos laços servis, era expropriada de forma violenta pelos latifundiários. Esta combinação de descontentamento acabou por conduzir à Revolução de 1917, sob a liderança do proletariado enquanto classe politicamente organizada.

Cabe ressaltar ainda que, segundo Tuleski (2002, p. 48), interesses divergentes faziam-se presentes em meio à luta revolucionária. De um lado o proletariado industrial “[...] visando à socialização dos meios de produção e da propriedade privada”. Do outro “[...] o campesinato expropriado visando à propriedade privada ou pequena propriedade”. Esses, ainda afirma a autora, teriam sido os fatores que imprimiram um caráter tão agressivo a implementação do comunismo no campo (TULESKI, 2002).

---

<sup>17</sup> A palavra *bolchevique* em russo significa *majoritário*. Também chamados de exército vermelho, os bolcheviques ou o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR) eram liderados por Lênin.

<sup>18</sup> A outra facção que passou a denominar-se *mencheviques*, que em russo significa *minoritário*, segundo Trotsky (1980, p. 50), “[...] formou-se, definitivamente, durante os anos de reação e de regressão, apoiando-se, definitivamente na pequena camada de operários que havia rompido com a revolução; enquanto que o bolchevismo, terrivelmente esmagado durante o período de reação, subiu rapidamente à crista da nova onda revolucionária no decurso dos anos que antecederam a guerra”. Cabe ressaltar que, quando o autor fala nos *anos de reação e de regressão* este refere-se aos anos que antecederam a entrada da Rússia na I Guerra Mundial, tendo como foco um amplo processo de diminuição dos operários em greve em toda a Rússia.

A concentração de renda tanto nas mãos do Império czarista, como da pequena nobreza e da Igreja, fazia da Rússia do início do século XX um país ainda extremamente atrasado e dependente da agricultura, sendo que cerca de 80% da economia encontrava-se concentrada no campo, evidenciando deste modo enormes contradições agravadas ainda mais pela introdução da maquinaria. Aquela época os vestígios da servidão era insuprimíveis: os operários trabalhavam com salários extremamente baixos, com jornadas prolongadas de trabalho em ambientes insalubres<sup>19</sup> (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005).

As contradições do desenvolvimento histórico da Rússia foram precipitando abalos que acabaram se transformando em guerras internacionais e revoluções em plena virada do século XX. No ano de 1904 a Rússia e o Japão entram em conflito pela disputa do território e controle da Manchúria. Segundo Coggiola & Clemesha (2005),

A guerra russo-japonesa que ocorreu em fevereiro de 1904 a setembro de 1905, foi uma luta de interesses imperialistas pela posse de colônias no Extremo Oriente, embora também possuísse o intuito, para a Rússia, de atemorizar e desencorajar os movimentos populares de oposição ao czarismo (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 18).

A crescente penetração da Rússia no território japonês no Norte da Coreia, a consequente ocupação do território da Manchúria em 1900 e após diversas tentativas de conversação com o governo russo, o Japão atacou de surpresa em 08 de fevereiro de 1904.

---

<sup>19</sup> Um dado importante sobre o processo de escolarização da população do país àquela época demonstra que apenas 20% dos homens e 13% das mulheres da URSS sabiam ler e escrever no início do século XX. “Em 1917, na Rússia havia 70% de analfabetos, e nos demais países, que hoje fazem parte da U.S., o analfabetismo chegava a 98% e até 99%: regiões inteiras em que apenas 1 ou 2% sabia ler e escrever, sem contar que cerca de 40 países não possuíam sequer o alfabeto, não havendo a língua escrita (D’ABBIERO, 1951, p. 32-33 citado por TRAGTENBERG, 1981, p. 09). Sobre as Escolas Primárias, Capriles (2002, p. 18) afirma que estas não integravam uma rede de ensino que compusesse um programa russo de ensino. “[...] a grande maioria das instituições de ensino eram de propriedade de alguns setores da grande burguesia, nas áreas urbanas, dos latifundiários no campo, e uma pequena parte era do Estado. A Igreja, além de controlar maciçamente a instrução popular, também era proprietária de um significativo número de estabelecimentos educacionais. A Escola Primária era menos “básica” ou elementar”: sua duração variava entre dois ou três anos e o ensino limitava-se a transmissão dos dogmas religiosos, algumas noções de leitura e escrita, iniciação a aritmética e canto religioso. Num pequeno número dessas instituições, 5% do total, segundo estatísticas oficiais, o ensino perfazia, excepcionalmente, seis anos. Nesses estabelecimentos, existiam aulas complementares de gramática russa, história e geografia do país e algumas outras matérias não significantes (CAPRILLES, 2002, p. 18). “Cabe destacar que no contexto pós-revolucionário, Pistrak e Makarenko procuraram elaborar, a partir de suas práticas cotidianas, uma pedagogia nova, uma pedagogia socialista, capaz de contribuir para o surgimento do homem novo, necessário à continuidade e aperfeiçoamento dos ideais socialistas” (JÚNIOR, 2008). Sobre as contribuições dos autores mencionados para a educação soviética ver: JÚNIOR (2008), CUNHA (2012) e OLIVEIRA (2012).

Nas palavras de Coggiola & Clemesha (2005, p. 18-19), destruída suas frotas de Porth Arthur e do Báltico, abalada militarmente e sujeita às consequências da revolução interna da revolução de 1905, a Rússia aceita a mediação dos Estados Unidos e em 5 de setembro de 1905<sup>20</sup> firma o *Tratado de Portsmouth*, pelo qual cede o Sul da Sakalina e transfere para o Japão o arrendamento do Liaotung.

Durante os anos da I Guerra a Rússia perdeu enorme contingente de soldados. A situação do país se agravou, acarretando uma situação econômica catastrófica, uma vez que parte dos recursos, materiais e humanos, de que dispunha tinham sido “empregados” na Guerra. A situação das camadas mais baixas agrava-se, a miséria aumenta e as manifestações populares eclodem por todo o país. A crise ocasionada a partir da Guerra teria sérios desdobramentos no seio do movimento operário russo.

O desastroso desempenho da Rússia na Guerra contra o Japão (1904-1905), a miséria e a sujeição da população aos interesses czarista na manutenção da Guerra, leva a população às ruas. Uma dessas manifestações durante este período tem início nas Seções Operárias de Moscou<sup>21</sup>, lideradas pelo Padre Georg Gapon em 1905, que entrou para a história como “*Ensaio Geral*” da Revolução Russa.

Em dezembro de 1904, os trabalhadores da usina Putilov, de São Petersburgo, decidiram elaborar um boletim de reivindicações na linha pregada por Gapon. Tais reivindicações foram rejeitadas pela direção da empresa, e seus assinantes, demitidos. Em consequência, trabalhadores de outras seções vinculados ao padre Gapon solidarizaram-se com os demitidos, surgindo a idéia de elaborar uma petição ao czar em nome dos trabalhadores urbanos e rurais da Rússia, que seria entregue no Palácio de Inverso acompanhada de uma manifestação pública. Em janeiro de 1905, o documento foi redigido por Gapon, a pedido dos trabalhadores das várias seções (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 21-22).

---

<sup>20</sup> “Como a Rússia ainda seguia o calendário Juliano, que ficava treze dias atrás do calendário gregoriano adotado em todas as demais partes do mundo cristão ou ocidental, a Revolução de Fevereiro na verdade se deu em março; e a de Outubro, em 7 de novembro. Foi a Revolução de Outubro que reformou o calendário russo, como reformou a ortografia russa, assim demonstrando a profundidade de seu impacto. Pois é bem sabido que essas pequenas mudanças geralmente exigem terremotos sócio-políticos para trazê-las” (HOBSBAWM, 1995, p. 64-65)

<sup>21</sup> Somente eram admitidos nas Seções Operárias quem não fosse militante de partido político. Segundo Coggiola & Clemesha (2005, p. 21), o Padre Gapon “[...] contava com a inteira confiança dos freqüentadores das seções, trabalhadores fabris que a ele expunham seus problemas e discutiam os meios para melhorar a situação em que viviam. A política czarista na época era de incrementar o ingresso de trabalhadores nas seções dirigidas por Gapon e desestimulá-los a levantar reivindicações além das econômicas imediatas”.

Em 09 de janeiro de 1905, precisamente, tendo a frente o Padre Georg Gapon, ainda durante os conflitos da guerra russo-japonesa, cerca de 200 mil pessoas saíram as ruas em São Petersburgo, então capital do país, em passeata em direção ao Palácio de Inverno reivindicando, além de melhores condições de vida e de salário, liberdade de imprensa falada e escrita, liberdade de associação sindical, direito de greve, expropriação dos grandes latifundiários em benefício das comunidades camponesas, convocação de uma Assembleia Constituinte, instrução gratuita e obrigatória, oito horas de jornada de trabalho. Ao chegarem a frente ao Palácio, cercado pelos Cavaleiros de São Jorge, como eram chamadas as tropas militares do czar, para entregar a petição foram reprimidos violentamente pelos militares que dispararam contra a multidão, matando centenas de mortos e deixando milhares de feridos. O episódio é conhecido até hoje na história mundial como *Domingo Sangrento*<sup>22</sup>.

O “domingo sangrento” provocou uma violenta indignação e reação popular, que se expressou num vigoroso movimento grevista, que se organizou, nas principais cidades industriais, na forma do *soviet*, conselho de delegados operários eleitos diretamente no seu local de trabalho. O movimento, embora principalmente cidadão, ganhou fôlego nacional, e se estendeu, com uma radicalização política crescente, ao longo de todo o ano de 1905 (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 22 – grifo dos autores).

Os anos de 1904 e 1905, como demonstra Trotsky (1980, p. 49), marcam um momento importante na luta do proletariado pela conquista do poder.

Em 1904, primeiro ano da guerra russo-japonesa, a inspeção das fábricas acusou um total de 25 mil grevistas. Em 1905 o número de operários que tomaram parte nas greves políticas e econômicas ascendeu, em conjunto, ao total de 2 milhões 863 mil, isto é, um número 115 vezes maior que o do ano anterior. Este salto prodigioso demonstra por si mesmo que o proletariado, obrigado pela marcha dos acontecimentos a improvisar esta atividade revolucionária inaudita, devia, a todo custo, tirar de seu próprio seio uma organização que correspondesse à amplitude da luta e a grandiosidade dos fins que perseguia: assim nasceram os soviets (conselhos) da primeira

---

<sup>22</sup> Após o episódio, segundo Coggiola & Clemesha (2005, p. 24 – grifos dos autores) “O Padre Gapon dirigiu uma carta pedindo perdão ao czar; este, em troca, sabendo de suas relações com o Partido Socialista Revolucionário, solicitou que ele “informasse” à polícia secreta (*Okhrana*) tudo o que soubesse a respeito do partido e suas relações com aquele. Mas um membro do partido viu Gapon prestando informações à *Okhrana* e marcou entrevista com ele. Trabalhadores que confiavam no padre ouviram-no fixar o preço da delação e, interrompendo a entrevista, enforcaram Gapon no teto da casa em que se encontravam”.

revolução, convertidos posteriormente em órgãos da greve e da luta pela conquista do poder.

Os acontecimentos de 1905, segundo Trotsky (1980, p. 31) foram o prólogo das duas revoluções de 1917 – a de fevereiro e a de outubro. Afirma o autor,

O prólogo já continha todos os elementos do drama que, entretanto ainda não estava terminado. A guerra russo-japonesa abalou o tzarismo. Utilizando o movimento de massas com alavanca, a burguesia liberal abalou a Monarquia devido a sua oposição. Os operários organizavam-se independentemente da burguesia, opondo-se mesmo a ela em sovietes aparecidos pela primeira vez. A classe camponesa, numa extensão imensa do território, levantava-se para a conquista das terras. Assim como os camponeses, alguns efetivos revolucionários, no Exército, se voltaram para os sovietes que, no momento em que o impulso revolucionário era mais forte, disputaram abertamente o poder à Monarquia. Entretanto, todas as forças revolucionárias manifestavam-se, pela primeira vez, carecendo de experiência e sem confiança em si mesmas. Os liberais afastaram-se extensivamente da revolução logo se tornou evidente não ser suficiente apenas abalar o trono mas que seria necessário derrubá-lo. A ruptura brutal entre a burguesia e o povo, tanto mais que a burguesia arrastava consigo grupos consideráveis de intelectuais democratas, facilitou à Monarquia na sua obra de desagregação no Exército, a triagem de contingentes fiéis e ainda a repressão sangrenta contra os operários e os camponeses. O tzarismo saiu de seus sofrimentos de 1905 vivo, suficientemente vigoroso, apesar de algumas de suas costelas terem ficado quebradas.

Em meio aos acontecimentos desencadeados pela repressão ocorrida no mês de Janeiro e após o Domingo Sangrento é criado o *Soviet dos Deputados Operários de São Petersburgo* em outubro de 1905 durante uma greve geral. Em meio aos acontecimentos que abalaram o país inteiro o soviet sofre imensa repressão das tropas do czar, não deixando, no entanto de retomados suas atividades em defesa dos ideais revolucionários da classe operária.

Diante das revoltas populares o czar Nicolau II viu-se obrigado a conceder algumas das exigências dos operários. Além da criação da *Duma* (Assembleia Nacional), uma espécie de Parlamento, o czar concedeu a possibilidade de legalização dos partidos políticos. Embora em um primeiro momento possa parecer positiva a criação da Duma, pois representaria uma vitória do movimento operário sob o regime czarista, ela na verdade representou uma derrota

no sentido de ser um importante instrumento de controle/vigilância da aristocracia russa sob os partidos políticos.

Os acontecimentos de janeiro, contrariando as tentativas de aniquilação do movimento operário efetuado pelas Centúrias Negras do regime czarista, trariam lições imprescindíveis ao movimento operário russo. No *Jornal Proletari*, Lênin destaca três lições fundamentais apreendidas da Revolução de 1905, quais sejam:

A primeira e fundamental lição consistia em que só pela luta revolucionária as massas podiam conseguir melhorias sérias nas condições de vida e na administração do Estado. A segunda lição era a de que não bastava minar e limitar o poder tsarista, mas era necessário aniquilá-lo. A terceira e mais importante lição, sobre a atuação das diferentes classes. Todas as classes da sociedade tinham atuado abertamente e mostrado na prática a sua natureza, revelando as suas verdadeiras ambições (LÊNIN citado por GOMES, 2006, p. 134).

Para muito além da deserção provocada pelo ataque czarista, os camponeses entenderam que não bastaria apenas um levante em busca de melhorias nas condições de vida e de trabalho, era necessário mesmo ir à raiz dos problemas que afetavam a Rússia. Era necessária uma mudança radical no modo de produção da vida material. Os anos seguintes do levante popular de 1905 evidenciariam um período de regressão no que se refere às manifestações grevistas no país. Trotsky (1980) descreve este processo ao afirmar que

O proletariado esmagado em sua insurreição de dezembro de 1905, envida esforços heróicos, como demonstra a estatística das greves, para conservar parte das suas posições arrebataadas no decorrer dos anos subseqüentes, anos que ainda viveram do impulso revolucionário apesar de haverem sido anos de regressão. Os quatro anos seguintes (1908-1911) refletem-se no espelho da estatística das greves como um período de contra-revolução vitoriosa. A crise industrial, que com êsses anos coincide, esgota ainda mais o proletariado já exausto. A profundidade da queda é proporcional à altura alcançada no vôo anterior. Êstes simples dados gravaram fielmente as convulsões da nação (TROTSKY, 1980, p. 49).

O conjunto de contradições acumuladas ao longo dos últimos anos do século XIX e início do século XX, que teriam sido responsáveis ainda pelas guerras (guerra hispano-americana, guerra dos bóers, guerra russo-japonesa) provocariam crises internacionais até

explodiram na Primeira Guerra Mundial, que teve como uma de suas principais conseqüências a eclosão da própria revolução russa.

Posta nesta perspectiva histórico-mundial, esta última não foi, portanto, uma “anormalidade” do desenvolvimento histórico, mas um produto do desenvolvimento desigual e combinado da economia capitalista a escala mundial, que encontrava sua expressão última nas crises, nas guerras e nas revoluções. A lei do desenvolvimento desigual e combinado aparecia, pois, como o exato contrário da doutrina vulgar da evolução linear do capitalismo que se tornara dominante no socialismo europeu no início do século XX (COGGIOLA e CLEMESHA, 2005).

A participação da Rússia na I Guerra Mundial<sup>23</sup> além de agravar ainda mais a situação do país, ao mesmo tempo em que serviria para levar a cabo uma feroz ofensiva contra o crescente movimento operário russo. A Guerra que se seguiu até o ano de 1914 teve como desdobramento um regime dramático de repressão e miséria tanto na vida dos camponeses como dos operários. A entrada da Rússia na Guerra<sup>24</sup> só agravou a situação do povo<sup>25</sup>.

A economia mostrava sinais claros de um provável colapso. As fábricas russas tinham capacidade de satisfazer apenas um terço das capacidades militares. O preço para ultrapassar esse limite seria provocado a custo de uma crise de abastecimento da população, o que acaba ocorrendo no ano de 1916. Segundo afirma Trotsky (1980),

As indústrias de guerra cresciam desmesuradamente, devorando em torno de si todos os recursos e solapando as suas próprias bases. Os ramos da produção de tempo de paz começaram a estiolar-se. Apesar de todos os esquemas elaborados, o planejamento geral da economia nada conseguiu. A burocracia não consentia em entregar à burguesia o papel regulador da

---

<sup>23</sup> Segundo Gomes (2006), a I Guerra Mundial foi na verdade, uma guerra entre dois grupos de potências imperialistas pelo controle de colônias. “A frente de um dos grupos (a Quádrupla Aliança) estava o imperialismo alemão: desse grupo faziam parte, além da Alemanha, a Áustria-Hungria, a Turquia e a Bulgária. O outro grupo (a Entente) era encabeçada pelos imperialistas ingleses franceses; dele fazia parte também a Rússia [...] posteriormente entraram o Japão, a Itália, Estados Unidos e outros países.”

<sup>24</sup> Sobre a percentagem dos recursos anuais do Estado Russo destinado ao setor militar, segundo Trotsky (1980) estes foram sempre, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, superior a 50%, chegando mesmo a 85%” no século XX, fato que contribuiu decisivamente para o aumento da miséria da população, sobremaneira da população camponesa que havia enviado seus membros para atuarem em defesa da Rússia na Guerra.

<sup>25</sup> “Em 1915 a Rússia perdeu 2 milhões de homens e, no ano seguinte, a perda subiu para 8 milhões, apesar do extraordinário esforço para equipar o exército, feito pelo czar Nicolau II. Calcula-se que dos 15 milhões e meio de soldados recrutados até 1917, morreram de 45 a 54%” (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 75)

economia, apesar de sua capacidade para assumir êste encargo, diante da obstrução dos poderosos Comitês das Indústrias de Guerra. O caos aumentava. Os operários experientes eram substituídos por aprendizes. Cedo perderam-se as minas carboníferas, as usinas e fábricas da Polônia. Viu-se a Rússia privada, no primeiro ano da guerra, de uma quinta parte de seus recursos industriais. Cerca de 50% da produção fôra prejudicada pelas necessidades do Exército e da guerra, sendo que, dessa percentagem, 75% correspondiam aos tecidos fabricados no país. Sobrecarregados de serviços, eram os transportes incapazes de satisfazerem às necessidades das fábricas, em relação ao combustível e à matéria-prima. A guerra não somente absorvia todos os recursos nacionais em circulação, como também começava a dissipar assustadoramente o capital fundamental do país (TROTSKY, 1980, p. 55).

Sobre este aspecto Tuleski (2002, p. 49-50) afirma que a guerra e suas conseqüências devastadoras para um país que iniciava o processo de desenvolvimento do capitalista lutando para abandonar aos resquícios do feudalismo tanto da cidade como do campo, “[...] acabou por sublevar a população contra duas forças que a oprimiam: o governo czarista e o imperialismo capitalista”.

A especificidade do processo de desenvolvimento do capitalismo na Rússia determinaria ainda, segundo a autora, “[...] a especificidade de sua revolução, que combinou elementos de uma revolução burguesa com elementos de revolução proletária”. Segundo Tuleski (2002), a união do campesinato e do operariado teria, pois ocorrido por uma reivindicação comum:

[...] o fim da guerra; mas, sob esta reivindicação coletiva, o que buscavam os pobres da cidade era pão, os operários melhores salários e menos horas de trabalho e os camponeses, terra. A proclamação do slogan revolucionário “Pão, Paz e Terra” pelo partido bolchevique só fez crescer o apoio popular e quando chegou a hora o poder não foi tomado, mas sim “colhido” e o Governo Provisório, sem ninguém para defendê-lo, dissolveu-se (TULESKI, 2002, p. 50).

Nos anos de 1915, 1916 e início de 1917 a Rússia viveria momentos difíceis. A escassez do abastecimento que tomava em certos lugares caráter de verdadeiras convulsões locais, a deteriorização da força de trabalho, o ressurgimento dos mais grosseiros processos de exploração, a redução dos valores do salário e conseqüente agravamento do custo de vida desencadeia nos operários de toda a Rússia o renascimento da possibilidade de uma greve geral. Tal fato segundo Trotsky (1980) poderia ser verificado no “*processus* de radicalização

das massas” demonstrado pelas estatísticas que evidenciavam que as greves políticas envolveram seis vezes mais operários do que as greves econômicas. O ano de 1916 terminaria, segundo o autor, entre tufões e tempestades.

Durante os primeiros dois meses de fevereiro contavam-se 575 mil grevistas políticos, cuja maior parte pertencia à capital. Apesar de haver a polícia empreendido rigorosa repressão até com sevícias, na véspera de 9 de janeiro, 150 mil operários declaram-se em greve, para festejar o aniversário desse dia sangrento. Os espíritos estavam superexcitados: os metalúrgicos haviam tomado a dianteira e *os trabalhadores sentiam cada dia mais de perto impossibilidade de recuo*. Em cada fábrica formava-se um núcleo de ação geralmente em torno dos bolcheviques. Durante as duas primeiras semanas de fevereiro, as greves e os meetings sucedem-se sem interrupção (TROTSKY, 1980, p. 56 – grifo nosso).

Já não era mais possível retroceder. Ainda sob o poder do czar Nicolau II, a égide da exploração dos nobres, em condições de pobreza e com o capitalismo ganhando cada vez mais espaço, acontece nos meses iniciais do ano, em fevereiro especificamente, um levante que antecederiam a tomada de poder pelos bolcheviques. Segundo Costa (2010, p. 12) em fevereiro de 1917 (março de acordo com o calendário ocidental), a autocracia czarista ruiu sob o efeito da sublevação operária, da fome e da decomposição do exército devastado pela I Guerra Mundial, sendo que a classe operária desempenhou um papel fundamental neste processo revolucionário.

Segundo Tuleski (2002, p. 46), as transformações ocorridas na Rússia neste período com vistas à construção de uma sociedade socialista, estavam diretamente articuladas, entre outros fatores, com “[...] as transformações internas da sociedade capitalista, determinadas, todas elas, pela primeira grande crise do capitalismo e suas conseqüências: o imperialismo expansionista e o movimento revolucionário da classe operária”. Neste cenário de forças contraditórias, segundo afirma a autora, “[...] a Rússia vai despontar como país capaz de catalisar o ideal revolucionário do operariado mundial, ao combinar interesses contraditórios do proletariado e do campesinato” (TULESKI, 2002, p. 46).

Trotsky (1980) afirma que a Rússia ainda nos dois primeiros meses do ano de 1917, era a monarquia dos Romanov. Oito meses mais tarde essa situação mudaria. Os bolcheviques apoderar-se-iam

[...] do leme, eles que, no princípio do ano, eram desconhecidos, e cujos líderes, no momento mesmo do acesso ao poder, foram inculcados da alta traição. Não encontramos na História outro exemplo de uma reviravolta tão brusca, sobretudo se nos lembrarmos de que se trata de uma nação contando com 150 milhões de habitantes... (TROTSKY, 1980, p. 15)

Trotsky (1980) ressalta ainda que a audácia revolucionária do proletariado urbano não hauria somente e si mesmo, uma vez que a situação de minoria a qual se encontravam no país mostra que não seria possível “[...] dar à uma luta tão grande amplitude nem tampouco assumir a direção do Estado, se não tivesse encontrado apoio nas mais densas camadas das massas populares. Foi a questão agrária que lhe assegurou este apoio” (TROTSKY, 1980, p. 57).

Nos primeiros meses de 1917 a Revolução Russa era uma “revolução anunciada” (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005). O mês de fevereiro é marcado por uma série de greves operárias em todo o país. Tais manifestações, como ressaltam os autores supracitados, deveriam ser duramente reprimidas pelos soldados, que tinham ordens expressas de atirar contra o povo caso estes tentassem qualquer tipo de diálogo. Aos 26 dias de fevereiro os operários em greve dirigiram-se ao centro da cidade na tentativa de iniciar um diálogo com os soldados do governo. Com suas armas em punho, cumprindo as ordens de seus oficiais, os soldados atiraram contra a multidão e mataram 40 operários e feriram outras dezenas. Inconformados com aquela situação, os soldados se rebelaram ainda na noite do dia 26 e tomaram os quartéis.

Em poucas horas, Petrogrado estava na mão dos revoltosos, que se dirigiram então ao Palácio de Tauride, a sede da Duma, onde foram recebidos por um dos deputados, Aleksander Kerensky (membro do partido menchevique). Sem saída, o czar Nicolau II renunciou ao trono em favor de seu irmão Mikhail, em 2 de março (15 de março) de 1917 (COGGIOLA e CLEMESHA, 2005, p. 82).

Após um período de exílio na Suíça, embora continuasse sua comunicação com o partido bolchevique, Lênin retorna a Rússia pela Alemanha, em um vagão lacrado e desembarca em Petrogrado no dia 04 de abril (17 de abril pelo calendário ocidental). No dia 07 de abril são publicadas suas “*Teses de Abril*”. Embora ainda pouco elaboradas, com uma

nota explicando que estas eram de opinião pessoal, as teses foram difundidas pelo Comitê de Petrogrado e adotadas após votação.

As teses de abril dariam um novo rumo à revolução. Além da tomada imediata de poder pelos socialistas mediante a transferência de “*todo poder aos soviets*”, o programa elaborado por Lênin defendia a nacionalização dos bancos, distribuição de terras aos camponeses, controle das fábricas pelos operários, além do restabelecimento da paz na Rússia. Segundo Coggiola & Clemesha (2007), Lênin não pretendia esperar o amadurecimento da Rússia para instalar o socialismo, sendo o único a compreender que o capitalismo já existia e já havia vitimado a Rússia, e todo o mundo com a mortífera guerra imperialista, defendendo assim a tomada de poder pelos bolcheviques e a instauração da “ditadura do proletariado”.

Nas suas *Teses de Abril*, o programa histórico da “virada”, Lênin partiu da “conclusão da fase burguesa da revolução”, para afirmar que “a característica do atual momento histórico na Rússia é determinada pela passagem do primeiro estágio da revolução, que deu o poder à burguesia devido à insuficiente consciência e organização do proletariado, a seu segundo estágio, que passará o poder para as mãos do proletariado e dos estratos pobres da classe camponesa”. Se o que impedia a tomada do poder pelo proletariado em fevereiro fora só a sua insuficiente consciência e organização (um fator político), isto significava que não existia uma “revolução nacional” separada por uma etapa histórica da revolução proletária (o que significava admitir o princípio básico da “revolução permanente”). O bolchevismo seria, graças a isto, o instrumento político do “segundo estágio” da revolução (COGGIOLA & CLEMESHA, 2007, p. 100-101).

Ao longo dos meses após o levante de fevereiro houve um renascimento das manifestações do povo russo e de outros países da Europa. Intensas disputas políticas marcam ainda o período que vai de fevereiro a outubro de 1917. A clareza de que as manifestações de fevereiro não estariam acabadas com a queda do czarismo traziam como tarefa ao Partido Bolchevique a necessidade de acumular forças enquanto movimento político, era necessário fortalecer o movimento revolucionário. A solução encontrada seria a consolidação dos soviets, tendo como referência o soviet de São Petersburgo. Os soviets, enquanto espaços e instrumento de decisão coletiva desempenharia um papel fundamental no processo de formação das massas populares.

O mês de outubro entraria para a história das lutas da classe trabalhadora em todo o mundo. A situação de opressão sofrida por toda a população russa durante o regime czarista e o governo provisório de A. Kerenski chegariam ao fim. A imprensa e seus representantes afirmavam a todo o momento que no dia 22 de outubro haveria uma ação armada do partido bolchevique. Que tal ato ocorreria não havia dúvidas! Caberia a eles adivinhar com precisão o dia, por isso espalhavam-se as mais diversas profecias e conjecturas a fim de que o partido bolchevique afirmasse ou desmentisse tal fato (TROTSKI, 2007, p. 75).

Segundo Trotski (2007), àquele momento o soviets agia com calma e segurança, sem dar atenções às vociferações da burguesia e da opinião pública. Contrariando as especulações, a parada do Exército Proletário, realizada neste mesmo dia, ocorreu sem o derramamento de sangue pelas ruas com havia anunciado a burguesia e direita contra-revolucionária, ao mesmo tempo em que as massas populares vinham em grande número às reuniões do soviets de Petrogrado. As reuniões duravam horas, sem interrupção. “Todos os prédios públicos foram inundados por um mar de operários, soldados e marinheiros. Reuniões como essas, mesmo durante a revolução, raramente haviam ocorrido em Petrogrado” (TROTSKI, 2007, p. 75).

Dezenas de milhares de homens invadiram a Casa do Povo, turbilhonaram pelos corredores e se amontoaram nas salas ultralotadas. Ao redor das colunas de ferro penduravam-se, com enormes ramos de videira, guirlandas de cabeças humanas, mãos e pés. A atmosfera estava repleta dessa tensão eletrizante que caracterizava todos os momentos críticos da Revolução: “Abaixo o governo Kerenski!”, “Abaixo a Guerra!”, “Todo o poder aos soviets!” (TROTSKI, 2007, p. 75).

Já não havia quem ousasse emitir qualquer opinião contrária a ação do partido bolchevique. Em meio aquela atmosfera revolucionária, já não era mais possível retroceder. A ação revolucionária já havia começado. “Faltava apenas pelas mãos do exército, dar nesse fantasma de governo, o golpe de misericórdia” (TROTSKY, 2007, p. 76). No dia seguinte, 23 de outubro, Trotski dirigiu-se à Fortaleza de Pedro Paulo, então sede da base militar de Petrogrado e do Comitê Revolucionário para garantir a passagem de poder aos soviets. O momento decisivo da Revolução se aproximava. A noite do dia 24 para o dia 25 seria de intensa agitação.

O governo de Kerenski corria de um lado para o outro. Convocou do front dois novos batalhões de ciclistas a bateria anti-aérea, tratava também para

que viessem os corpos de cavalaria... A caminho, os ciclistas enviaram ao Soviete de Petrogrado um telegrama que dizia: “Estamos nos dirigindo a Petrogrado, mas não sabemos por quê. Façam o favor de nos dar instruções” (TROTSKI, 2007, p. 79).

Apesar de toda a luta para garantir à passagem do governo as mãos dos operários, soldados e camponeses russos, a historiografia registra algumas tentativas de barrar a revolução. Um exemplo de tais empreitadas ocorreu no dia 24 de outubro quando a gráfica e do Jornal do Soviete de Petrogrado, ambos órgãos do partido bolchevique, foram impedidos pelo governo de publicar os informativos do partido. Segundo Trotski (2007, p. 83),

As portas da gráfica haviam sido lacradas por ordem do governo. O Comitê Militar Revolucionário respondeu imediatamente a essa medida, colocando os dois órgãos sob a proteção e confiando ao “glorioso regimento de Volívia a grande honra de defender a livre imprensa socialista contra atentados contra-revolucionários”. O trabalho na gráfica recomeçou em seguida e os dois periódicos saíram à mesma hora de sempre.

Outro momento da tentativa de sabotagem do processo revolucionário foi a ocupação da central telefônica por aspirantes-a-oficial, fato que ocorreu com a participação das senhoras telefonistas que faziam oposição do soviet. Nas palavras de Trotski, este teria sido um dos primeiros indícios de sabotagem, fato que levou o Comitê Militar Revolucionário um destacamento de soldados e colocá-lo na frente da central. Desse modo começou a tomada dos órgãos governamentais. “Os marinheiros e a guarda vermelha ocuparam, com pequenos contingentes, o telégrafo, os correios e outros serviços públicos. Começaram os preparativos para tomar o Banco do Estado” (TROTSKI, 2007, p. 80).

Durante o período que sucedeu a queda do czar Nicolau II<sup>26</sup> e antecede a toma de poder pelos bolcheviques, sob as ordens de A. Kerenski, nomeado primeiro ministro pelo príncipe Lvov, que havia tomado posse com a queda do czar, o governo provisório reunia-se desde então no Palácio de Inverno. Na noite do dia 24 para o dia 25, a Rússia havia sido tomada por uma grande agitação. O governo, temendo a sublevação operária e camponesa, que já vinha sendo anunciada, recorria para a artilharia na tentativa de manter a ordem e

---

<sup>26</sup> Nicolau II havia fugido da Rússia com sua família.

impedir a revolução. O redor de Kerenski, no Palácio de Inverno, reunia-se desde oficiais, tropa de choque do regime de mulheres e aspirantes-a-oficiais. O governo já não era mais do que a sombra de um governo. Politicamente, ele havia deixado de existir.

No dia 25 de outubro, o Palácio de Inverno foi pouco a pouco cercado por nossas tropas. À uma hora da tarde, anunciei na sessão do Soviete de Petrogrado, em nome do Comitê Militar Revolucionário, que o governo de Kerenski já não existia e que, na expectativa da decisão do Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, o poder passava para as mãos do Comitê Militar Revolucionário (TROTSKI, 2007, p. 83).

Nesse período Lênin, que havia sido exilado na Finlândia pelo governo de Kerenski, encontrava-se escondido em um bairro nos arredores de São Petersburgo. Com a tomada de poder pelos bolcheviques, tendo a burguesia deixado o poder, era ora de cumprir com as exigências pelas quais tanto sangue havia sido derramado, “*Paz, terra e pão*” para aqueles que vivem do cultivo da terra e do trabalho fabril. Segundo Coggiola e Clemesha (2007, p. 104), dois anos após a Revolução de Outubro, Lênin escrevia: “No momento da conquista do poder, quando foi criada a República dos *soviets*, o bolchevismo atraía tudo que havia de melhor nas tendências do pensamento socialista mais próximo”. Após a Revolução de Outubro o partido bolchevique representava uma organização centralizada forte, que havia absorvido os melhores elementos entre os operários progressistas e entre a inteligência revolucionária (COGGIOLA & CLEMESHA, 2007, p. 105).

Nos primeiros meses que sucederam a Revolução de Outubro foram criados diversos comitês para normalizar o abastecimento de alimentos nas grandes cidades da Rússia. Com a tomada de poder nenhum comerciante poderia mais fazer especulação com as mercadorias de que dispunha, os alimentos saqueados pelos bolcheviques foram distribuídos entre as famílias camponesas e operárias, decretou-se a extinção do latifúndio e as terras passaram a ser distribuídas entre as famílias camponesas.

No plano interno, desde o início foram adotadas medidas que tendiam ao exercício real do poder pelos trabalhadores. Já no primeiro ano da existência do Estado soviético foram elaborados os atos legislativos fundamentais no domínio da política social, que incluíam problemas tais como o trabalho, a organização da sua proteção, o salário, os cuidados com a saúde dos trabalhadores, a proteção à maternidade e à infância, o melhoramento das condições habitacionais e das condições de vida, a assistência médica dos trabalhadores (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 133)

Tuleski (2002) faz duas observações importantes acerca dos primeiros anos que sucederam a Revolução de Outubro, quais sejam: Embora as relações capitalistas existentes até então na Rússia tenham sido alteradas, no entanto, apenas parcialmente sofreram transformações. Adverte a autora que “[...] as formas como estas se manifestavam continuavam a reproduzir-se, como: a moeda, o preço, o salário, o lucro, etc. Tais formas não podiam ser abolidas por decreto”; Sobre os primeiros anos da Revolução Russa adverte ainda a autora que não se pode afirmar que sua aparência correspondesse a essência do projeto socialista que a impulsionou, “[...] o fato de ter sido abandonada juridicamente a propriedade privada, não garantia que, automaticamente, as relações burguesas haviam sido eliminadas” (TULESKI, 2002, p. 54).

Dentro dessa contextualidade, grandes desafios se apresentariam aos dirigentes do partido bolchevique. Entre os principais, a de maior urgência certamente era a necessidade de defender-se contra aqueles que buscavam acabar com o regime ali instaurado. Durante os primeiros anos diversos países tentaram destruir a Rússia, sendo que foram registrados 14 ataques, incluindo o Japão, os Estados Unidos entre outros.

Os primeiros anos da historiografia da russa socialista registram ainda uma violenta Guerra Civil ocorrida dos anos de 1918 a 1921 entre os contra-revolucionários [exército branco] e os bolcheviques, que saíram vencedores do conflito, sendo importante ressaltar o papel dos camponeses na defesa das conquistas advindas da Revolução. Assim afirmam Coggiola & Clemesha (2005, p. 152):

No fim daquele ano, os esforços e a capacidade de Trotsky, a resistência dos aliados em ir mais longe e as inquietudes dos camponeses e das nacionalidades inclinaram a balança para o lado bolchevique. A guerra terminou em 1921, mas desde 1920 o novo regime parecia a salvo. As conseqüências da guerra civil foram de longo prazo. No plano político interno, os bolcheviques viraram donos absolutos do cenário. [...] Com o fim da guerra civil os bolcheviques viraram “partido único”, nação pela própria vontade, mas pela literal dispersão dos partidos restantes.

Os autores afirmam ainda que, desde o ano de 1918 a ofensiva contra os mencheviques e os SR's havia diminuído, sendo que data do ano de 1920 a última

participação destes no Congresso Panrusso dos Soviets enquanto representantes de organizações soviéticas, uma vez que não seriam mais tolerados a partir de então. Após a saída de Martov, então líder do partido, da Rússia, o que ainda havia restado do partido ou uniu-se aos bolcheviques ou abandonou a política (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 153).

Como não puderam destruir a Rússia por meio da Guerra os países capitalistas iniciaram um ciclo de isolamento do país com o restante do mundo (TROTSKI, 2007, p. 93). A partir daquele momento passa a Rússia deixa de importar e exportar produtos, vivenciado a partir de então um período de terríveis epidemias de fome. Com a economia paralisada e as plantações devastadas, milhares de pessoas morreram. Urgia recuperar a economia do país.

É ainda em meio a esse quadro assustador que é criada a *Nova Política Econômica (NEP)*. Segundo Coggiola & Clemesha (2005, p. 154), a NEP era uma “[...] política que reintroduzia mecanismos de mercado na economia urbana e rural, abandonando a requisição forçada dos excedentes agrícolas (basicamente, para alimentar o exército) que caracterizou o período de 1918-1921, conhecido como “*comunismo de guerra*”. Nesse sentido algumas medidas foram adotadas visando diminuir o quadro ora presenciado, quais sejam: incentivo do artesanato, sendo que já era permitido aos camponeses vender seus produtos na cidade; assinatura de contratos com empresas estrangeiras para o fornecimento de capital estrangeiro e tecnologia ao país, embora sob rigoroso estado de vigília; permissão para o funcionamento de empresas privadas, embora ainda controladas pelo Estado entre outras. A produção agrícola passa a ser restabelecida no interior do país e as pequenas indústrias começaram a se organizar. Pouco a pouco a situação da Rússia começava a ser modificada.

A morte de Lênin nos primeiros dias do ano de 1924 daria início a uma grande disputa pela direção do partido bolchevique, e conseqüentemente, da Rússia. A disputa no interior do agora chamado *Partido Comunista* entre Trotsky e Stálin traria importantes mudanças no rumo da jovem Rússia socialista. Além de acabar com a NEP, propondo em seu lugar os chamados “*Planos Quinqüenais*”- que pretendia desenvolver de forma acelerado a economia do país - de modo ditatorial, Stálin, vencedor da disputa assume o cargo de Secretário Geral do PCUS, sucedendo Lênin, e inicia seu governo expulsando vários de seus inimigos políticos da URSS, incluído nesse número figuras como a de Trotsky, um dos mais importantes dirigentes da Revolução de Outubro de 1917.

Após a morte de Lênin, em 21 de janeiro de 1924, abre-se uma etapa de lutas intrapartidárias que só culminará em 1929, quando Stalin impõe a seus pares a expulsão, da Rússia, do seu grande rival, Trotsky. A vitória de Stálin não significou apenas a liquidação política do defensor da teoria da “revolução permanente, com a conseqüente hegemonia d concepção do “socialismo num só país””: significou, sobretudo, a gradativa implantação de uma sistemática política que abolia a discussão democrática das alternativas do socialismo – estimulada por Lenin -, substituindo-a por uma centralização burocrática do processo de decisões, levadas a cabo por um pequeno círculo funcional aglutinado em torno do Secretário-geral (NETTO, 1979, p. 19).

O governo autocrata de Stálin seria marcado não somente por uma profunda degradação teórica do pensamento marxista, mas, e, sobretudo, pela intensa violência em nome da defesa do socialismo em um só país. Além de Trotski, antigos companheiros que discordavam de seus posicionamentos foram caluniados e expulsos, presos, torturados ou assassinados, ou ainda obrigados a arrependeram-se e confessar, publicamente, seus “crimes” contra o povo soviético (TEIXEIRA, s/d, p. 226). Segundo Tertulian (2007, p. 06), “A formidável máquina de perversão stalinista não deixava moralmente imunes aqueles que não perdiam a vida”.

A instauração de um sistema político autocrático além de introduzir modificações fundamentais na vida econômica russa, deu início ao processo de coletivização da agricultura, articulando-a ao projeto de industrialização acelerada do país, com a elaboração do primeiro plano quinquenal. Segundo Tuleski (2002, p. 109), com a implementação dos Planos Quinquenais, a partir de 1928 por Stálin,

A divisão do trabalho, ao invés de ser eliminada, acaba por consolidar-se no interior das unidades de produção, o que vai configurando uma espécie de ‘taylorismo socialista’. A ênfase na produtividade, o recurso ao salário por empreitada, aos estimulantes materiais e às diferenciações de salários contribuíram para reproduzir as divisões internas das fábricas, consolidando o individualismo e a competição entre os trabalhadores por melhores salários.

Segundo Bettelheim (1976) o Plano Quinquenal anunciado por Stalin em 1928 era a princípio uma proposta de coletivização gradual da agricultura, passando as fazendas ao controle do Estado, pressupondo a adesão voluntária do campesinato devido aos benefícios que este poderia alcançar com a modernização da economia. O que ocorreu foi uma resistência férrea em relação à nova política agrícola, desencadeando a coletivização forçada

por parte do Estado. Apesar da violência exercida sobre os camponeses, as medidas triplicaram o número de fazendas coletivas do Estado. Em 1933 as fazendas coletivas abrigavam 93,4% da população rural<sup>27</sup>.

A vitória de Stálin inicia assim uma “nova” era na vida da recém formada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a chamada era das “*grandes mudanças*”. Segundo Deutscher (1970) citado por Netto (1979), em 1929, cinco anos após a morte de Lênin, a Rússia Soviética aventurar-se-ia ainda a uma segunda revolução, dirigida única e exclusivamente por Stálin. Nas palavras do autor,

Quanto ao alcance e impacto imediatos sobre a vida de cerca de cento e sessenta milhões de pessoas, a segunda revolução foi ainda mais ampla e radical que a primeira. Redundou na rápida industrialização da Rússia; forçou mais de cem milhões de camponeses a abandonarem suas pequenas e primitivas propriedades e fundarem fazendas coletivas; arrancou implacavelmente das mãos do mujique o secular arado de madeira e obrigou-o a segurar a roda de um trator moderno; levou dezenas de milhões de analfabetos para a escola e fez com que aprendessem a ler e escrever; e espiritualmente desligou a Rússia européia da Europa e colocou a Rússia asiática mais perto da Europa. Os prêmios desta revolução foram espantosos; mas também o foi o seu custo: a perda total, por parte de uma geração inteira, de liberdade espiritual e política. É necessário um grande esforço de imaginação para avaliar a magnitude e a complexidade dessa transformação social que não tem nenhum precedente histórico. Mesmo levando-se em conta as diferentes proporções dos problemas humanos em outras épocas, os maiores reformadores da história russa, Ivan, o Terrível, e Pedro, o Grande, e também os grandes reformadores de outras nações, parecem anões ao lado do vulto gigantesco do Secretário-geral” (DEUTSCHER *apud* NETTO, 1979, p. 19-20).

O processo acima mencionado, a “grande mudança”, acionada pelos mais diversos mecanismos, pelo Secretário-geral, inscreveria o stalinismo como uma das páginas heroicas e sangrenta da história do socialismo e que até hoje é lembrada nas pela historiografia russa e mundial. Segundo Netto (1979), a suspensão de democracia socialista no período stalinista no contexto de rápidas mudanças sócio-econômicas e que envolveu a sociedade russa em uma camisa-de-força de um abrangente terrorismo psicossocial não pode ser reduzida a fenômenos

---

<sup>27</sup> No período da I Guerra Mundial (1914-1918), cabe ressaltar, a Rússia já se configurava ao lado dos Estados Unidos, Alemanha e Japão como uma das principais potências mundiais. Sua produção voltava-se, sobretudo para a indústria de base e setores de infra-estrutura, sendo visível o avanço do processo de modernização da agricultura.

de superestrutura. De acordo com Mandel (1978) citado pelo autor, estes fenômenos imbricando-se manifestamente em um *conjunto de relações sociais e de relações de produção características*, quais sejam:

[...] ausência de autogestão dos produtores, ausência de auto-administração dos cidadãos e de controle destes sobre a administração política e econômica, planificação burocraticamente centralizada, apropriação e distribuição do sobreproduto social pelo Estado, fora de todo o controle dos produtores, regime do diretor único e todo-poderoso no seio da empresa, manutenção da estrutura hierárquica desta, sistema de remuneração assegurador de chorudos privilégios para os altos funcionários, submetendo boa parte do proletariado aos horrores do trabalho à peça etc.” (MANDEL *apud* NETTO, 1979, p. 20-21)

Ao longo dos quase 29 anos de seu governo Stálin prendeu, matou, torturou e perseguir diversos de seus inimigos, fossem eles opositores ao seu governo, comunistas ou quaisquer outros. Um fator importante para se compreender a aceitação e aprovação do governo do ditador era a evidência das melhorias que haviam ocorrido na vida da população. Entre as medidas adotadas estavam melhores condições de habitação, escola gratuita para as crianças, criação de um sistema de saúde, diminuição de uma grande parcela da população de desempregados. Assim, Stálin governou até sua morte “*sem maiores ameaças*”. Se por um lado Stálin mostrava-se imensamente preocupado com a situação do povo russo, buscando manter assim a aparência de um governo cuidadoso e bondoso, por outro, um amplo movimento de mascaramento, por assim dizer, do despotismo stalinista, escondia a face oculta da crueldade do governo russo seja com cartazes, pinturas, filmes e/ou propagandas que enalteciam a figura de Stálin (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005).

A natureza autofágica do stalinismo estendeu-se para além da morte do Secretário-geral (março de 1953): ela somou-se à fragilidade de toda autocracia – a áspera luta pela sucessão -, que culminou, por volta de 1955, na supremacia do grupo de Krushev. No ano seguinte, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Stalin tem despido o seu manto sagrado: abra-se o “degelo”, a crítica ao stalinismo.

Esta crítica, contudo, realiza-se por meio (e no meio) daquele mesmo aparelho político-partidário que Stalin pôde construir à sua imagem e semelhança. Não desce ela, compreensivelmente, às raízes efetivas, histórico-sociais, do stalinismo: o aparelho prefere, ao contrário, o cômodo método de atribuir as deformações impostas ao socialismo ao chamado “culto da personalidade”. Não se atentou para a indicação de Baran, enunciada logo em seguida à “desestalinização: “Atribuir todos os crimes e

erros, cometidos na União Soviética antes da Segunda Guerra Mundial e, após ela, em todos os países da Europa Oriental e Sul-oriental às pessoas de Stalin, Béria e colaboradores, é praticar o ‘culto e da personalidade’ ao contrário. As coisas não são tão simples assim. O sentimento geral... é que ‘todo sistema’, na verdade, deve ser responsabilizado pelo que fez a liderança”. No entanto, quer no XX, quer no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, continuou-se a praticar esse “culto da personalidade” às avessas – ou, nas palavras contundentes de Lukács: “O que houve até agora foi o início do processo... de desaparecimento do stalinismo na forma de stalinismo” (NETTO, 1978, p. 21-22).

Segundo Netto (1979), para além da tentativa de superar essencialmente as características da era stalinista, tal crítica alonga-se, na rota de um verdadeiro neo-stalinismo. Procura-se dessa forma justificar, segundo o autor, as limitações básicas de tal concepção na medida em que, desnudando por detrás da legenda de um Stalin “guia genial dos povos” traços de uma personalidade onde se mesclavam, paradoxalmente, a pertinácia com a incultura, a vocação política com a volúpia do poder, a fidelidade à causa revolucionária com o mais feroz sectarismo, a dedicação ao Partido com a idolatria burocrática- procura-se justificá-la na medida em que a crítica radical pode conduzir a uma generalizada decepção revolucionária. Ressalta ainda o autor, cabe deixar claro, que tal reserva é própria, tanto no Partido russo com em outros Partidos Comunistas que, entre os anos de 1930 e 1956, forjados no “aço stalinista” faziam do reboquismo às soluções russas a pedra-de-toque de sua existência (NETTO, 1979, p. 22).

De 1956 até hoje, a herança stalinista parece refratária à autêntica análise marxista. Entre o “degelo” manipulado da maioria esmagadora dos Partidos Comunistas (capitaneados pelo russo) e a reação ideológica burguesa, não penetrou ainda, de modo efetivo, a análise orientada pela metodologia marxista – a não ser que se considere legitimamente marxista o folclórico grupo de pretensos heterodoxos, baluartes de uma abstrata independência intelectual, que justificam a sua má consciência ideológica com a fácil recusa do stalinismo na crista de um indisfarçado projeto liberal para o marxismo (NETTO, 1979, p. 23).

Para muito além de fornecer qualquer balanço ou juízo de valor sobre a historiografia da Revolução de Outubro de 1917, nosso intuito foi realçar os aspectos mais significativos da marcha dos acontecimentos que evolveram o desenvolvimento desta, seus protagonistas e as características marcantes deste período que ainda permanece obscurecido em vários aspectos

e que, quando do debate sobre o processo de constituição da psicologia de base marxista, tem sido deixada à margem na atualidade.

A Revolução Russa constituiu-se, antes de qualquer coisa, uma negação a sociedade czarista até então vigente e, “[...] uma consequência da crise mundial do capitalismo, que teve sua expressão clara (e trágica), na I Guerra Mundial (TRATENBERG, 2007, p. 123-124). A Revolução desencadeada na Rússia não teria sido assim uma exceção, afirmam Coggiola & Clemesha (2005, p. 161), sendo pois “[...] uma resposta contundente à carnificina da Primeira Guerra Mundial, evidência do impasse histórico do capitalismo”.

A vitória russa deveu-se à existência de uma direção revolucionária à altura da tarefa (o bolchevismo), embora essa direção nada teria conseguido sem o movimento revolucionário consciente dos trabalhadores, materializado na sua auto-organização em Conselhos Operários (*soviets*) (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 161)

Ao longo dos anos muitas afirmações têm sido feitas acusando o partido Bolchevique de ter montado, desde o início da Revolução, um sistema de opressão contra aqueles que eram de facções contrárias a eles. Nas palavras de Coggiola & Clemesha (2005, p. 159), reduzir o complexo panorama histórico da Rússia a tal afirmação é, no mínimo, uma afirmação leviana. As palavras de Trotsky, Bukhárin, Radek, desautorizariam tal afirmação ao defenderem que “[...] sem a Revolução de Outubro, a Rússia teria virado uma semi-colônia do capitalismo alemão ou anglo-francês (ou de ambos) depois da Grande Guerra”.

Por fim, não é possível negar, muito embora seja evidenciada a degeneração posterior de Revolução Russa, o fato de esta ter sido, objetivamente, uma das maiores tentativas feita pela classe operária, e pelo próprio gênero humano, de superar o capitalismo, motivo pelo qual ela continua no centro da reflexão histórica e política de todos aqueles que lutam contra todas as formas de opressão do ser humano (COGGIOLA & CLEMESHA, 2005, p. 162).

## **I. II – Por que Leontiev? Elementos de contextualização de sua vida e produção intelectual**

Afinal, por que estudar Leontiev? Apenas porque este teria se tornado, entre os autores que se destacam na contemporaneidade e no quadro teórico de diversos pesquisadores nacionais e/ou internacionais, referência na discussão sobre Psicologia e Educação? Dada a escolha pelo referido autor, em que contexto é apresentada sua obra e suas relações com OS escritos de Vigotski e Luria?

Embora os autores que compõem a corrente de psicologia denominada histórico-cultural tenham alcançado divulgação internacional, destacando-se neste sentido as reflexões desenvolvidas, sobretudo, por Vigotski, citado em uma proporção maior que os demais, nomes como os de Luria, Leontiev, Elkonin e Davydov tem sido mencionados com grande frequência nas pesquisas desenvolvidas no Brasil nas últimas décadas.

Se, como afirmara Duarte (2002, p. 280), havia entre nós, pesquisadores brasileiros, havia uma carência significativa de trabalhos que tomassem como referência a teoria da atividade, desde seus fundamentos até sua possível utilização como referencial para as pesquisas e estudos sobre a educação na sociedade contemporânea, os últimos anos, a nosso modo de ver, testemunham, de modo incontestado, um crescimento volumoso de tais estudos. No entanto, como já mencionamos em nossa introdução, e como advertidamente chama a atenção Duarte (2002), é possível evidenciar, nos estudos mencionados, uma recorrente falta de aprofundamento em relação às bases que dão sustentação ao arcabouço teórico-metodológico das reflexões do autor, bem como uma corriqueira tentativa de afirmar, sem o devido cuidado, “*um suposto distanciamento de sua obra e a teoria vigotskiana*”<sup>28</sup>.

Entendemos, deixemos claro, que a produção teórica de A. N. Leontiev somente pode ser compreendida se falarmos deste autor e sua estreita relação com Alexander Romanovich Luria e Lev Semenovich Vigotski. O grupo constituído pelos autores, como diria Vasili Davídov e Marta Shuare (1987)<sup>29</sup>, a “Escola psicológica de Vigotski” ou *troika ou tróica* (Grupo de três), como ficou conhecida, dedicou, ao longo de seus estudos, especial

---

<sup>28</sup> Entre os autores que debatem a suposta ruptura afirmando um distanciamento entre os estudos de Vigotski e Leontiev, estão: Van Der Veer & Valsiner (2001), Kozulin (2002), Blank (1996), Rey (2003; 2007; 2012).

<sup>29</sup> Livro publicado pela Editora Progresso, de Moscou intitulado “**La Psicología Evolutiva a Pedagógica em la URSS** – Antología.

atenção ao processo de desenvolvimento tanto do psiquismo como da personalidade humana, aos problemas da defectologia, do processo de escolarização, da neurociência entre outros. Tal produção, baseada em uma matriz marxista, refletia as mudanças que se operavam àquela época na sociedade soviética, considerando que a tarefa mais importante do século para a psicologia era a criação de uma “psicologia geral” (IAROCHEVSKI & GURGUENIDZE, 2004, p. 498).

Operar qualquer tentativa de entendimento de sua vida sem falar do seu contato com os autores mencionados ou mesmo operar uma cisão entre a produção destes seria, a nosso modo de ver, negar parte significativa de sua história. Nesse sentido buscamos apresentar um breve esboço do percurso de elaboração teórica de Leontiev, afirmando a base marxista de sua psicologia e sua filiação aos mesmos pressupostos fundamentais sobre os quais se debruçou Vigotski, Luria, entre outros, de modo a asseverar a necessária articulação entre as teses defendidas por estes e as elaborações da chamada Escola de Vigotski, negando, deste modo, as tentativas difundidas na atualidade de separação pessoal e intelectual do autor em tela e Vigotski.

Cabe ressaltar que poucas são as obras de Leontiev que foram traduzidas para o português e, das que o foram, algumas apresentam problemas de tradução<sup>30</sup>. Assim, para traçar o percurso intelectual e pessoal de Leontiev utilizaremos, além de alguns textos que dispomos do autor – tanto em português como em espanhol, da produção de pesquisadores de cunho internacional como Marta Shuare (1990) e Mário Golder (2004), além do texto “*A Vida e o Caminho Criativo de A. N. Leontiev*”, de autoria de A. A. Leontiev - uma auto biografia ditada ao seu filho anos antes de sua morte e publicado no *Jornal de Psicologia Russa e Leste-Européia*, além de textos de pesquisadores brasileiros que discutem a psicologia histórico-cultural<sup>31</sup> como Teixeira (2004), Duarte (1996; 2002; 2003; 2004), Facci (2004),

---

<sup>30</sup> Nos referimos aqui, a título de exemplo, a tradução do livro **O desenvolvimento do psiquismo**, obra mais conhecida do autor em tela no Brasil traduzida pela Editora Centauro (1978). Para fins deste trabalho, utilizaremos a edição traduzida pela Editora Livros Horizonte datada de 1980.

<sup>31</sup> Faze-se necessário aqui uma menção aos trabalhos desenvolvidos por Sílvia Lane na década de 1980 no Brasil. Segundo Do Carmo (2008), é através da Professora Sílvia Tatiana Maurer Lane, que chega ao Brasil os primeiros exemplares de alguns livros dos três mais importantes expoentes da psicologia histórico-cultural (Vigotski, Leontiev e Luria). Tais estudos se expandem na década citada e ganham espaço crescente entre educadores e psicólogos na década de 1990. Sílvia Lane esteve durante muitos anos a frente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC - São Paulo, mantendo inclusive contato com Mário Golder, importante psicólogo argentino. De acordo com a autora, citando Sawaia (2006), o referido encontro ocorreu na

Martins (2004), Tuleski (2002; 2004), Pasqualini (2008), Eidt (2009), Carmo (2008) entre outros.

Alexei Nikolaievich Leontiev<sup>32</sup> nasceu em 05 de fevereiro de 1903 (18 de fevereiro pelo Calendário Antigo) em Moscou e faleceu em 21 de janeiro de 1979. Leontiev era filho de Nikolai Vladimirovich Leontiev, descendente de uma família da pequena burguesia do Bairro de Pankrat'evskaia em Moscou e trabalhava como finanças, especialmente no ramo da distribuição de filmes<sup>33</sup>, e Aleksandra Alekseevna, descende dos Nizhnii, da família de um operador de navios à vapor no Volga, ou seja, oriunda também de uma classe de comerciantes (A. A. LEONTIEV, 2005).

Leontiev formou-se pela Primeira Escola Especializada de Ciências situada na esquina da Volkhonka com a Avenida Gogolevskii (Prechistenskii), em frente à Catedral de Cristo, o Salvador. Este prédio abriga hoje o Instituto V. V. Vinogradov de Língua Russa, da Academia Russa de Ciências. É fácil notar que ele na verdade se formou numa escola de trabalho unificada [*unified labour school*]. Segundo fragmentos de uma auto-biografia, citada por seu neto A. A. Leontiev, este teria se formado “[...] de uma forma ou de outra... um ano

---

Universidade de Havana e foi “[...] decisivo para reforçar e aprofundar os elementos teóricos constituintes da psicologia histórico-cultural, muito embora Lane já discutisse textos dos três expoentes da referida Escola”. Outro ponto que cabe mencionar é a denominação histórico-cultural cunhada também através dos estudos desenvolvidos por Lane e seus colaboradores. Assim como Duarte (1996) consideramos importante deixar claro as especificidades que definem e distinguem a Escola de Vigotski das demais Escolas de Psicologia. O grupo formado por Vigotski, Leontiev e Luria, conforme Duarte (1996, p. 84) “[...] preocupou-se sempre em caracterizar essa psicologia naquilo que ela tem de diferenciador em relação a outras, ou seja, sua abordagem histórico-social do psiquismo humano. Por essa razão, as denominações que eles mais utilizaram para autocaracterizarem foram a de teoria histórico-cultural e a Teoria da Atividade, sendo esta segunda denominação empregada para caracterizar especificamente o trabalho de Leontiev e seus seguidores”. A Professora Sílvia Lane faleceu em 29 de abril de 2006.

<sup>32</sup> Adotamos, ao longo de todo texto, apenas o sobrenome do autor: Leontiev. Quando nos referirmos ao seu filho, utilizaremos a escrita A. A. Leontiev. Encontramos diversas formas de escrita para o nome do autor, quais sejam: Leontyev, Leóntiev, Leont'ev e Leontiev. Ao longo de todo o texto utilizaremos a última grafia, no entanto, respeitaremos a escrita das fontes utilizadas.

<sup>33</sup> Segundo A. A. Leontiev (2005, p. 03), Nikolai Vladimirovich Leontiev trabalhou na *Soiuzkino ou Sovkino* (órgão da burocracia soviética responsável pela produção, financiamento e distribuição de filmes, bem como do controle da importação de películas estrangeiros para o país) em 1932. Nas palavras do autor, “[...] o que ela era antes da Revolução foi assunto não divulgado por razões compreensíveis (em alguns formulários, A. N. escreveu que seu pai era “funcionário” antes da revolução), porém sabe-se que era uma família abastada. Porém, não por muito tempo. Em meados dos anos 1930, Nikolai Vladimirovich foi preso pelo Comissariado do Povo para Assuntos Internacionais (NKVD) (e há quem diga que foi por ordens diretas do comissário do povo, Yagoda); seu destino, e talvez sua vida, foram redimidos pela esposa à custa das joias de família”.

antes do que deveria”, e depois trabalhou por um curto período como auxiliar de escritório (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 02).

Os anos compreendidos entre 1918 até aproximadamente o início de 1921 – quando a família retorna a Moscou, traz uma carga de mistério na história de vida dos Leontiev’s. Durante este período a história da família Leontiev é marcada por certa opacidade. Para A. A. Leontiev (2005), “[...] existem razões para crer que A. N. escondeu a verdade intencionalmente quando, ao preencher certos formulários, afirmou *não* estar em território ocupado pela Guarda Branca durante os anos da Guerra Civil” (A. A. LEONTIEV, 2005, p. – grifos do original).

Desde cedo, segundo memórias expostas em sua autobiografia, à família preparou Leontiev para ser engenheiro. Nesse sentido, em vez de matriculá-lo em um ginásio, seus pais o matricularam em uma Escola Técnica, a qual acabou abandonando.

Quando era um técnico aprendiz, meus pais pensavam que eu me tornaria um engenheiro. Era a tecnologia que me despertava o interesse mais do que tudo. Não posso lembrar com que idade minha paixão por construir aviões começou. Em nossa classe, ninguém construía aeromodelos, para falar em linguagem moderna. E não havia clubes de tal sorte. De qualquer modo, eu não sabia que existiam. Na verdade, havia aviões de brinquedo à venda que não podiam voar, e mesmo kits de montagem, mas eles provocavam um certo desprezo em mim. Havia “propulsores” e “*butterflies*” que podiam voar, mas isso era algo completamente diferente.

Eu construía modelos voadores de maneira completamente independente, utilizando os diagramas mais básicos e conhecidos como guia: havia um pedaço de bambu para a fuzilagem, uma superfície coberta por papéis de cigarro colados, o mesmo para o leme, e um motor de elástico para fazer girar o propulsor. Todo o resto era imaginação. Mesmo o propulsor era feito com minhas próprias mãos de modo muito engenhoso: um monte de palitos pontiagudos de madeira eram colados uns aos outros formando um ângulo, saindo do centro, e então as irregularidades nas pontas eram cortadas com uma faca. O corpo também era construído de maneira muito inteligente – do cabo de um guarda-chuva quebrado. Em suma: a coisa mais importante era a invenção. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 07).

Nas palavras de A. A. Leontiev (2005, p. 07), neto de A. N. Leontiev, tudo caminhava bem, até que os interesses tecnológicos desapareceram e os problemas filosóficos emergiram como questão central.

Foram esses problemas que me levaram um belo dia ao Instituto de Psicologia, onde eu perguntei: onde é que se estuda para ser psicólogo?

Alguém me disse que era necessário me matricular na escola de filologia clássica (que logo se tornou a Escola de Ciências Sociais) para estudar com o professor Chelpanov. Foi o que fiz e a primeira conferência à que assisti foi especificamente sobre psicologia e foi o próprio Chelpanov quem falou - no grande auditório do Instituto de Psicologia. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 07-08)

Contradições também surgem durante este período da vida do autor. Afirma A. A. Leontiev (2005, p. 08), que em sua autobiografia tal episódio é retratado de forma um pouco diferente.

Como testemunha dos eventos da revolução e da Guerra Civil, e tendo se interessado pelos ensinamentos dos anarquistas (a casa que eles ocuparam, destruída em Janeiro de 1918, não ficava longe de sua casa em Malaia Dmitrovka), Leontiev desenvolveu o desejo - como ele lembrava quando velho - “de compreender filosoficamente e dar sentido ao” que estava acontecendo. “Cataclismas sociais fizeram emergir interesses filosóficos. Isto foi o que aconteceu com muitos”, disse ele. E foi só mais tarde, não sem a influência de Chelpanov, que ele mudou da filosofia para a psicologia, começando com os problemas filosóficos do afeto. O primeiro *paper* apresentado por Leontiev no Instituto de Psicologia (sobre um tema sugerido por Vygotsky), como lembrava ele, foi recebido com muito constrangimento, e se chamava, “Kant e Luria”.

Aquela época, quando A. N. Leontiev decidiu ingressar na Universidade, não havia oferta de nenhuma especialização em Psicologia (A. A. LEONTIEV, 2005). Havia uma Escola de Filologia Histórica da qual seu avô teria feito parte do Instituto de Psicologia dirigido por Georgii Ivanovich Chelpanov. Dados da autobiografia do autor informar que o mesmo começou os estudos na Faculdade de História e Filologia da Universidade Estadual Lomonosov de Moscou (MGU) em 1921, formando-se prematuramente no ano de 1923. No entanto, existem informações contraditórias sobre este período da vida do autor, quais sejam:

[...] de acordo com um “certificado” oficial dado a Leontiev pela universidade em 1926, Ele ingressou na Universidade Estatal de Moscou (MGU) em 1922 e se formou em 1925, e em 1926 passou nos exames de conclusão de curso (ou “se submeteu aos exames da Comissão Estatal de Qualificação”) e defendeu sua tese (ou “trabalho de qualificação” [qualifying work]) (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 05)

Em formulários preenchidos em 1949 e 1972, os anos como estudante da MGU são informados diferentemente: 1921-24. Em suas memórias orais, Leontiev disse ter sido expulso da universidade na primavera de 1923, e que se formou, então, atendendo aos exames, porém sem comparecer às aulas. O

motivo, de acordo com as lembranças de A. N., foi uma brincadeira de estudante. Leontiev dirigiu ao professor de filosofia, A. I. Udal'tsov, uma pergunta provocativa - o quê o respeitável professor achava de um certo Wallace, um psicólogo que baseava suas teorias na biologia e era, acima de tudo, um anti-marxista. Seria necessário explicar que não havia uma tal pessoa chamada Wallace? Ainda assim, Udal'tsov - com medo de revelar a falta de familiaridade com o nome de Wallace - deu uma caracterização detalhada e inteiramente marxista desta figura fantasmática. Como resultado, o estudante inquiridor foi expulso...

(Em suas histórias sobre si mesmo, parece haver ainda uma razão a mais para a expulsão. Ao preencher um dos numerosos formulários, A. N. em resposta à questão “Qual sua atitude em relação à autoridade Soviética?”, supostamente escreveu o seguinte: “Eu a considero uma necessidade histórica.”)... (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 05)

Mesmo após o incidente Leontiev teria sido mantido na Universidade para “se preparar para o trabalho como professor”, o que hoje equivaleria ao curso de doutorado. Durante este período freqüentou aulas de autores como

[...] Georgii Ivanovich Chelpanov, que ministrou um curso sobre psicologia geral na escola de ciências sociais, e que já foi mencionado (ele é conhecido como o fundador do Instituto de Psicologia, que ainda existe no mesmo prédio do campus da velha universidade localizado na praça Manezh); do filósofo Gustav Gustavovich Shpet, que após muitas décadas de obscuridade tornou-se novamente popular (como lembra Leontiev, Shpet ensinou a História do Conceito de Forma - “este curso seria avançado se comparado com o curso obrigatório sobre história da filosofia”); do historiador do socialismo, V.P. Volgin, certa vez aclamado, hoje tem seu nome preservado somente em placas de ruas no sudoeste de Moscou; dos historiadores M. N. Pokrovskii e D. M. Petrushevskii; do filólogo clássico P. S. Preobrazhenskii. Estes são nomes de relevância em toda Europa. No Salão Comunista, (da atual escola de jornalismo da MGU), Nikolai Ivanovich Bukharin ministrou pela primeira vez um curso de história do materialismo - A. N. o encontrou diversas vezes na loja de animais [pet store] no Arbat, que ele, misturado à multidão dos freqüentadores, visitava com grande prazer. E na Avenida Tverskoi, M. I. Kalinin, o ancião da Grande-União, freqüentemente caminhava sem qualquer segurança pessoal. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 05-06)

No ano de 1924, após ingressar no Doutorado, Leontiev é contratado como pesquisador não permanente do Instituto de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais. Ao

mesmo tempo Leontiev desenvolvia atividades no sistema de alfabetização com Tártaros, trabalhadores do complexo têxtil Mossukno no Zamoskvorech'e.

Por isso recebia 46 rublos de ouro por mês – uma quantia tremenda, de acordo com suas memórias. “Parece estranho, mas naquela época eu recebia mais do que em qualquer outro momento da minha vida”, lembrava. Em uma longa entrevista que deu a K. E. Levitin (1990), mencionou que ao mesmo tempo ele gerenciava uma biblioteca para a mesma Comissão de Erradicação do Analfabetismo. “Mas então, finalmente consegui um trabalho modesto e pouco remunerado no instituto pedagógico como assistente de laboratório e então pude me dedicar completamente à ciência”, recordou A. N. (Levitin, 1990, p. 99). Isto não é inteiramente correto - de acordo com alguns registros, ele começou na verdade a trabalhar como assistente de laboratório em 1º de Outubro de 1924, mas no departamento de psicologia do Instituto de Pedologia e Defectologia de Moscou, que fechou em Setembro do ano seguinte, 1925. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 06-07)

Um quadro de intensas mudanças se apresentava no Instituto de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais (FON). Aquela época, sob a autodenominação de marxistas, uma nova geração assumiria a direção do Instituto. A frente da oposição ao idealismo de Chelpanov estavam K. N. Kornilov e P. P. Blonsky<sup>34</sup>. Ocorreu neste período um verdadeiro expurgo do quadro de professores e instrutores da Universidade. Segundo V. la Briusov citado por A. A. Leontiev (2005, p. 09)

O expurgo do quadro de professores e instrutores foi executado numa reunião setorial dos professores e instrutores da FON. Este expurgo, no qual participaram muitos ativistas proeminentes do partido, incluindo o delegado e Comissário do Povo M. N. Pokrovskii, foi conduzido *com muita firmeza*. Alguns professores renomados foram demitidos da Universidade por causa de suas visões sócio-políticas, sua visão idealista de mundo, e outras considerações similares - por exemplo, Professor Chelpanov. (citado em Instituto de Psicologia, 1994, p. 13).

Além de Chelpanov, muito de seus colaboradores e apoiadores foram banidos na Faculdade de Ciências Sociais (FON). Ao mesmo tempo, muitos cientistas jovens foram contratados, além de um processo de reestruturação dos interesses de pesquisa (o termo

---

<sup>34</sup> Segundo Leontiev (2004, p. 430-431), a tentativa de edificar uma psicologia marxista se por um lado mostrava avanços significativos no início da década de 1920, por outro, para avançar seria preciso lutar em duas frentes: uma contra o idealismo (frente na qual continuava a militar Tchelpánov, combatendo as idéias da psicologia marxista), e outra contra o materialismo vulgar (o mecanicismo e energeticismo de Békhterev, o reducionismo fisiológico e a biologização da psique etc.).

reações agora deveria ser incluído em todos os campos) e de mudança do nome do Instituto, batizado agora de Instituto Estatal de psicologia Experimental de Moscou. Leontiev (2005, p. 09) ressalta ainda que esta mudança de nomenclatura foi a primeira de uma longa seqüência de mudanças. O autor ressalta ainda que o Instituto se separou da Universidade de Moscou, tornando-se parte da Associação Russa de Institutos de Pesquisa nas Ciências Sociais (RANION).

Em novembro de 1923, quando, após os “expurgos”, Chelpanov foi oficialmente demitido pelo reitor da Universidade de Moscou, V. P. Volgin, um jovem e agitado A. N. veio ver Chelpanov e perguntou-lhe, “Georgii Ivanovich, devo partir?” A isto respondeu o sábio e humano Chelpanov: “Não faça isto! Isso tudo é assunto para intelectuais, e você não tem opinião própria. Não tem qualquer obrigação comigo.” (Então, lembra A. N., Chelpanov lhe deu uma cópia autografada de sua brochura “Psicologia e Marxismo.”) Alexei Nikolaevich, após alguma hesitação, seguiu o conselho – e como resultado se tornou um forte aliado e seguidor de Vygotsky. Foi isso o que disse para seu filho. Como conta V. P. Zinchenko (também baseado nas palavras de Leontiev), Chelpanov disse algo diferente: “Você ainda é um jovem, tem a vida toda pela frente, e ainda não está maduro o suficiente para tomar decisões plenamente conscientes”. (Levtin, 1990, p. 82). (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 11-12)

Convidado a trabalhar no Instituto durante aquele período, Luria (1982) ressalta que a situação vivida ali era única. Segundo o autor (1982), citado por Leontiev (2005), “Todos os laboratórios foram rebatizados de forma que os nomes incluíssem o termo “reações” – havia o laboratório de reações visuais (percepções), reações mnemônicas (memória), reações emocionais, e assim por diante”. Todos os traços que ainda permaneciam da psicologia subjetivista de Chelpanov deveriam assim ser substituídos, nas palavras do autor, com uma versão do behaviorismo (LURIA, 1982, citado por A. A. LEONTIEV, 2005, p. 12).

Todos os que lá trabalhavam eram jovens e inexperientes. Ninguém tinha mais de vinte e quatro anos, e poucos tinham o treinamento adequado, embora todos estivessem inflamados de entusiasmo, e as opções de estudos nas mais variadas reações eram verdadeiramente amplas: camundongos brancos corriam por labirintos, as reações motoras de sujeitos adultos eram estudadas meticulosamente, e problemas de educação eram reportados. (LURIA, 1982, p. 18 citado por A. A. LEONTIEV, 2005, p. 12)

Segundo A. A. Leontiev (2005, p. 13), durante o processo de reorganização do Instituto de Psicologia, Luria ficou responsável por um Laboratório, destinado a pesquisas

sobre reações afetivas. Leontiev “[...] tornou-se o principal pesquisador de Luria, suas “mãos”, como ele mesmo diria mais tarde” (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 13)<sup>35</sup>.

Menos de um ano se passou antes que um homem de Gomel aparecesse no Instituto à convite de Kornilov e sob a iniciativa de Luria (então secretário acadêmico do Instituto) – Lev Semenovich Vygotsky. Ele, Luria, e Leontiev rapidamente encontraram uma linguagem comum e logo começaram as colaborações mútuas, que só teriam fim com a morte de Vygotsky.

É no ano 1924 que acontece o encontro inicial do psicólogo russo com Luria e Vigotski, nesta ordem, acarretando uma mudança fundamental no rumo científico e pessoal de Leontiev.

O que aconteceu foi que Vygotsky apareceu no Instituto quando o time Luria-Leontiev já tinha sido montado. Luria, que apesar de jovem já era um estudioso bem conhecido e autor de inúmeras publicações, era o líder do time. Pelo que nos conta A. N., em suas memórias orais ele reconheceu abertamente ter chegado ao instituto “vazio”, e que seu encontro com Vygotsky foi algo que determinou seu próprio caminho, “preenchendo um vácuo”. A chegada de Vygotsky imediatamente virou de cabeça para baixo as atribuições de papéis – ele instantaneamente se tornou o líder. Mas Leontiev permaneceu sendo assistente de Luria por algum tempo (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 18).

Segundo A. A. Leontiev (2005, p. 19), os diversos seguidores de Vigotski lembram-se de maneira diferente os primeiros meses de trabalho em colaboração com Vigotski.

A. N. relatou que Vygotsky esboçou suas concepções histórico-culturais pela primeira vez numa conversa que teria acontecido ou no final de 1924, ou no início de 1925. Ele literalmente as esboçou – com um lápis e um pedaço de papel. Este rabisco foi conservado por um longo tempo no arquivo pessoal de Leontiev, junto com as cartas e muitos manuscritos de Vygotsky.

[...]

Luria recordava de uma etapa tardia em que ele e Leontiev se encontravam regularmente, uma ou duas vezes por semana no apartamento de Vygotsky:

---

<sup>35</sup> “Leontiev desenvolveu um interesse pelos afetos na época de estudante – em seus arquivos existe um manuscrito de quinze páginas chamado “A Teoria dos Afetos”, escrito sob a supervisão de Chelpanov (LEONTIEV, 2005, p. 13). Continua, mais a frente o autor, “Para A. N. Leontiev, voltar-se para o tópico das reações afetivas também tinha, como nos parece, um significado especial – havia uma razão porque ele tinha um interesse específico nos afetos – uma posição da qual ele via o lado racional-motivacional da vida humana – desde os tempos de estudante”. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 17).

para preparar planos de pesquisas posteriores... Nós revisamos cada uma das principais divisões da psicologia: percepção, memória, atenção, fala [speech], tomada de decisões, sistemas motores e assim por diante. Em cada uma destas áreas começamos a utilizar novos métodos experimentais elaborados para demonstrar que, conforme novas formas de atividade tomam forma, toda a estrutura do comportamento [behaviour] se transforma. (Luria, 1982, p. 33) (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 19)

A relação com Luria e Vigotski foi o momento decisivo “[...] a partir do qual se constituiu a primeira condução sistemática de construção uma nova psicologia, afigurou-se assim uma concepção teórica de alcance mundial” e que tinha como fundamento o materialismo histórico e dialético (GOLDER, 2004, p. 19). Segundo Luria (1988, p. 22), ao retomar os acontecimentos culturais e intelectuais de grande efervescência deste período, afirma: “Nosso propósito, superambicioso como tudo na época, era criar um novo modo, mais abrangente, de estudar os processos psicológicos humanos”. Estava formada a famosa “troica”<sup>36</sup>.

O ano de 1924 marca, além do contato de Leontiev com Luria e Vigotski, outro período importante de sua vida: os rumos que definiriam seu futuro enquanto pesquisador. Leontiev matricula-se oficialmente no Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou.

1924 não foi somente o ano que A. N. matriculou-se oficialmente no Instituto de Psicologia (a contar de 1º de janeiro), e não somente – e mais importante – o ano em que conheceu e aproximou-se de Vygotsky. Foi também o ano de seu casamento com Margarita Petrovna Leontieva, nee Lobkova, que o acompanhou até o fim de sua jornada pela vida, sobrevivendo à sua morte por seis anos (ela nasceu em 1905 e morreu em 1985). (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 13).

O marco inicial que determinou os rumos futuros de Leontiev foi a aparição, nos textos de Vigotski <sup>37</sup>, da noção de “*atividade objetal*”<sup>38</sup>, que em psicologia da arte teria

---

<sup>36</sup> “Da relação com o primeiro, o resultado foi tornar-se seu colaborador próximo; com Luria – convidado por este a trabalhar em Moscou -, surgiu uma estreitíssima colaboração (esta é a famosa “troica” mencionada em qualquer história da Psicologia). A colaboração com Luria continuou até a morte deste, em 1977” (GOLDER, 2004, p. 19).

<sup>37</sup> Segundo o próprio Leontiev, como também Luria, Vigotski foi um dos mais brilhantes psicólogos de sua época. Nas palavras de Luria (1988, p. 21), não era exagero algum dizer que Vigotski era um gênio. Segundo ele, “Ao longo de mais de cinco décadas trabalhando no campo da ciência, eu nunca encontrei alguém que sequer se aproximasse de sua clareza de mente, sua habilidade para expor a estrutura essencial de problemas complexos, sua amplitude de conhecimentos em muitos campos e sua capacidade para antever o desenvolvimento futuro da ciência”. LURIA, A. R. Vigotskii. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich;

especial relevância, já que, de acordo com o pensamento de Leontiev, mesmo em uma situação íntima, no movimento do pensamento individual, no sentimento, etc., o psiquismo de um homem considerado isoladamente continua sendo social e está determinado socialmente (GOLDER, 2004, p. 19-20). Sobre as relações entre trabalho, consciência e atividade traremos em destaque mais adiante.

Segundo Golder (2004), todas essas novas colaborações indubitavelmente exerceram influência sobre Leontiev, ainda que ele se mantivesse, na metade da década de 1920, sob a influência da reactologia de Kornilov. Na segunda metade da “*década de ouro*”, como se costumava chamar o período da revolução científica na psicologia de base marxista dos anos 1920, aconteceram fatos importantes que influíram muito especialmente na produção leontieviana, a saber:

[...] a criação, em 1925, de formulações reactológicas; apareceu, pela primeira vez, a formula S-X-R (na qual S representa o estímulo, X os meios e R as respostas), proposta por Vigotski; em 1929, surgiu a concepção instrumental, com a colaboração do jovem e prematuramente falecido Sakharov, sobre os mecanismos de mediatização da conduta; nesse mesmo ano Vigotski começou a trabalhar sobre as raízes genéticas do pensamento e da linguagem (GOLDER, 2004, p. 20).

O grupo que antes era formado por Luria, Leontiev e Vigotski foi acrescido, mais tarde, de outros cinco autores: Zaporjets, Morozova, Bojovich, Slavina e Levina, que formavam a chamada “*piaterka*” (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 18) ou *pyatorka* (ALMEIDA, 2008, p. 05).

Em dado momento surgiu, por força das circunstâncias, a necessidade urgente de ampliar o marco institucional no qual iria desenvolver-se esse enfoque. O Instituto de Psicologia, sob a direção “reactológica” de Kornilov, já não era marco adequado, razão pela qual a equipe docente e de pesquisa transferiu-se para a Academia de Educação Comunista, que levava o nome de N. Krupskaja – viúva de Lênin -, e depois para a Clínica Rossolimo e, finalmente, para o Instituto de Defectologia, que posteriormente passou a depender diretamente da Academia de Ciências (GOLDER, 2004, p. 20-21).

---

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone; EDUSP, 1988.

<sup>38</sup> Em algumas traduções para o idioma português dos textos de Leontiev, o referido termo é traduzido como *atividade objetual* ou *atividade principal*. Ressaltamos que será a segunda tradução que utilizaremos durante todo o texto.

Ao longo de toda sua vida, “[...] Leontiev trabalhou sobre o desenvolvimento do psiquismo na criança, do psiquismo animal, a percepção, os sistemas funcionais do psiquismo, as relações entre o homem e as técnicas modernas, etc.” (GOLDER, 2004). A principal tarefa de Leontiev teria sido recebida de Vigotski, qual seja: além de vários outros problemas científicos a serem desenvolvidos, o principal deles teria sido o problema da memória<sup>39</sup>.

Leontiev pesquisou com a devida profundidade e criatividade a memória como um dos processos psicológicos superiores, sendo que os resultados, produzidos na forma de artigos, resultaram no livro “*O desenvolvimento da memória: Estudos Experimentais das Funções Psicológicas Superiores [Razvitie pamiati. Eksperimental’noe issledovanie vysshikh psikhologicheskikh funktsii]*” (1931) (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 20)<sup>40</sup>.

De acordo com Golder (2004), existia um vínculo entre a concepção histórico-cultural sustentada e o marco em que Leontiev iria localizar a memória: “[...] naqueles processos que dependem das determinações culturais e históricas, por cima das meramente genéticas ou biológicas”. Até hoje, segundo Golder (2004) continuam vigentes suas aproximações experimentais, em especial no que se refere à evocação mnemônica, vista como atividade interna<sup>41</sup>.

Afirma A. A. Leontiev (2005),

É suficiente afirmar que se utilizando da abordagem “genético-experimental” sugerida por Vygotsky (especificamente o método da dupla

---

<sup>39</sup> Luria (1988, p. 28) assim afirma: “O desenvolvimento da memória tornou-se a área de competência especial de Alexei Leontiev. Trabalhando com crianças normais e retardadas de várias idades, Leontiev fez um projeto no qual estímulos auxiliares poderiam ser usados pelo sujeito para ajudá-lo a lembrar a série de estímulos apresentados pelo experimentador. Além disso, Leontiev demonstrou que o processo de domínio da memória por mediação é longo e difícil”.

<sup>40</sup> Segundo N. G. Morozova, uma das colegas do autor, é no livro acima mencionado que o autor “[...] desenvolveu sua concepção sobre as funções psíquicas superiores, o transcorrer dos processos mediatizados pelos distintos meios que a cultura proporciona ou com a ajuda de instrumentos. Demonstrou que, sobre o exemplo da lembrança e da associação, desenvolve-se a memória voluntária e sua reconstrução, dependendo esta do tipo de desenvolvimento cultural do psiquismo” (MOROZOVA, 2004, p. 94).

<sup>41</sup> Um estudo detalhado sobre o *conceito de memória* na Obra de Vigotski e na Psicologia Histórico-Cultural pode se encontrado em ALMEIDA (2004; 2008).

estimulação), e apoiando-se na idéia geral de mediação de ferramentas/signos [tool/sign mediation] de todas as funções mentais superiores, Leontiev chega neste livro com uma distinção aguda entre as formas “naturais” de memória e suas formas especificamente humanas em termos de função e história. Ele revela a abordagem dinâmica na transição da memorização externamente mediada para a internamente mediada na filogênese e na ontogênese, a conexão entre memorização, fala, intelecto, entendimento, e assim por diante. As formas mais elevadas de comportamento, de acordo com A. N., presumem que “o sinal externo seja transformado num sinal interno”. O mais alto nível de memorização é a atividade verbal interna, na forma da memória lógica, baseada na palavra e em sua função instrumental. (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 20 – grifos do original).

Foi uma época muito produtiva do grupo, já fortalecido pela entrada dos mencionados cinco novos membros. Esta ampliação, além da posterior, com Galperin e Elkonin, constituiu, sem dúvida, o pilar central da conformação, estruturação e projeção da teoria já traçada naquele quinquênio (GOLDER, 2004, p. 22).

Os anos de 1928 e 1929 foram de definitiva consolidação da Escola de Vigotski. Aquela época, segundo Golder (2004), já então era possível falar da existência de uma “Escola”. Dentro do grupo, cada pesquisador assumia uma especialidade, uma vertente de pesquisa mais específica, por assim dizer.

Assim temos: Leontiev (Psicologia geral, teoria da atividade, personalidade, sentido pessoal), Luria (Neuropsicologia geral, processos psicológicos superiores, cérebro e psiquismo); Galperin (Teoria da formação da atividade mental por etapas); Elkonin (Psicologia do Jogo); Zaporjets (Periodização do psiquismo humano, psicologia evolutiva); Bojovich (Psicologia da Personalidade, em especial do adolescente); Morozova (Metodologia e Fundamentos da Educação Especial); etc. (GOLDER, 2004).

A situação ocasionada com a implementação dos decretos e, conseqüentemente, as perseguições aqueles que ousavam partilhar das idéias consideradas reacionárias e burguesas, entre outras questões, fizeram com que Leontiev deixasse seu cargo na Academia de Educação Comunista<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Referimos-nos aqui a *Resolução do dia 04 de julho de 1936, adotada pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética: “Dos erros pedológicos nos Comissariados de Educação”*. Trataremos mais

E algo mais afetaria o destino subsequente de Leontiev: no final dos anos 1920 e início dos 1930, as instituições científicas e pedagógicas onde trabalhava começaram a fechar – as vezes sob escândalos políticos. Por exemplo, o mesmo editorial foi simultaneamente exibido em dois jornais centrais sobre o Instituto de Cinematografia com o ameaçador título “Ninho de Idealistas e Trotskistas”. Uma das conseqüências deste artigo foi que A. N. foi forçado a deixar o Instituto de Cinematografia em 1930. O baluarte da escola de Vygotsky – a Academia de Educação Comunista – também caiu em desgraça em 1930; sua Escola de Ciências Sociais foi proclamada “trotskista” e em 1931 foi “exilada” em Leningrado e rebatizada como instituto (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 26).

Leontiev foi demitido em 1931. A partir desta data, na Universidade de Moscou, na se ensinava mais Psicologia. “Assim não havia lugar para que Leontiev trabalhasse – certa vez ele serviu até no Conselho Superior de Economia Popular da União Soviética como “*techprop*”, consultor (técnico de propaganda) (A. A. LEONTIEV, 2005, p. 26).

Coincidentemente, formou-se em Karkhov (à época capital da Ucrânia), o Instituto de Psiconeurologia, e mais tarde a Academia Republicana da mesma especialidade<sup>43</sup>. Segundo Golder (2004), aquele momento

Luria ficou encarregado da chefia da Seção de Psicologia, enquanto Leontiev assumiu a Seção de Psicologia Infantil e Genética. As múltiplas ocupações e atividades do primeiro fizeram com que ele voltasse para Moscou em pouco tempo, mas viajava frequentemente para Karkhov a fim de cumprir suas atividades, tanto docentes como de pesquisa. Na prática, Leontiev encarregou-se de um papel executivo, tendo aglutinado ao redor de sua figura um verdadeiro grupo (Grupo de Karkhov), que teve brilho intelectual próprio na primeira metade da década de 1930 (GOLDER, 2004, p. 23).

O grupo de Karkhov era, em essência, constituído por Leontiev, os anteriores membros do grupo moscovita, ao qual se juntaram Bojovich e Zaporojets, Galperin, que já morava na cidade, Zinchenko (Pai), Lukhov e Asnin,

[...] ativos participantes do grupo, vindo a tornar-se figuras relevantes no campo da psicologia, em especial Zinchenko. A Escola de Karkhov desenvolveu-se, pode-se dizer, uma visão mais pragmática a partir das

---

detalhadamente sobre as implicações de tal decreto para a Psicologia Histórico-Cultural no II Capítulo de nosso trabalho.

<sup>43</sup> Este fato é de essencial importância para entendermos, posteriormente, a crítica elaborada por Van Der Veer e Valsiner (1996) na tentativa de distanciar o trabalho de Leontiev dos estudos da Escola de Vigotski.

concepções gerais vigotskianas. Poder-se-ia mesmo dizer que o norte do grupo era a “atividade prática e a consciência (GOLDER, 2004, p. 23).

A partir de 1930, segundo Golder (2004), Leontiev procurou consolidar o que chamou “[...] *os reais vínculos com o mundo*”, isto é, entender o processo comunicativo através da atividade humana. Nessa época deu aula em Karkhov generalizando essa temática.

Segundo o filho de Leontiev, A. A. Leontiev, esta fase da época da vida de seu pai pode ser compreendida a partir do que ele chamou *de ciclos de pesquisa*. De acordo com ele, em Karkhov, sob a direção/controlado de seu pai, podia-se identificar três ciclos: “Um primeiro ciclo, em que foram trabalhados tanto temas de cunho teórico como metodológico – imagem e processo”, tendo como objetivo

[...] elaborar uma síntese generalizadora que abarcasse a gênese, a estrutura constitutiva e a dinâmica da imagem. Constata-se que os membros do grupo mantinham pesquisas específicas reunidas por esse tronco comum, a saber, Bojovich – linguagem, intelecto prático; Zaporjets – pensamento do pré-escolar, desenvolvimento do significado; Leontiev – apropriação do conceito de etapa escolar; Zinchenko – o esquecimento na função mnemônica. (GOLDER, 2004, p. 25)

Um segundo ciclo estaria mais voltado ao estudo do instrumento, analisado como objeto de diferenciação com o meio. Esta temática, de acordo com Golder (2004), “[...] ocupou o centro de interesse de Leontiev pelo menos nas primeiras décadas de sua produção científica, unida ao tema do significado”. E por último o terceiro ciclo, situado entre os anos de 1935-1936, quando Leontiev se propõe pela primeira vez a pesquisar a temática da atividade<sup>44</sup>. “A chave para a morfologia do conhecimento encontra-se na morfologia da atividade” (GOLDER, 2004, p. 25)

Pode-se perceber assim a grandiosidade e riqueza das pesquisas desenvolvidas à época por este grupo de psicólogos russos. Nas palavras de Golder (2004), se tivéssemos de realizar uma síntese da produção leontieviana durante o período da década de 1930, teríamos

---

<sup>44</sup> O conceito de atividade é chave para entendermos toda a produção de A. N. Leontiev. Nascido com Vigotski, o referido conceito (atividade objetual ou principal) passou a ocupar lugar central nas formulações de Leontiev e apresenta, indiscutivelmente um caráter radicalmente novo em relação às proposições da ciência psicológica daquela época. Disso trataremos mais adiante, no nosso III capítulo.

de nos concentrar atenção especial à segunda metade da referida década. A gama de esforços de Leontiev, segundo o autor, como professor e pesquisador brilhante que era, passava, sem margem de dúvida: “[...] a) pelo desenvolvimento filogenético do psiquismo, em especial da sensibilidade; b) pelo desenvolvimento funcional do psiquismo (formação e funcionamento da atividade); c) pela consciência (em função dos parâmetros anteriores): origem e estrutura” (GOLDER, 2004).

De acordo com Golder (2004), com sua bagagem intelectual, ele terminou sua tese de doutoramento, base de seu texto liminar Desenvolvimento do psiquismo, defendendo a mesma em uma das mais importantes instituições acadêmicas daquela época: o Instituto Herzen, de Leningrado, tendo participado da composição da mesa na qualidade de debatedores personalidades como Rubinstein, Orbelli e Teplov. De acordo ainda com o autor, “Durante a Segunda Guerra Mundial, foi perdido o primeiro tomo dessa tese de doutorado (GOLDER, 2004, p. 27).

Alicerçada sobre os fundamentos do materialismo histórico e dialético, os estudos da chamada Escola de Vigotski, punham a psicologia em um patamar totalmente novo daquele sobre o qual a psicologia tradicional havia se desenvolvido.

Conseqüentemente, e seguindo a lógica interna de seu pensamento, Leontiev passou a incluir entre suas preocupações o tema dos “*motivos*”, já ricamente estudado por Vigotski em seus últimos anos, em um marco teórico no qual essa temática não foi suficientemente contemplada pelos contemporâneos de ambos nos anos pós-revolucionários (GOLDER, 2004).

Outro período importante da vida do psicólogo russo e que não poderia deixar de ser ressaltado aqui é aquele referente aos anos da Segunda Guerra Mundial (1941-1945). Golder (2004), ao buscar reconstruir a trajetória intelectual de Leontiev <sup>45</sup> resalta que “[...] no começo do conflito, ele se alistou como voluntário, assim como muitos outros intelectuais de

---

<sup>45</sup> Cabe enfatizar que, no livro de Golder (2004) que utilizamos como base maior para a construção deste I Capítulo, há ainda uma série de escritos e lembranças de antigos companheiros de Leontiev, sob a forma de entrevistas e cartas. Entre eles estão Galperin, Rubinstein, Elkonin, Iarochovski e Morozova, além de uma entrevista como próprio Leontiev feita por Evald Ilenkov e Karl Levitin no ano de 1978, um ano antes da morte do psicólogo russo.

seu grupo, e foram-lhe confiadas tarefas de defesa da cidade”. No entanto, como bem lembra o autor, Leontiev

[...] não se descuidou em absoluto da continuidade de suas pesquisas; porém, em função de sua afinada sensibilidade social, orientou parte importante delas a problemas atinentes às Forças Armadas. Juntou seus conhecimentos sobre a percepção sensorial para investigar a visão humana noturna, algo realmente útil para a aviação; pesquisou o tempo gasto pelo olho humano para adaptar a visão de alvos fixos ou móveis. Por meio de uma eficaz preparação, descobriu-se que é possível diminuir esse tempo de adaptação de 40 minutos para 5 minutos. Trabalhou também com militares em terra, em especial com a polícia de fronteira e com expedicionários que deviam realizar, na linha de frente, tarefas de observação de movimentos de tropas e de detecção de futuros alvos para ataque. (GOLDER, 2004, p. 28)

Neste mesmo período Leontiev, juntamente com aqueles que compunham o Grupo de Karkhov e toda a sua aparelhagem experimental, são transferidos para um hospital de Ashjabad, na retaguarda dos Montes Urais. Lá o psicólogo moscovita “[...] realizou importantes trabalhos de pesquisa, tratamento e reabilitação”. Tais trabalhos, de acordo com Golder, foram recolhidos em um livro chamado “*Recuperação da mão ferida*”. Os trabalhos ali reunidos foram realizados juntamente com Zaporjets, Galperin e Merlin, seus antigos colegas de Karkhov.

Uma vez terminado o conflito da Segunda Guerra Mundial, novamente em Moscou, Leontiev continuou com esta temática, até aproximadamente 1948 (GOLDER, 2004, p. 29). Os trabalhos aqui realizados incorporaram as orientações teóricas de Vigotski, como também de Bernstein. Segundo ressalta Golder (2004), “[...] ambos trabalharam sobre o caráter sistêmico que apresentam os órgãos da sensibilidade e a motricidade, visíveis em todos os experimentos do que nessa época chamava-se “defectologia”.

Leontiev retornou a Moscou no ano de 1943, onde, apesar da continuidade da guerra, foi designado diretor do Laboratório de Psicologia Infantil do Instituto de Psicologia, sendo ao mesmo tempo nomeado professor da Universidade de Moscou e, simultaneamente, do Instituto Militar, onde publicou um dos seus mais importantes livros, “*O desenvolvimento do psiquismo*”, em 1947.

Recorrendo às suas lembranças, N. G. Morozova afirma que em setembro de 1943, após retornar a Moscou, Leontiev dirigiu a Seção de Psicologia Infantil e o Laboratório de Psicologia de crianças em idade escolar do Instituto de Psicologia.

Sob “suas asas”, convocou parte do quinteto: Bojovich, Slavina e eu. Zaporjets foi designado diretor do laboratório de psicologia pré-escolar no mesmo Instituto. Levina, do Laboratório da Seção Linguagem e Clínica (logopédica) do Instituto de Defectologia (N. G. MOROZOVA citada por GOLDER, 2004, p. 91).

No ano de 1944 Leontiev publicou vários artigos na revista *Pedagogia Soviética*, por exemplo: “Teoria do desenvolvimento do psiquismo infantil”, “Alguns problemas psicológicos da leitura consciente” e “Bases psicológicas do jogo pré-escolar”<sup>46</sup>, nos três estudos, embora distintas, o autor “[...] enfatizou-se o papel da transição para operações conscientes na infância. A criança aparece com força em seu processo de interiorização a partir da atividade das relações sociais” (GOLDER, 2004, p. 30).

No decorrer dos anos de 1945 e 1947, segundo o levantamento feito por Golder (2004, p. 30), foi escrita uma série numerosa de artigos e livros, sendo que alguns deles eram produtos do material clínico obtido durante a estadia de Leontiev e de seu grupo no hospital de Ashjabad, na retaguarda dos Montes Urais. Entre o material produzido à época, o trabalho de maior reconhecimento é o artigo “Recuperação do movimento”<sup>47</sup>. Neste período Leontiev escreveu outros trabalhos com Zaporjets e Luria.

Consideramos importante referirmos ao trabalho que Leontiev e Zaporzhets realizaram no período bélico porque, além de sua evidente significação prática, representou, por um lado, a continuação das investigações que

---

<sup>46</sup> A problemática da importância do jogo para desenvolvimento infantil foi estudada com mais afinco por Daniil V. Elkonin em sua obra “**Psicologia do Jogo**”, publicado no Brasil em 1998 pela Editora Martins Fontes.

<sup>47</sup> “A primeira conclusão é que as possibilidades motoras do membro lesionado não se subordinam diretamente a seu estado anatômico, mas ao estado funcional, modificado a consequência da lesão. Em segundo lugar, que as possibilidades funcionais do membro lesionado mudam em dependência da tarefa; ele se deve a que, em diferentes tarefas, também são diferentes as condições da aferentização do movimento. A inclusão de outros sistemas sensoriais (por exemplo, a vista), além da propriocepção do órgão lesionado, assim como a incorporação de sínteses sensorio-motoras mais complexas, implicadas na realização de ações objetivas (alcançar um objeto no lugar de levantar simplesmente a mão ou o braço) dão como resultado o aumento da amplitude do movimento... Em resumo, as investigações realizadas neste campo por Leontiev e Zaporzhets mostraram que serviços práticos diretos e eficazes podem brindar à sociedade e ao homem uma psicologia verdadeiramente científica” (SHUARE, 1990, p. 146-150).

ambos, tanto conjunta como separadamente, haviam levado a cabo desde começo dos anos 3 em Kárkov e, por outro, constituiu uma etapa fundamental no estudo do caráter objetal da atividade psíquica, da importância do movimento na construção da imagem psíquica e o deciframento da natureza da atividade psíquica, da ação como unidade de análise em psicologia

No trabalho dedicado à recuperação dos movimentos seguido de feridas dos membros superiores, os autores se apoiaram no fato, estabelecido por P. Ya. Galperin, da dependência existente entre a amplitude do movimento que pode executar as áreas lesionadas e o caráter da tarefa que o enfermo deve cumprir. Para a explicação integral dos fenômenos recorreram aos dados da fisiologia e à interpretação psicológica do movimento humano (SHUARE, 1990, p. 146).

Um dos fatos científicos relevantes na vida de Leontiev foi à discussão acerca de seu trabalho “*Esboço do desenvolvimento do psiquismo*”, realizado em outubro de 1948<sup>48</sup>. Como já foi ressaltado, parte da tese de doutorado foi perdida durante a guerra, “[...] de forma que, quando se resolveu editá-la em forma de livro, o primeiro capítulo, “*Problemas do desenvolvimento da psicologia*”, foi reconstruído praticamente de memória”. O referido livro continha, além do primeiro capítulo já citado, mais dois, a saber: “*Surgimento do psiquismo*” e “*Desenvolvimento do psiquismo animal*”.

Em 1948, Leontiev filiou-se ao Partido Comunista da União Soviética, fato que fez surgir nos jornais partidários da época artigos do autor. No plano acadêmico, no mesmo ano, Leontiev é nomeado membro correspondente da Academia de Ciências Pedagógicas da Federação Russa, para, depois, ocupar o cargo de vice-presidente da mesma. Leontiev, “[...] continuou seus trabalhos nos laboratórios experimentais, em suas tarefas organizativas nas distintas instituições às quais pertencia e desenvolveu então uma tarefa partidária cheia de compromissos” (GOLDER, 2004, p. 32).

Ademais, feitas as menções que acreditávamos serem mais relevantes acerca da produção científica e da vida pessoal do psicólogo soviético, partimos agora para os

---

<sup>48</sup> Nas palavras de Golder (2004, p. 31), “A mencionada discussão começou, então, com as palavras de seu debatedor Rubinstein, que formulou uma crítica através de várias linhas de exposição, a saber: 1) crítica à teoria do desenvolvimento em geral, e em especial à sua periodização; e 2) a atividade não poderia ser considerada como um ponto inicial nem determinante. Segundo Rubinstein, seria incorreto “psicologizar a atividade”. Ficava evidente que entre os dois conhecidos autores havia divergências quanto aos determinantes da formação da consciência humana. 3) Rubinstein rematou suas críticas destacando que Leontiev partia, em sua análise, da consciência, do psiquismo do sujeito, realçando demais o valor do sentido pessoal e dos motivos”.

momentos finais da vida do autor. Como bem coloca Golder (2004), ao recompor a trajetória de Leontiev, adentramos, de forma quase que imperceptível, nos últimos anos de vida do sábio. É nesse momento, nas palavras de psicólogo argentino, “[...] que as pessoas dessa estirpe, cientistas ou artistas, dão ao mundo a essência sublimada de seus conhecimentos”. Aquela época já eram mais que reconhecidas às contribuições de Leontiev á ciência psicológica com a teoria da atividade, afinal, como lembra o autor,

[...] foi ele quem, dentro da psicologia contemporânea, ressaltou com força o significado real dessa categoria. Estamos de acordo em considerar que o autor tentou, e com sucesso, colocar-se contra o esquema cartesiano vigente ainda nessa época. Podem ser encontrados antecedentes dessa posição em seu mestre e contemporâneo Vigotski (são muitos os artigos deste último ressaltando com certa virulência uma posição anticartesiana no tema da atividade. (GOLDER, 2004, p. 34)

Como pode ser percebido até aqui a produção científica de Leontiev foi intensa durante a década de 1940. Sua participação política, a variedade de temas e a imensidão de sua produção, suas produções em conjunto com os demais companheiros da Escola de Vigotski não poderiam, a não ser singelamente, descritas aqui.

Nas palavras de Golder (2004), nem todos os temas – personalidade, motivo, ação, atividade – aparecem suficientemente trabalhados nos escritos do psicólogo russo. A intenção geral de Leontiev, segundo o autor,

[...] foi unificar alguns de seus artigos dos últimos anos sobre estas três categorias, atividade, consciência e personalidade. Finalmente, ele realizou uma reelaboração tomando parte dos artigos anteriores, parte de suas próprias idéias surgidas na década de 1970. Com eles, elaborou a forma definitiva, que, em poucos anos (1977) teve uma segunda edição não-modificada. No ano seguinte (1978), obteve um dos prêmios mais relevantes no mundo acadêmico, o Prêmio Lomonosov (nome do criador da Universidade de Moscou, no século XVIII), de primeira magnitude (GOLDER, 2004, p. 35).

Ainda em 1977 e 1978, já gravemente doente, ainda conseguiu escrever outros dos trabalhos sobre o tema da “atividade”, sendo que um destes trabalhos foi “[...] levado ao V Congresso Nacional de Psicólogos de 1977 – publicado depois de seu falecimento -, dedicado ao tema da atividade e da atitude, às intenções e a formação de hábitos” (GOLDER, 2004).

Golder (2004) ressalta ainda que, além das contribuições à ergonomia, um outro aspecto da produção de Leontiev que não poderia deixar de ser mencionado e que, segundo ele, somente agora vem à luz, após as mudanças ocorridas em âmbito mundial a partir da queda do muro de Berlim e das implicações do desaparecimento do mundo “socialista” no Leste Europeu.

Com o término da Guerra Fria e da concorrência técnico-científica entre dois mundos geopolíticos, que levaram a União Soviética ao pioneirismo dos vãos cósmicos, pôde ser revelado que, nos primeiros anos do império da cosmonáutica, foram deixadas a cargo de Leontiev pesquisas secretas (ocultas mesmo para seus colaboradores imediatos) de análise de distintos mecanismos sensório-perceptivos vinculados à “percepção do mundo” e do espaço. (GOLDER, 2004, p. 37)

De acordo com Golder (2004), o último trabalho (inacabado) do psicólogo soviético ficou como manuscrito em seu arquivo pessoal e está dedicado à “futura análise psicológica da atividade”. Cabe ressaltar que ao longo de todo trabalho de Golder (2004), podemos encontrar, de forma mais sistemática, um ordenamento cronológico da produção do autor moscovita. Seu trabalho, enriquecido pelos depoimentos de alguns dos mais ilustres amigos do psicólogo russo (Galperin, Rubinstein, Elkonin, Iarochovski e Morozova), traz ainda um artigo inédito de Leontiev chamado “*Imagem do mundo*”. Nas palavras de Golder (p. 47), “*Imagem do mundo* aparece na produção de Leontiev como seu verdadeiro canto do cisne, embora não se tenha cristalizado em um texto finalizado, como teria sido o anseio explicitado de seu autor” (grifo do autor)<sup>49</sup>.

Daniil V. Elkonin<sup>50</sup>, ao recorrer a suas lembranças, diz do seu último trabalho e, conseqüentemente, dos últimos momentos vividos com o amigo e companheiro, Leontiev.

---

<sup>49</sup> Segundo Shuare (2012), no livro “*Atividade, Consciência e Personalidade*”, que condensa toda a produção do autor, a categoria da atividade parece ter sido cristalizada, a ponto de poder mesmo acreditar-se que ela explicaria todas as questões do mundo dos homens. É no texto ora mencionado, qual seja, “*Imagem do Mundo*”, que Leontiev teria tentado recuperar os nexos perdidos no primeiro livro mencionado. Nos espaços deste trabalho não nos propomos a discutir as afirmações da autora. Quem sabe, façamos isso em uma oportunidade futura.

<sup>50</sup> “Daniil B. Elkonin nasceu em 29 de fevereiro de 1904, numa pequena aldeia chamada Peretshepino, na província de Poltava, Ucrânia. Ao longo de toda sua vida, testemunhou e participou de acontecimentos e mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais, que marcaram diretamente sua trajetória científica” (LAZARETTI, 2008, p. 37). “Pertencente à geração pós-revolucionária dos psicólogos soviéticos, os quais compõem o esqueleto da escola universalmente conhecida de Vigotski, Elkonin costumava chamar-se, orgulhosamente, discípulo deste e companheiro dos seus outros alunos e colegas. Abraçando profundamente as

Ressalta o autor que em seus últimos dois anos de vida, Leontiev esteve frequente e gravemente doente. “Visitei-o em numerosas ocasiões. Entre todos nós, seus camaradas, o estado de ânimo era sombrio e carregado de nuvens” (ELKONIN, 2004, p. 84-85). Diz ele,

Em fins de dezembro ou início de janeiro de 1979 ele me chamou para ir a sua casa. Tinha recebido da Unesco a responsabilidade de escrever um artigo para a celebração do Dia Internacional da Criança e propôs que eu me incorporasse à sua preparação. Projetei uma primeira variante na qual trabalhamos juntos. Mais tarde, ele me propôs a introdução de uma série de mudanças. Tive de fazer o esboço de uma nova variante. Trabalhamos de tal maneira que em 10 de janeiro de 1979 colocamos nossas assinaturas ao pé da última página. Tratava-se do último trabalho de Leontiev, e nosso último trabalho em conjunto. Em 21 de janeiro de 1979, ele deixou este mundo. (ELKONIN, 2004, p. 85)

Segundo Elkonin (2004), com o falecimento de Leontiev o círculo de seus companheiros diminuiu, afinal, havíamos perdido aquele que estava no centro do círculo, aquele que foi capaz de conter as nossas individualidades em um grupo único de camaradas.

No decurso de quase meio século de atividade científica Leontiev efetuou e dirigiu um número considerável de trabalhos experimentais e sua produção científica (GOLDER, 2004), embora pouco difundida mundialmente, sobretudo no campo educacional brasileiro, é de uma relevância significativa para as discussões acerca do desenvolvimento humano-social e, sobretudo, para o estudo da periodização do desenvolvimento infantil.

## **II. III – Sobre a censura stalinista à psicologia histórico-cultural**

Segundo Tuleski (2002), o período posterior a Revolução, entre os anos de 1917-1929, configura-se como um dos momentos fundamentais no processo de abertura de um

---

idéias dessa escola, Elkonin, durante muitas décadas, concretizava seus trabalhos experimentais e teóricos. Juntamente com Vigotski, Leontiev, Luria, Zaporozhét, Davidov, Galperin e outros, Elkonin assumia a tarefa de desenvolver pesquisas que resultaram em trabalhos que, na atualidade, vem alcançando reconhecimento internacional” (LAZARETTI, 2008, p. 29-30). “O círculo de interesses científicos de Elkonin foi muito amplo. Foram objetos de seus estudos: a dinâmica e as características dos períodos do desenvolvimento infantil que abordam sobre a atividade de comunicação emocional direta; atividade objetual manipulatória; atividade de jogo de papéis; atividade de estudo; atividade de comunicação íntima pessoal e atividade profissional de estudo” (LAZARETTI, 2008, p. 21).

amplo e rico debate nas mais diversas áreas das ciências, inclusive na psicologia. Entretanto, os anos posteriores ao ano de 1929 seriam marcados por um acentuado endurecimento dos debates e o início do submetimento/submissão da ciência e das forças intelectuais aos interesses do poder político e os primeiros sintomas de um dirigismo na ciência que terminou por cercear muitas das possibilidades geradas pela própria revolução (TULESKI, 2002).

Com a ascensão de Stálin ao poder, é proclamado então, segundo Pedrosa (1967)

[...] o direito da suprema direção de intervir e de submeter a atividade criadora dos escritores, artistas, historiadores a um controle sistemático, enquanto a história da revolução e a história do próprio partido era reservada a uma secção do partido diretamente ligada ao Departamento da Polícia e a Stálin. Qualquer tentativa de objetividade na apreciação dos acontecimentos do passado era reprimida não no seu mérito mas como malignos desvios políticos, suscetíveis de repressão (PEDROSA, 1967, p. 296).

Além disso, com morte de Lênin em 1924 e a ascensão de Stálin ao poder, a perspectiva de ampliação da Revolução é definitivamente abandonada (TULESKI, 2007, p. 107)<sup>51</sup>. Segundo Hobsbawn (1998, p. 78)

[...] os interesses de Estado da União Soviética prevaleceram sobre os interesses revolucionários mundiais da Internacional Comunista, que Stálin reduziu a um instrumento da política de Estado soviético, sob o estrito controle do Partido Comunista soviético, expurgando, dissolvendo e reformando seus componentes à vontade. A revolução mundial pertencia à retórica do passado, e na verdade qualquer revolução só era tolerada se: a) não conflitasse com o interesse de Estado soviético; e b) pudesse ser posta sob o controle soviético direto.

---

<sup>51</sup> Segundo Coutinho (1967), “Com o desenvolvimento do stalinismo, novas formas de alienação tiveram surgimento na realidade soviética. (Algumas delas, diga-se de passagem, recebem exemplar tratamento nos romances de Cholókhov: por exemplo, o fanatismo ascético do bolchevista Nagúlnov, em *Terras Desbravadas*.). Não posso desenvolver mais largamente o problema; basta-nos observar que estas alienações se concentram na completa fragmentação da nascente comunidade democrático-revolucionária, com a consequente **desaparição das massas como sujeito da história** e sua substituição pela burocracia dirigente. As formas populares de democracia, vigentes no período leninista, são substituídas pelo **terror burocrático** que apagava mecanicamente qualquer divergência em nome da unanimidade totalitária. Impedidas de participar historicamente como força independente e criadora, as massas involuem para novas formas de passividade conformista, de alienação em face da vida pública e da história. A alternativa para esta passividade era uma ação não menos conformista, já que fundada apenas na execução mecânica e burocrática das palavras de ordem emanadas “de cima”. Esta separação entre o povo e a direção, entre a teoria e a *práxis*, dá lugar a uma ideologia oscilando entre mecanicismo fatalista e voluntarismo subjetivista, ou seja, a uma ideologia que estabelece a separação entre sujeito e objeto da ação humana. (COUTINHO, 1967, p. 210-211 – grifos do original). Os grifos em negrito são nossos.

Os últimos anos da década de 1920, e início de 1930, ficariam marcados na história da Rússia e da Psicologia pós-revolucionária, trazendo consequências profundamente negativas para a Ciência, a Cultura e a Educação russa em geral. Naqueles anos, afirma Teixeira (2004):

Os “parafusos” ideológicos foram apertados. Nas humanidades isto em parte tomou a forma do aparecimento de escolas científicas que se proclamavam de ser as únicas [verdadeiramente] marxistas (Marr na lingüística, Pokrovsky na história, Friche nos estudos literários, Matsa na história da arte) e o resto (incluindo os historiadores Platonov e Tarle, os lingüistas Polivanov, Vinogradov, Il’inskii, os renomados literatos Eikhenbaum, Zhirmunsky e Shklovskii além de muitos outros) foram submetidos a críticas devastadoras e, por vezes, à repressão. Na Educação ocorreu o seguinte: a “escola de trabalho unificada” – fundada sob os esforços de Krupskaja e Lunacharskii em bases conceituais desenvolvidas por Blonskii e Vygotsky – [simplesmente] deixaram de existir. O Comitê Central do Partido Comunista da Grande-União lançou uma série de decretos fazendo as escolas soviéticas retrocederem ao “ideal” do ginásio pré-revolucionário. (O tristemente difundido decreto “pedológico” é discutido abaixo). Os ilustres teóricos e práticos da pedagogia, Pinkevich, Kalashnikov, Pistrak, Shatskii, Epshtein, Shul’gin, Krupenina, e Ter-Vaganian foram todos submetidos à difamação.

Segundo Coutinho (1967), durante o governo de Stálin houve um radical e completo rebaixamento do nível estético, num nível de realidade imensamente alienado. A doutrina stalinista reduziu e adulterou, a seu favor, o pensamento radicalmente crítico de Marx, Engels e Lênin, institucionalizando como o marxismo oficial e único, chamando-o de marxismo-leninismo (NETTO, 1981).

A redução do marxismo em doutrina oficial do Partido Comunista foi destinado a justificar todas as decisões de Stalin e seus caprichos, acarretando efeitos devastadores para a ciência e a arte. Segundo Shuare (1990, p. 95-96), nesse contexto o dogmatismo stalinista passa a efetuar uma “[...] clara deformação das idéias que sustentam os criticados ou, em todo caso, a absoluta ignorância das mesmas”, “[...] no lugar de argumentos, acusações; em lugar de ciências, ideologia e partidarismo; em lugar de crítica construtiva, eliminação; ausência total de cultura metodológica e filosófica”.

A conversão da ciência em um apêndice da ideologia, a simplificação do marxismo e suas substituição pelo materialismo dialético “ao Stálin”, a

intransigência elevada a critério de serviço leal à causa da revolução; a reinteração e as citações como princípio metodológico; a dogmatização e a esquematização como critérios de cientificidade; a apelação à luta de classes, aos inimigos de classe, aos interesses de classe, termos últimos que servem, ao mesmo tempo, como explicação, critério de verdade e terrível arma para reprimir a variabilidade, a diversidade de teorias e tendências... (SHUARE, 1990, p. 96)

Shuare (1990, p. 99) ressalta que durante este período,

[...] a psicologia e outras ciência estavam firmemente enraizadas na vida social, planejavam resolver (ou pelo menos contribuir na resolução) dos problemas que surgiram na construção de uma nova sociedade, para abordá-los de forma criativa. Os cientistas alcançavam êxitos, se equivocavam, se corrigiam, tinham conhecimento da literatura mundial sobre cada um dos temas na discussão, esforçavam-se para assimilar e aplicar o mais avançado na ciência.

No entanto, foram aparecendo sintomas de que este desenvolvimento livre das ideias, esta aventura do pensamento não condiziam de maneira nenhuma com o sistema de poder arbitrário e unipessoal, onde todas as demais pessoas são consideradas “parafusos” da maquina estatal, “[...] de onde o terror se disfarçou de vigilância revolucionária, a denúncia se apresentou como o mais alto dever cidadão, a ausência de um estado de direito foi passar pela realização mais alta da revolução, eram as características mais evidentes” (SHUARE, 1990, p. 99-100).

O agravamento da situação vivenciada no país agrava-se no ano de 1930 e alguns membros da Escola Psicológica de Vigotski, inclusive Leontiev, transferem-se, neste mesmo ano, para à Academia de Psiconeurologia de cidade de Karkhov, na Ucrânia. Como já enfatizamos anteriormente, tendo a frente Leontiev, o grupo do qual participavam Galperin, Zinchenko, Zaporojets, Bojovich entre outros, passa a desenvolver seus trabalhos acerca da investigação os elementos da atividade objetiva, a estrutura da atividade externa – prática, e a atividade interna - psíquica (GOLDER, 2004; SHUARE, 1990)<sup>52</sup>.

---

<sup>52</sup> Esse é o ponto fulcral das investigações que enfatizam a suposta ruptura nos trabalhos de Vigotski e Leontiev. Vigotski continua a desenvolver suas atividades em Moscou, muito embora mantivesse visitas frequentes aos membros de seu grupo realizando palestras e orientando trabalhos. Aquela época Vigotski já se encontrava bastante debilitado pela doença que o levaria a morte no ano de 1934.

A ascendência total de Stálin ao poder nos anos de 1927-1928, consolidada mais especificamente nos anos de 1930, caracteriza-se pela deterioração da situação política daquele país. Segundo Teixeira (2004, p. 226), Stálin assumiu o cargo de Secretário Geral do PCUS, sucedendo Lênin, morto nos primeiros anos de 1924.

A partir do ano de 1929 a liberdade científica de professores e pesquisadores na União Soviética sofreria um ataque severo, sendo submetidos a censuras, demissões, prisões /ou execuções. O governo de Stálin, segundo Teixeira (2004) “[...] foi marcado pela violência em nome da defesa do socialismo”. Mesmo antigos companheiros, mas que então discordavam de suas posições, foram caluniados, presos, torturados ou assassinados, ou ainda obrigados a se arreenderem e confessar, publicamente, seus “crimes” contra o povo soviético (TEIXEIRA, 2004).

Segundo Lukács (1967, p. 37), a partir desse momento a política soviética sofreria profundas modificações. Os vinte anos que se seguiriam, de total domínio do stalinismo, caracterizar-se-iam por intensa perseguição política a todos aqueles que se colocassem em uma posição diferente das propostas do Partido Comunista da União Soviética. Segundo Almeida (2008, p. 81)

Muitas reuniões e discussões eram realizadas com o propósito de discutir os rumos da ciência, arte e vida soviética, determinando o que era ou não digno de nome de proletariado, o que efetivamente faz parte da edificação do novo homem socialista. Literatura, música, teatro, biologia, astronomia, ciências matemáticas, pedagogia e psicologia, entre outras áreas do conhecimento, estavam sob as determinações desses conselhos e discussões desenvolvidas sob a tutela do Partido.

Nesse sentido, as decisões elaboradas pelas diversas comissões e sancionadas pelo Partido passavam a ter força de verdade absoluta, como dogma, uma vez que o Partido era o porta-voz da ciência proletária. “No entanto, no período stalinista, este caráter dirigente somou-se ao caráter justiceiro (vigilante), com o intenso uso de acusações, perseguições, expurgos e mortes” (ALMEIDA, 2008, p. 81; TEIXEIRA, 2004, p. 226).

Almeida (2008) ressalta ainda é possível observar na obra de diversos autores peculiaridades características deste momento histórico vivido pela sociedade soviética e que

não aparecem de modo algum em período posteriores ou em outros momentos desse mesmo período.

Isso se deve a circunstâncias históricas bem delimitadas e que não ferem a qualidade e a competência dos autores, assim como não fere significativamente seus posicionamentos em relação às concepções de homem, mundo e natureza, defendidos por na maioria de suas produções (ALMEIDA, 2008, p. 81-82).

Desencadeou-se um verdadeiro processo de imposição ideológica e partidária no campo da ciência. Além da industrialização forçada do campesinato, Shuare (1990) aponta ainda profundas modificações no plano da consciência social iniciadas com a marcha do stalinismo. Inicia-se uma série de exigências que logo se transformaram em dogmatização e esquematização e, ao cabo, na castração do conteúdo verdadeiramente dialético do materialismo.

Se trata, por uma parte, das exigências referidas ao partidarismo na ciência, ao enfoque classista, a erradicação das concepções burguesas que, aparentemente, se faziam infiltrado nas construções teóricas de psicólogos e pedagogos (também de físicos, matemáticos, etc.). Porém, por outra parte se livra também a luta por superar o mecanicismo e o reducionismo biologizante. Estas são as duas linhas que, ao parecer, se complementam mas que, em realidade, expõem as tendências gerais e contrapostas de uma luta a ser travada pela consciência social e científica da época e que terminava com o triunfo da primeira. Ditas linhas antagônicas não se mesclaram e seu resultado foi a escolástica (a força de exigir pureza ideológica), a intransigência e a calúnia (a força de exigir enfoques partidaristas e classistas), ao isolamento e o rechaço indiscriminado da “ciência burguesa” (em lugar de estudo e crítica construtiva) e, finalmente, o triunfo oficial da interpretação mecanicista e reducionista biologizante (sirva de exemplo a seção conjunta da academia de ciências médicas e da academia de ciências da URSS em 1950 dedicada a teoria de Pavlov; se podia agregar a teoria de Lisenko em agrobiologia, a perseguição da genética e os especialistas nesta ciência, a negação da cibernética e da teoria da relatividade, etc.) (SHUARE, 1990, p. 86).

Evidencia-se, nesta época, o predomínio da prática de indução de testes e a utilização de escalas de medição, tendo na reflexologia de Pavlov seu espelho maior. Nesse contexto, as pesquisas desenvolvidas por Vigotski e seus colaboradores não se enquadravam no quadro do regime dogmático imposto por Stálin. Nas palavras de Shuare (1990, p. 101), “[...] não era isto que necessitava o regime de Stálin. A própria lógica de seu desenvolvimento interno

exigia a repressão cada vez mais implacável e refinada de todas as formas de livre pensamento, de diversidade, de variabilidade”.

O dogmatismo stalinista apresentava-se como a única maneira de pensar, crer e se comportar; este “[...] necessitava a simplificação, o controle, a esquematização, a unificação, a falta de informação, uma verdade única e indiscutível e um único transmissor desta verdade...”, qualquer outra manifestação de ideias era condenada e criminalizada. Àquela época, os únicos Congressos no campo da psicologia eram sobre Pavlov, denominados *Sessões Pavlovianas* (TEIXEIRA, 2004).

A situação da URSS se agravaria profundamente no ano de 1936, período em que é elaborado e publicado o *Decreto de Pedologia, Resolução do dia 04 de julho de 1936*, adotado pelo *Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética*: “*Dos erros pedológicos nos Comissariados de Educação (Narkompros)*”<sup>53</sup> proibindo a divulgação das obras de Vigotski e todos os demais membros da Escola de Vigotski, uma vez que esta apresentaria um caráter antimarxista, quer seja: seriam falsas e burguesas, impondo, deste modo, a abolição do ensino da pedologia como ciência nas academias soviéticas, e que fossem censuradas ainda, pela imprensa, obras sobre a teoria da pedologia, publicados até o ano de 1936 (TEIXEIRA, 2004). A referida discussão foi conduzida por Viktor N. Kolbanovski,

[...] então diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou e teve, entre as resoluções do Comitê Central do PC(b)US, duas com maior relevância para a psicologia histórico-cultural soviética, sendo elas o fim da conexão dos pedólogos com as escolas e supressão de todos os livros de teor pedológico e conseqüente censura pela imprensa das obras publicadas até a data do decreto (ALMEIDA, 2008, p. 82).

A Escola de Vigotski passa, a partir desse momento, a ser alvo de severas críticas sendo acusada, inclusive, de ser uma teoria contrária aos princípios do marxismo, produzindo profundas distorções na produção dos autores. A publicação das obras de Vigotski e de sua Escola, ou mesmo a citação das mesmas por seus companheiros, o ensinamento de suas propostas e a leitura de suas obras ficou proibida até o ano de 1956. “Os ideólogos do partido

---

<sup>53</sup> A expressão *pedologia* ou *paidologia* significa, literalmente, estudo da criança. Era com esse nome que a psicologia infantil era conhecida e divulgada na URSS até o ano de 1936.

se apegavam a qualquer argumento, por mais falho que fosse, para expurgar da psicologia soviética a obra e o nome de Vigotski e seus colaboradores” (TEIXEIRA, s/d, p. 231). “Devido à proibição, o nome de Vigotski some por 20 anos dos textos soviéticos, sendo difícil encontrá-lo e, quando o era, faziam-no para criticar suas posições” (ALMEIDA, 2008, p. 84).

Na psicologia, as interferências estatais não foram tão incisivas para uma unificação das diversas tendências como as ocorridas nas artes (com o realismo socialista) e não tão violento, no que tange ao conhecimento estrito de uma área, como foi na biologia com a teoria da transmissão às gerações posteriores dos caracteres (fenotípicos) adquiridos, de Michurin-Lisenko (ALMEIDA, 2008, p. 84).

A partir desse momento o termo pedologia tornou-se ideologicamente suspeito, sendo que aqueles que o utilizassem poderiam, na melhor das hipóteses, ser tachados de antiquados, na pior, condenados a morte por divulgar uma *pseudociência reacionária e burguesa* (VAN DER VEER & VALSINER, 1996 – grifos nossos)<sup>54</sup>.

Segundo Golder (2002), apesar das perseguições e mortes, o desenvolvimento do estudo sobre a psicologia infantil continuou a ser desenvolvido, embora para tanto, fosse preciso que os cientistas criassem subterfúgios de linguagem ou mantivessem silêncio para poder continuar desenvolvendo seus estudos (GOLDER, 2002)<sup>55</sup>.

Mesmo em meio ao horror difundido aos quatro cantos, o governo de Stálin não conseguiu impedir que a psicologia infantil continuasse avançando. Para isso os cientistas necessitaram criar subterfúgios, quer seja de linguagem, ou mantiveram-se em silêncio para conseguir seguir com suas pesquisas (GOLDER, 2002).

---

<sup>54</sup> Sobre a referência aos autores mencionados cabe deixar claro o porquê da utilização dos mesmos. Concordamos com Tuleski (2002, p. 21) quando esta afirma que, embora o livro “*Vygotsky: Uma síntese*”, de Valsiner e Van Der Veer (1996) apresente uma das biografias mais completas de Vygotsky, no que se refere aos acontecimentos sócio-político-econômicos da URSS, seu tom é irônico e ideológico, referindo-se, constantemente à “utopia socialista”, ponto de vista que, também neste trabalho não se compactuado.

<sup>55</sup> Um exemplo de tais desdobramentos por ser encontrado no próprio Luria que, para continuar desenvolvendo seus trabalhos, lançou mão do jargão pavloviano em seus escritos. Para maiores esclarecimentos, ver: TULESKI, Silvana Calvo. **A unidade dialética entre corpo e mente na obra de A. R. Luria: implicações para a educação escolar e para a compreensão dos problemas de escolarização.** 354 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

Segundo Teixeira (2004), um dos graves erros cometidos por Leontiev e Vigotski teria sido não ter dado a devida atenção aos ensinamentos de Pavlov. Aquela época, I. P. Pavlón era o grande nome da ciência psicológica soviética. Como já ressaltado, durante 20 anos, tudo que era relacionado a pedagogia foi banido e/ou censurado. “Todavia, durante 20 anos as obras de Vigotski foram guardadas pelos seus discípulos que as faziam circular clandestinamente” (TEIXEIRA, 2004, p. 233). Somente a partir do ano de 1956 esses materiais viriam a se tornar público novamente. Sobre as tentativas de expurgar as ideias de Vigotski da psicologia soviética, Teixeira afirma:

Tentaram-no “matar”, mais uma vez dois anos depois. Mas seus discípulos providenciaram para que seu legado tivesse continuidade. Hoje, setenta anos após sua morte, suas idéias continuam muito vivas; ainda que muitos tentem colocá-las a par e passo com outras que, com certeza, Vigotski desaprovava (refiro-me as tentativas de conciliar a psicologia histórico-cultural com outras escolas psicológicas não materialistas dialéticas) (TEIXEIRA, 2004, p. 233).

Segundo Tuleski (2007, p. 112-113), a década de 1950 foi marcada pela morte de Stalin em 1953 e início do governo Krushev a partir de 1955.

A *era* Krushev ficou conhecida como época do “degelo”, pelo crescente processo de “desestalinização” e crítica ao “culto à personalidade”, isto é, redução do poder da polícia, reabilitação de muitos presos políticos e fechamento de campos de trabalho forçados (PAZZINATO; SENISE, 1993). No âmbito da ciência, especialmente a psicologia, o efeito do “degelo” e da “desestalinização” foi se dando de forma vagarosa, visto que até a década de 1950, a teoria pavloviana era considerada a única capaz de explicar os fenômenos psíquicos humanos.

No entanto, já era possível observar mudanças. Em 1955, depois de um espaço de 20 anos, foi permitido que a psicologia tivesse novamente sua própria revista, denominada *Problemas de Psicologia*, na qual Kornilov era editor e Luria e Leontiev compunham o conselho editorial. Em 1956, a primeira edição dos trabalhos compilados de Vigotski é publicada, com um longo prefácio escrito por eles (Grifos do original).

As décadas seguintes, 1960 e 1970, marcam o afrouxamento da censura e um período de fortalecimento da psicologia tanto no âmbito acadêmico como de ensino. Durante esta época, novas conquistas foram sendo alcançadas: Fundou-se a Faculdade de Psicologia na Universidade de Moscou e na Universidade de Leningrado (1966); Criou-se o Instituto de

Psicologia pertencente à Academia das Ciências Pedagógicas da URSS, além da abertura, posteriormente, de Faculdades e sessões de psicologia em diversas Universidades (TULESKI, 2007, p. 113). Tais mudanças, segundo Shuare (1990), evidenciam um verdadeiro marco de desenvolvimento na psicologia soviética.

O fim do despotismo stalinista, marcado, entre outros fatores, pelo degelo na psicologia possibilitou a abertura e a retomada de trabalhos que haviam ficado durante quase três décadas engavetados ou que haviam tomado outros rumos (LAZARETTI, 2008, p. 56).

## **CAPÍTULO II – DA NATUREZA ONTOLÓGICA DO TRABALHO EM MARX & LUKÁCS ÀS CONTRIBUIÇÕES DO MATERIALISMO HISTÓRICO- DIALÉTICO À PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Tivemos,  
sob a bandeira vermelha,  
anos de sacrifício,  
dias de fome.  
Mas,  
cada tomo de Marx,  
nós o abríamos  
como se fossem janelas,  
e, mesmo sem ler,  
saberíamos  
onde ficar,  
de que lado  
lutar.

(A plena voz - V. Maiakovski, 1967)

A revisão bibliográfica sobre as contribuições do materialismo histórico-dialético à psicologia histórico-cultural busca evidenciar, historicamente, como se realizou o processo de constituição da psicologia marxista enquanto ciência do ‘novo homem’ soviético e sua articulação com o edifício categorial traçado por Marx e Lukács<sup>56</sup>. Neste sentido, recupera

---

<sup>56</sup> Neste capítulo de recuperação da natureza ontológica acerca da categoria trabalho nas formulações de Marx, Lukács e Leontiev, utilizaremos também as reflexões desenvolvidas por Engels, como comumente é feito por diversos pesquisadores. Contudo, cabe ressaltar nossa concordância com Fortes (2001) quando este afirma que “Em Engels encontramos desenvolvida a ideia de que o homem surge através de um processo de diferenciação fundado essencialmente pela peculiaridade de sua atividade laborativa: o trabalho “é a condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem”. Lukács considera que Engels fornece os princípios decisivos para estabelecer os principais lineamentos acerca da ruptura do processo de reprodução entre homem e natureza. A noção de salto, tal como concebida por Lukács, em grande medida parece estar de acordo com a tematização engelsiana da descontinuidade entre o processo reprodutivo dos animais e o processo reprodutivo humano – muito embora esta noção remeta também, como vimos, à discussão do procedimento investigativo dos complexos próprios ao ser social, coisa que não existe nos textos do referido filósofo alemão. Entretanto é necessário frisar que Lukács adota uma postura distinta em sua análise do trabalho. A diferença fundamental da perspectiva lukacsiana está em eliminar desde o início uma análise mais aprofundada e detalhada das considerações acerca das condições biológicas que permitiram o aparecimento do homem – assim como das novas funções que elas assumem com desenvolvimento do ser social –, tal como analisadas por Engels, em parte, em sua *Dialética da Natureza*, e mais acentuadamente no manuscrito intitulado *Humanização do Macaco pelo Trabalho*. Vale lembrar, que embora estudos desta natureza não sejam irrelevantes para Lukács, eles por si só são incapazes de descrever a essência do ser social, revelam apenas em termos biológicos gerais as condições orgânicas que favorecem o surgimento

com igual vigor a natureza ontológica do trabalho em Marx e Lukács e em que medida este comparece no corpus teórico da psicologia de Leontiev, ao mesmo tempo em que se distancia radicalmente das apropriações pós-modernas e neoliberais da obra dos autores dessa corrente da psicologia soviética.

Para dar conta dos objetivos traçados tomamos como referência os escritos de Vigotski (2000; 2004), Luria (1991; 1984; 1992), Leontiev (1978; 1980; 1988; 1991), Davydov e Zinchenko (1994), Rivière (1987; 2002), Shuare (1990) além de intérpretes contemporâneos da psicologia histórico-cultural como Golder (2004), Duarte (1996; 2001), Tuleski (2002; 2007; 2009), Almeida (2008), Pasqualini (2006), Pasqualini & Vecchia (s/d), Barroso (2007), Almeida (2008), Cambaúva, Silva & Ferreira (1998), Cambaúva & Silva (2009), Carmo (2004, 2008), Bock (1991) entre outros.

Nesse sentido, apresentamos os aspectos referentes aos desdobramentos da Revolução de Outubro no âmbito da ciência, em especial da psicologia, procurando evidenciar o modo como Vigotski<sup>57</sup> e seus companheiros, especificamente Luria e Leontiev [a

---

da capacidade humana de atuar de modo distinto frente às necessidades naturais. O verdadeiro cerne do problema encontra-se, segundo nosso autor, na descoberta de que tanto a gênese como o desenvolvimento do ser social devem ser compreendidos como um processo de autocriação humano, do seu mundo e de si mesmo, que se desdobra mediante o surgimento do trabalho. Mesmo que esse aspecto não esteja ausente nas elaborações de Engels, nele não encontramos um tratamento minucioso dos elementos constitutivos do trabalho, que revelariam a verdadeira natureza do processo da gênese e do desenvolvimento do ser social. Na verdade na análise engelsiana a determinação de que o trabalho estabelece a diferença “essencial e decisiva” entre o homem e os demais animais, limita-se quase que exclusivamente em demarcar que “o animal apenas utiliza a natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, domina a natureza”. Na seqüência dessas postulações, fundamentais diga-se de passagem, são delineados por Engels apenas as condições e os desdobramentos biológicos de tal processo. Embora não haja no texto lukacsiano a denúncia desta lacuna, vale ressaltar sua insuficiência frente ao tipo de análise empreendida por Lukács em seu texto (FORTES, 2001, p. 39-41)

<sup>57</sup> Segundo Davydov e Zinchenko (1994, p. 151-153), Vygotsky foi um dos maiores psicólogos da primeira metade do século XX, além de continuar sendo um dos grandes líderes da grande escola dos psicólogos soviéticos, e exercer considerável influência na psicologia mundial. “Envolveu-se com a ciência na agitação de suas transformações pós-revolucionárias e contribuiu muito para a criação de uma psicologia marxista. Foram anos de criatividade intensa, brilhante e frutífera. [...] Durante seus anos de atividade científica, reuniu em torno de si um grupo de jovens intelectuais, que, posteriormente, formaria a maior escola científica da psicologia soviética, aquela que incluiu Luria, Leontiev, Bozhovich, Gal’perin, Zaporozhets, Zinchenko, El’konin e outros psicólogos. [...] Quando surgiu no cenário científico, Vygotsky era um jovem desconhecido; todavia, começou a criticar profundamente os postulados fundamentais da psicologia e a contrapô-los a várias noções teóricas importantes, cujo desenvolvimento experimental abriu novos horizontes na psicologia. Do nosso ponto de vista, o “fenômeno Vygotsky” tem várias causas singulares cuja investigação explicará sua legitimidade histórica. Vygotsky envolveu-se com as ciências humanas nos anos de preparação, realização e consolidação dos primeiros resultados da maior revolução social da história... Sua visão de mundo desenvolveu-se nos anos de revolução e refletiu as mais avançadas e fundamentais influências sócio-ideológicas relacionadas a compreensão das forças

chamada “troika”], se debruçaram sobre a tarefa histórica de constituição de uma psicologia geral de base marxista e que tinha como horizonte a emancipação humana e a liberdade dos trabalhadores das amarras de classe que restringiu seu desenvolvimento intelectual durante séculos (DAVYDOV e ZINCHENKO, 1994).

Por um lado, marchava a Revolução e todas as possibilidades de realização de um mundo novo, por outro, ardiem em sofrimento os protagonistas da antiga e da *nova história*: a abstração de uma visão e o alcance do *dever* se processavam com homens concretos, reais, em lutas aguerridas e sangrentas (BARROCO, 2007b, p. 37 – grifos do original)

Recuperar o processo de construção histórico da psicologia de base marxista implica adentrar ainda no universo teórico-ideológico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), um período que, além de profundas mudanças em todas as esferas da vida, é marcado por uma visão de mundo que buscava compreender as forças essenciais do homem, as leis de seu desenvolvimento histórico e de sua formação plena, nas condições de uma nova sociedade socialista (DAVYDOV e ZINCHENKO, 1994).

Entretanto, para Vygotsky, a filosofia marxista não era um dogma ou uma teoria em que poderiam ser encontradas as respostas para todas as questões específicas da psicologia. Essas respostas só podem ser obtidas em base no estudo psicológico cuidadoso e científico da atividade e da consciência humanas. Tendo um conhecimento profundo do marxismo, um psicólogo pode aprender um método geral de investigação científica, também baseado em muitos anos de trabalho científico experimental em psicologia. (DAVYDOV e ZINCHENKO, 1994, p. 157)

Para Vigotski, tratava-se de buscar nos mestres do marxismo não a solução para as questões candentes de sua época e para o futuro da psicologia,

[...] e nem mesmo uma hipótese de trabalho (por que estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção [da hipótese – R. R.]. Não quero receber de lambuja aqui e ali algumas citações, o que é a psique, o que desejo é apreender na *globalidade* do método de Marx como se

---

essenciais do homem e das leis de seu desenvolvimento histórico de sua formação plena nas condições da nova sociedade socialista. Este pensamento manifestou-se plenamente na filosofia materialista dialética, que Vygotsky conhecia a fundo e na qual baseou seu próprio ponto de vista sobre a palavra. Para maiores esclarecimento sobre o percurso de vida e intelectual de Vigotski ver: Davydov e Zinchenko (1994), Leontiev (2004), Luria (1988), Tuleski (2002), Carmo (2008) entre outros.

constrói a ciência, como focar a análise da psique (VIGOTSKI, 2004, p. 395 – Grifos nossos).

Ao identificar a incapacidade das tendências tanto idealistas como mecanicistas da época de explicar tal fenômeno, Vigotski (2004) afirmou que a crise na psicologia caracterizava-se, fundamentalmente, por uma crise metodológica. Era preciso então formular uma psicologia geral de base marxista. Tratava-se de compreender dos fenômenos psicológicos a partir da apropriação do método desenvolvido por Marx não de maneira leviana, pinçando citações ou fazendo junção de teorias e/ou autores dos mais diversos campos (VIGOTSKI, 2004).

## **II. I – Contribuições do materialismo histórico-dialético à psicologia histórico-cultural: Bases teórico-metodológicas da psicologia do “novo homem”<sup>58</sup>**

Na futura sociedade, a psicologia será, na verdade, a ciência do homem novo. Sem ela, a perspectiva do marxismo na história da ciência seria incompleta. No entanto, essa ciência do homem novo será também psicologia. Para isso já hoje mantemos suas rédeas em nossas mãos. (VIGOTSKI, 2004, p. 417).

O século XX traz, além da negação das antigas formas de vida, a condenação da velha forma de sociedade, economia e dos antigos sistemas políticos (HOBSBAWM, 1996). Atrelado a tudo isso a Revolução de Outubro, ou a Revolução Bolchevique, pretendeu dar um sinal de esperança os povos oprimidos de todo o mundo.

Por um lado, marchava a Revolução e todas as possibilidades de realização de um mundo novo, por outro, ardiem em sofrimento os protagonistas da

---

<sup>58</sup> Utilizamos aqui a expressão “*novo homem*” e não “*homem novo soviético*” por entendermos que esta última expressão se relaciona, muitas vezes, com as produções na época de Stálin. Pela censura e engessamento do método, nesta época, utilizava-se o termo “*novo homem soviético*” ao invés de “*novo homem*”. Universalidade em detrimento da particularidade (busca-a a formação, potencialização do homem soviético e não do gênero humano, tal como defendiam Marx e Engels, bem como Vigotski).

antiga e da *nova história*: a abstração de uma nova vida ao alcance do *devir* se processavam com homens concretos, reais, em lutas aguerridas e sangrentas (BARROCO, 2007b, p. 37)

As condições objetivas vividas do final da década de 1920 na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deram-na a possibilidade de viver o início de uma nova forma de organização social e política, sendo por isso fundamental entender que surge ali também uma nova visão de homem e de sociedade, tendo na ciência psicológica uma de suas mais elevadas expressões. A Revolução, desencadeada, respectivamente, em fevereiro e outubro de 1917, além de derrubar o antigo regime czarista, colocou em seu lugar o regime socialista.

[...] a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas e globais que sua ancestral. Pois se as idéias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de 1917 forma muito maiores e mais duradouras que as de 1789. A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna. Sua expansão global não tem paralelo desde as conquistas do Islã em seu primeiro século. Apenas trinta ou quarenta anos após a chegada de Lenin à Estação Finlândia em Petrogrado, um terço da humanidade se achava vivendo sob regimes diretamente derivados dos “Dez dias que abalaram o mundo” (Reed, 1919) e do modelo organizacional de Lenin, o Partido Comunista. A maioria seguiu a URSS BA segunda onda de revoluções surgida na segunda fase da longa guerra mundial de 1914-45 (HOBSBAWM, 1996, p. 62).

A partir desse momento o homem passa a ser reconhecido não apenas como objeto, mas ao mesmo tempo, como sujeito das relações sociais, isto é, como produtor da sociedade (SHUARE, 1990, p. 22-23). É no contexto da URSS pós-revolucionária, vivendo ainda sob condições bastante difíceis (TULESKI, 2002), que nasce a psicologia histórico-cultural, tendo como seus principais representantes Vigotski (1896-1934), Luria (1902-1977) e Leontiev (1903-1979)<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Segundo Luria (1988), “Vigotskii era também o maior teórico do marxismo entre nós. Em 1925, quando publicou a conferência que o trouxe a Moscou, incluiu uma citação de Marx que era um dos conceitos-chave do quadro teórico de referências que nos propôs... [...] nas mãos de Vigotskii o método marxista de análise desempenhou um papel vital na modelação do nosso rumo. Influenciado por Marx, Vigotskii concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também

Ao buscar as raízes históricas e sociais da psicologia é possível afirmar que sua constituição enquanto ciência esteve ligada, em linhas gerais, a dois grandes momentos, quais sejam: o primeiro, da imersão de suas ideias na filosofia; e segundo enquanto disciplina científica. Segundo Cambaúva, Silva & Ferreira (1998, p. 209), nesses dois momentos a psicologia tinha “[...] o objetivo de compreender as ações, as atitudes, os comportamentos e tantos outros estados subjetivos humanos que se revelam dinamicamente na relação dos homens entre si no mundo em que vivem”<sup>60</sup>.

Por muitos anos a psicologia manteve-se atrelada à filosofia. É somente em meados do século XIX, com a ascensão da burguesia no poder, em um contexto marcado profundamente pela introdução das ideias liberais, contrapostas a ordem feudal, que a psicologia se consolida como ciência (CAMBAÚVA, SILVA & FERREIRA, 1998; CARMO, 2004, p. 93).

A valorização do indivíduo, cultivada pelo liberalismo e, por conseguinte, pela psicologia, emerge com a finalidade de dar suporte ao sistema capitalista de produção, que buscava romper com o caráter de vida coletiva herdada do feudalismo para, em seu lugar, estabelecer um espaço privado de

---

um agente ativo no processo de criação deste meio. O abismo existente entre as explicações científicas e naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos não pode ser transposto até que possamos descobrir o meio pelo qual os processos naturais, como a maturação física, e os mecanismos sensoriais se entrelaçam aos processos culturalmente determinados para produzir as funções psicológicas dos adultos. Nós precisamos, por assim dizer, caminhar para fora do organismo objetivando descobrir as fontes das formas especificamente humanas de atividade psicológica. Vigotskii gostava de chamar este modo de estudo de *psicologia “cultural”, “histórica” ou “instrumental”*. Cada termo reflete um traço diferente da nova maneira de estudar a psicologia proposta por ele. Cada qual destaca fontes diferentes do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura daquelas formas de atividade que distinguem o homem dos animais”. *“Instrumental”* se refere à natureza basicamente mediadora de todas as funções psicológicas complexas. Diferentemente dos reflexos básicos, os quais podem caracterizar-se por um processo de estímulo-resposta, as funções superiores incorporam os estímulos auxiliares, que são tipicamente produzidos pela própria pessoa. [...] O aspecto *“cultural”* da teoria de Vigotskii envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas que a criança em crescimento enfrenta, e os tipos de instrumentos, tanto mentais como físicos, de que a criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefas. Um dos instrumentos básicos inventados pela humanidade é a linguagem. [...] O elemento *“histórico”* funde-se com o cultural. Os instrumentos que o homem usa para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento não surgiram plenamente desenvolvidos da cabeça de Deus. Foram inventados e aperfeiçoados ao longo da história social do homem. A linguagem carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano. Instrumentos culturais especiais, como a escrita e a aritmética, expandem enormemente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável no presente e passível de aperfeiçoamento no futuro (LURIA, 1988, p. 25-26 – grifos nossos)

<sup>60</sup> Nas palavras de Bock (1991, p. 39), “Para compreender a diversidade com que a Psicologia se apresenta hoje, é indispensável recuperar sua história. A história de sua construção está ligada, em cada momento histórico, às exigências de conhecimento da Humanidade, às demais áreas de conhecimento humano e aos novos desafios colocados pela realidade econômica e social e pela insaciável necessidade do homem de compreender a si mesmo”.

vida, onde a idéia de sujeitos individuais, singulares, toma força, permitindo o desenvolvimento do “eu” (CARMO, 2004, p. 93).

O surgimento da noção do “eu”, a afirmação da individualidade, de liberdade e igualdade, e o reconhecimento da subjetividade humana, faz com que a psicologia torne-se necessária para a afirmação das ideias liberais da época. “A sociedade burguesa vai fundar-se no princípio liberal da essência natural do homem, desconsiderando o processo real de vida dos indivíduos” (CARMO, 2004, p. 93).

Ao mesmo tempo em que é proclamada a liberdade e igualdade entre os homens enquanto valores universais, o indivíduo percebe-se como um sujeito não livre, e, por conseguinte, não tão igual como era proclamado. Segundo afirmam Cambaúva, Silva & Ferreira (1998, p. 210), o próprio indivíduo não será capaz de reconhecer-se nestes princípios, ocasionando, deste modo, uma crise da subjetividade.

A afirmação do individualismo e a criação de valores universais defendidos pela burguesia enquanto classe dominante possibilita, com efeito, o surgimento do modo de capitalista de produção. A psicologia, nesse contexto, passa a defender os interesses do capital, “[...] consolidando o fenômeno psicológico como algo automatizado, com força própria, referente apenas ao indivíduo, que passa, assim, é oportuno destacar, à condição de responsável único por seus sucessos ou fracassos” (CARMO, 2004, p. 94).

Rompendo com a rigidez dos laços hereditários do feudalismo, a liberdade anunciada na perspectiva do capital tem por objetivo primeiro, precisamente, transferir para o sujeito a responsabilidade pela posição que ele assume na sociedade, no sentido de mascarar a lógica perversa de dominação e da exploração, apresentando o capitalismo como um modo de produção pródigo e justo, que oferece a todos oportunidades iguais. É como se tudo principiasse no indivíduo e partisse unicamente de cada ser descolado das determinações histórico-concretas da existência

A psicologia que nasce para compreender o comportamento, os fenômenos psicológicos e a subjetividade do homem, em contraposição, serve também para garantir à adequação desta mesma subjetividade as necessidades do sistema social vigente, negando a

totalidade histórica e social que o determina e dá sentido à sua singularidade, ao mesmo tempo em que permite compreendê-la<sup>61</sup>.

No século XIX, o papel da ciência destaca-se e seu avanço torna-se necessário. O crescimento da nova ordem econômica – o capitalismo – traz consigo o processo de industrialização para o qual a ciência deveria dar respostas e soluções práticas no campo da técnica. Há então um impulso muito grande para o desenvolvimento da ciência enquanto um sustentáculo da nova ordem econômica e social e dos problemas colocados por ela (BOCK, 1991, p. 46).

Recuperar a “historicidade perdida” (TULESKI, s/d) ou mesmo negligenciada - quando não vítima de graves equívocos ou propositalmente deixada de lado, por assim dizer, pelos estudiosos dos mais diversos ramos da ciência psicológica -, do constructo teórico da psicologia histórico-cultural requer compreender as relações desta mesma ciência com a história, a filosofia e, sobretudo, perspectivados na defesa da historicidade humana e com a construção de um horizonte determinado, qual seja: uma sociedade comunista.

Sobre o quadro histórico que marca a difusão tardia dos textos da psicologia histórico-cultural no Brasil e no mundo em relação à época em que foram escritos, sobretudo dos escritos Vigotski, Pino (2000, p. 09) afirma que

Condições históricas adversas fizeram com que a obra de L. S. Vigotski permanecesse ignorada por várias décadas, fora e dentro da União Soviética, da qual fazia parte a Biélorússia, sua terra natal. Se o fato de ser ignorado fora explicar-se pela existência da ‘cortina de ferro’, barreira divisória de dois mundo ideológica e politicamente diferentes e opostos, o fato de ser ignorada dentro, mesmo tratando-se de um acadêmico reconhecido pelos seus pares desde a sua primeira aparição nos meios acadêmicos de Moscou,

---

<sup>61</sup> Segundo Bock (1991, p. 48), “Nesse período surgem homens como Hegel, demonstrando a importância da História para a compreensão do homem, e Darwin, que enterra o antropocentrismo com sua tese evolucionista. A ciência avança tanto que passa a ser um referencial para a visão de mundo. A partir dessa época, a noção de verdade passa, necessariamente, a contar com o aval da ciência. A própria Filosofia adapta-se aos novos tempos, com o surgimento do Positivismo de Augusto Comte, que postulava a necessidade de um maior rigor científico na construção dos conhecimentos nas ciências humanas. Desta forma, propunha o método da ciência natural, a Física, como modelo de construção do conhecimento. É em meados do século XIX que os problemas e temas da Psicologia, até então estudados exclusivamente pelos filósofos, passam a ser, também, investigados pela Fisiologia e pela Neurofisiologia em particular. Os avanços que atingiram também essa área levaram à formulação de teorias sobre o sistema nervoso central, demonstrando que o pensamento, as percepções e os sentimentos humanos eram produtos desse sistema. Para se conhecer o psiquismo humano passa a ser necessário compreender os mecanismos e o funcionamento da máquina de pensar do homem – seu cérebro. Assim, a Psicologia começa a trilhar os caminhos da Fisiologia, Neuroanatomia e Neurofisiologia”. In: BOCK, Ana Maria B. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1991.

em 1924, revela o potencial desestabilizador de muitas de suas idéias numa ordem política monolítica controlada pelo personalismo estalinista.

Segundo Duarte (2001, p. 166), “[...] o número crescente de publicações sobre a teoria de Vigotski não tem, em nossa avaliação, significado um aprofundamento e um detalhamento nos estudos dos escritos desse autor”. O interesse pelos escritos de Vigotski no Brasil vem acompanhado de um profundo distanciamento destes e de sua base teórico-filosófica. “Atualmente muito se escrever sobre Vigotski, mas muito pouca atenção se dá ao que o próprio Vigotski escreveu” (DUARTE, 2001)<sup>62</sup>. Nas palavras de Duarte (2001), o fato

---

<sup>62</sup> Sobre o referido distanciamento cabe assinalar um dos equívocos que tem sido frequentemente presenciado no Brasil, sobretudo na área da Educação. É recorrente na literatura pedagógica brasileira uma tentativa de união/aproximação da teoria vigotskiana com a epistemologia genética ou construtivismo piagetiano. De outro, e onde nos situamos, consideramos que os dois estudiosos situam-se em perspectivas radicalmente diferentes, não sendo possível, a não ser no plano da abstração/especulação, realizar tal injunção, isto é, agrupá-los em um mesmo universo teórico-metodológico. Afirmamos que as (in)junções antes referidas e realizadas por tais estudiosos tem tratado de acirrar e agudizar, por este mesmo veio, as consequências e as imensas contradições presentes na educação brasileira por afirmarem, erroneamente, que o segundo teria dado uma “pitada de social” nas elaborações do primeiro (DUARTE, 1996, p. 88). Segundo Carmo (2007) “A recorrente união entre os autores defendida no meio educacional estabelece uma relação de complementaridade entre os estudos de um e de outro, tornando-se senso comum no ideário pedagógico afirmar que Piaget e Vigotski são construtivistas, porque ambos defenderiam a centralidade do sujeito no processo de construção do conhecimento (CARMO, 2007, p. 10). No Brasil tal debate tem ganhado força sobremaneira a partir da última década do século XX através da divulgação feita por educadores que, no afã de criticar posturas e postulados até então dominantes devido ao seu caráter de tradicionalidade, acabam por situar a perspectiva vigotskiana no mesmo patamar dos postulados piagetianos quanto ao processo de aquisição do conhecimento pela criança, e por conseqüente o desenvolvimento da inteligência, principalmente quando tratam das relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Carmo (2007), é indispensável destacar, como base na revisão da literatura dominante sobre o paradigma construtivista e nos documentos oficiais que regem a educação no Brasil, “uma constante vinculação de Vigotski a Piaget, situando-os no mesmo universo ideológico e epistemológico” (CARMO, 2007). Nas palavras de Martins (2006), de fato, Vigotski e Piaget têm alguns pontos em comum: ambos nasceram no mesmo ano e tiveram como preocupação central a compreensão da gênese dos processos psicológicos e suas implicações nas práticas pedagógicas. Buscar semelhanças além dessas é [...] não se debruçar com a devida atenção nas suas produções (MARTINS, 2006, p. 28). Na contramão do diagnóstico vigente, tomado muitas vezes sem uma reflexão mais aprofundada acerca dos pressupostos que orientam a teoria de tais autores, Martins (2006) e Duarte (2004) afirmam ainda que a teoria vigotskiana contrapõe-se definitivamente a teoria de Piaget, sendo que há, na teoria deste último, entre outros fatores: I) Uma descontextualização histórica e social de suas produções; II) Uma descaracterização do método histórico e dialético do pensador russo; e que III) Tal injunção se dá por meio de uma sedução ocasionada pelo ideário construtivista em seu caldo eclético, bem como pela ampla divulgação realizada no Brasil por professores que não conheceram Vigotski pessoalmente, isto é, através de seus próprios escritos, mas por meio de comentadores. Tais injunções, feitas, sobretudo ao longo dos anos 1990, tem resultado em um processo que, longe de amenizar os graves déficits educacionais da Escola Pública Brasileira, tem tratado de aprofundá-los ainda mais. Segundo Carmo (2007), a defesa do chamado papel ativo do aluno no processo de construção do conhecimento tem resultado numa prática pedagógica voltada para a valorização daquele saber afeto ao cotidiano alienado e à desqualificação quanto à transmissão do conhecimento construído historicamente pela humanidade, prática declaradamente apoiada nos estudos de Piaget e Vigotski, que, na literatura pedagógica e nos documentos oficiais de educação, são postos como as principais referências teóricas para a proposta construtivista (CARMO, 2007, p. 10). Entremeadado pela sedutora proposta acima esboçada fundada na injunção operada pelos defensores do ideário construtivista, tal proposta tem sido a ponta de lança das “mais renovadas” propostas educacionais brasileiras. Desde meados da década de 1980, o construtivismo “[...] vem se fazendo presente não somente na literatura pedagógica referente

a ser constatado é que os escritos desse autor permanecem desconhecidos para a maioria dos educadores brasileiros, o que facilita a divulgação de interpretações que procuram aproximar a teoria vigotskiana a ideários pedagógicos afinados com o lema “aprender a aprender” e ao universo ideológico neoliberal e pós-moderno. Tal aproximação é facilitada antes de mais nada porque são retirados do pensamento vigotskiano seu caráter marxista e sua radicalidade na crítica às psicologias incompatíveis com a perspectiva marxista e socialista (DUARTE, 2001, p. 210-211).

Uma das características mais notáveis da psicologia soviética é que, desde o início, definiu-se nesta questão como ciência que busca uma concepção filosófica determinada – o materialismo dialético e histórico – os marcos metodológicos dentro dos quais desenvolve a investigação científica (SHUARE, 1990, p. 11).

Compreender o modo como a ciência estava organizada na URSS significava não prescindir do exame crítico de seus fundamentos históricos e filosóficos. Para Vigotski, tratava-se de negar, deste modo, a criação de um arcabouço teórico-metodológico que não conhecesse profundamente a produção já existente. Segundo Pasqualini & Vecchia (s/d)

O projeto de lançar as bases para uma psicologia científica marxista, realizado ainda sob os ecos da Revolução de 1917, implicava uma ampla e crítica revisão dos fundamentos histórico-filosóficos da psicologia burguesa, revendo as bases tradicionais dos estudos introspectivos/subjetivistas – como na psicanálise – e do esquema ‘estímulo-resposta’, próprio do *behaviorismo* (comportamentalismo).

---

ao tema, mas também nos documentos oficiais de ensino”, bem como nos documentos nacionais e mundiais de educação que, sob a batuta dos Organismos Internacionais, vem construindo e redefinindo o papel da educação e das instituições educativas no Brasil e nos países da América Latina. Adverte Leher (1998) que “As determinações do BM para o campo educacional têm caminhado no sentido de afirmar o construtivismo como pedagogia dominante, através da sua exortação nos principais documentos da área, que têm sido pensados e elaborados como parte de um complexo ideológico a serviço das necessidades de (re)produção do modo capitalista de produzir e pensar”. Some-se a tudo isso a recorrente substituição do que escreveu Vigotski escreveu pelo que seus interpretes escreveram, além da difusão em larga escala de traduções resumidas de seus textos, com por exemplo o que ocorreu com a o livro *Pensamento e Linguagem*, publicado pela primeira vez no Brasil em 1987. “[...] a tradução para o português do livro *Pensamento e Linguagem* (Vygotsky, 1993b), cuja primeira edição brasileira foi lançada em 1987, não é uma tradução do texto integral, mas sim de uma versão resumida publicada em inglês, nos EUA, no ano de 1962. Essa versão resumida cortou mais de 60% do texto original pois o texto, na versão integral, publicado nas *Obras Escolhidas em espanhol* (Vygotsky, 1993a, PP. 11-347), tem 337 páginas, enquanto na edição em português tem 132 páginas”. Duarte (2001, p. 166), reproduz o texto onde os autores afirmam o por que de terem realizado a tradução desta maneira. Assim afirmam: “Ao traduzir o livro, simplificamos e tornamos mais claro o estilo de Vygotsky, ao mesmo tempo que nos esforçamos para reproduzir com exatidão o seu sentido. A organização interna dos capítulos foi preservada, exceto no capítulo 2, onde omissões externas resultaram em uma reestruturação do texto e em um número extremamente reduzido de subdivisões [In Vygotsky, 1993b, PP. XII-XIV- grifos nossos]. (DUARTE, 2001, p. 166-167).

Se para Vigotski (2004, p. ), “[...] a ciência é o caminho da verdade ainda que caminhe através de erros”, em meio a um número crescente de estudos contraditórios que enfocava a subjetividade humana negando sua concreticidade/historicidade, era precisamente ali que seria possível encontrar o trajeto que conduziria a psicologia até a ciência de base geral:

[...] na própria luta, na superação dos erros, nas dificuldades incríveis, no enfrentamento sobre-humano com preconceitos milenares. Não queremos ser simplistas sem pai nem mãe; não padeceremos de mania de grandeza pensando que a história começa em nós nem queremos receber desta um nome limpo e trivial; queremos um nome no qual tenha assentado a poeira dos séculos. É precisamente nisto que encontramos nosso direito histórico, o sinal de nosso papel histórico, a *pretensão de realizar a psicologia como ciência*. Devemos nos considerar unidos e relacionados com o que é anterior a nós, porque inclusive quando o estamos negando estamos nos apoiando nele (VIGOTSKI, 2004, p. 405).

O fio condutor para o nascimento da psicologia do homem novo soviético proposta por Vigotski [e seus colaboradores] estava, pois, intrinsecamente ligada à luta de classes no interior da Rússia pós-revolucionária e a necessidade de construção da sociedade socialista demanda pela Revolução de Outubro. Segundo Shuare (1990),

Não há que supor, entretanto, que essa Revolução foi o produto puro de uma “iluminação” coletiva instantânea. Foi, na realidade, o fruto de um áspero (às vezes, implacável e injusto) e prolongado enfrentamento de concepções, interpretações, esquemas, cujos extremos (mecanicismo-dialética; idealismo-materialismo), atuando como pólos magnéticos, atraídos aos científicos da época, fazendo-lhes perder por momentos a bússola orientadora, porém, afinal de contas, os levou a encontrar a base a partir da qual formularam as proposições fundamentais para a criação de uma nova psicologia (SHUARE, 1990, p. 26).

Não se tratava apenas de reconstruir o que havia sido devastado em meio a Revolução, “[...] a sociedade soviética necessitava de uma nova racionalidade compatível com o projeto coletivo de construção do comunismo, para poder reorganizar-se”. Neste sentido “O movimento das massas, onde interesses diversos foram combinados para efetivar a Revolução, necessitava ser compreendido e que as energias fossem direcionadas para a

reconstrução social, a fim de garantir a sobrevivência da população e a passagem ao comunismo (TULESKI, 2002, p. 122-123)”.

Nas palavras de Tuleski (2002), o nascimento da psicologia histórico-cultural se desenvolve em um contexto peculiar no qual

A história colocava para a sociedade russa pós-revolucionária a necessidade de encontrar os meios para sobreviver sem apoio e auxílio e convivendo, ainda, com ameaças militares, políticas e econômicas constantes do ocidente. Um país enorme em proporções geográficas, com grande atraso econômico e cultural, arrasado pela guerra civil e pela guerra imperialista, deveria transformar-se em um curto espaço de tempo em um país capaz de produzir o suficiente para garantir a sobrevivência e satisfação da população, sob a pena de mergulhar na mais profunda barbárie (TULESKI, 2002, p. 55)

Segundo Shuare (1990, p. 25), o desenvolvimento da psicologia soviética em seus primeiros anos “[...] apresenta a análise histórica como um modelo para estudar as inter-relações entre os acontecimentos na esfera das relações sociais e os paradigmas científicos que se elaboram em vinculação com elas”.

A Revolução além de desencadear profundas mudanças no plano da consciência social, evidenciadas nos mais diversos movimentos sociais, possibilitou abertura de um amplo debate nas mais diversas áreas da ciência. Nas palavras de Shuare (1990)

Deve-se reconhecer, qualquer que seja a posição política que se adote ante o feito, que o processo iniciado em 1917 na Rússia implicou necessariamente profundas comoções no plano da consciência social; basta citar, para convencer-se dele, os movimentos transformadores na poesia, no teatro, no cinema, na pintura, na linguística, etc., que, se bem vinham desenhando-se desde anos antes, encontraram nesses momentos a atmosfera propícia para seu desenvolvimento (SHUARE, 1990, p. 24-25 - tradução nossa)<sup>63</sup>.

Na psicologia não foi diferente. Segundo a autora (1990) a Revolução de Outubro desencadeou não apenas mudanças no modo de organização social, como se espalhou pelos

---

<sup>63</sup> Tradução realizada pelo *Grupo de Estudos de Psicologia Histórico-Cultural e Educação na Perspectiva da Ontologia Marxiano-Lukácsiana* desenvolvido no Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO situado na Universidade Estadual do Ceará – UECE, sob a coordenação das Profas. Dra. Ruth Maria de Paula Gonçalves e Dra. Betânia Moreira de Moraes.

mais diversos âmbitos da sociedade soviética, ocasionado uma mudança objetiva na situação da psicologia como ciência.

Era imperativo para a concretização da luta pela transformação social não apenas resolver os problemas práticos demandados pela Revolução, como era indispensável adequar a ciência ao desenvolvimento dessas mesmas tarefas (SHUARE, 1990).

As tentativas de construir a nova psicologia que requeriam as circunstâncias históricas, tentativas realizadas a partir de diferentes teorias científicas e sistemas filosóficos, dão origem a uma aguda [produção] que, iniciada antes da Revolução de Outubro, toma impulso nela e continua, com diferentes conteúdos e sorte, durante um longo tempo (SHUARE, 1990, p. 25-26)

Recorrendo a Marx e as lições apreendidas deste por Vigotski, Barroco (2007) afirma que se o mais desenvolvido explica o menos desenvolvido<sup>64</sup>, hoje, em um momento em que o desenvolvimento humano [científico e tecnológico] alcança patamares nunca antes vistos, “[...] é preciso recuar e reconhecer o *avanço* daqueles homens em sua luta sangrenta contra o *avanço* do projeto burguês que vinha se expandindo em termos mundiais, e que já se mostrava presente na URSS, mas que os levava a uma condição alienante, desumana” (BARROCO, 2007, p. 38 – *grifos da autora*).

A necessidade de resolver tarefas práticas na dimensão de toda uma sociedade tira a psicologia dos marcos acadêmicos tradicionais e esta deixa de ser uma ciência mais ou menos “neutra” no sentido de suas investigações de laboratório e deve não apenas verificar seus esquemas explicativos em situações reais, mas dar respostas aos problemas de significado vital para a sociedade (SHUARE, 1990, p. 25)

---

<sup>64</sup> Marx (1985), ao analisar o processo de desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra, país onde este se encontrava mais desenvolvido no século XVIII, e ao eleger categorias para desenvolver tal estudo, como por exemplo, mercadoria, dinheiro, valor de troca, valor de uso, entre outros, afirma que somente é possível entender o modo como se organizava a sociedade se partirmos da compreensão de que a sociedade burguesa é a organização mais desenvolvida historicamente e que, ao adentrar na compreensão de suas articulações é possível compreender as formações sociais preexistentes. Neste sentido afirma o autor, “A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permite penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. *A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário, se compreendido senão quando se conhece a forma superior.* A Economia burguesa fornece a chave da Economia da Antiguidade etc. Porém, não conforma o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e vêem a forma burguesa em todas as formas de sociedade. Pode-se compreender o tributo, o dízimo, quando se compreende a renda da terra. Mas não se deve identificá-los” (MARX, 1985, p. 17 – grifos nossos)

Cabe ressaltar que, segundo Tuleski (2002, p. 123), embora a custo de sacrifícios e de imposições, neste mesmo período a URSS avançou significativamente no que se refere ao processo de industrialização e melhoria do desenvolvimento cultural da população.

O processo de reorganização pelo qual passava a URSS, aquela época, seria o fio condutor para a análise da *Escola Psicológica de Vigotski* (DAVIDOV & SHUARE, 1987). Nas palavras de Barroco (2007a),

A história marca, pela reflexão de diferentes autores, quão intensos e dramáticos foram aqueles anos nos quais Vigotski elaborou sua teoria psicológica, mas, também, registra quão única foi essa experiência de formulação deliberada de uma teoria, de constituição de uma escola psicológica (BARROCO, 2007, p. 38)

Como nos adverte Barroco (2007a), a história da URSS, e da psicologia em particular, evidencia também as dificuldades enfrentadas por Vigotski e seus companheiros na busca por responder as questões demandadas frente à necessidade de consolidação dos objetivos da Revolução e de consolidação do projeto coletivo de sociedade. Sobremaneira as perseguições e proibições que se seguiram após a morte de Vigotski (1934), acarretados com a tomada de poder por Stálin, são fatores fundamentais para entendermos os desdobramentos e o modo como se desenvolveu a psicologia de base marxista na URSS.

As mudanças ocorridas na Rússia do início do século XIX, pela necessidade histórica de desenvolvimento de uma nova forma de sociabilidade, e na psicologia, dada a grandeza da apropriação teórica de Vigotski e de seus colaboradores - seja dos clássicos da psicologia, do materialismo histórico e dialético, mas também da arte e da literatura -, são fatores indispensáveis para entendermos a psicologia de base marxista como resultado da maior revolução social da história, que libertou os trabalhadores das amarras de classe que impediam seu desenvolvimento durante séculos (DAVYDOV & ZINCHENKO, 1994)<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> A exposição detalhada dos aspectos referentes a sua vida e obra somente serão desenvolvidos no próximo item. Cabe ressaltar, antes de adentrarmos no desenvolvimento dos objetivos propostos e do universo categorial de desenvolvimento da psicologia histórico-cultural alguns aspectos importantes de Vigotski [por toda a sua importância histórica no desenvolvimento da ciência psicológica de base marxista], mas também de Luria, Leontiev e de alguns de seus colaboradores

A década de 1920, ou a “década de ouro”, como é conhecida, marca um período de revolução na psicologia de base marxista. De acordo com Shuare (1990), a necessidade histórica de construção de uma nova psicologia fundamentada no materialismo dialético começou em 1923<sup>66</sup>, ano de realização do I Congresso Nacional de Psiconeurologia ocorrido em Leningrado, Moscou, e que reuniu pesquisadores de todo o país e das mais diversas áreas da psicologia: psicologia geral, psicologia fisiológica, psicologia infantil e psicológica, fisiologia da atividade nervosa superior, neurologia e psiquiatria (LEONTIEV, 2004).

A Revolução de Outubro introduziu mudanças radicais na ciência psicológica. Nesse sentido, a psicologia passa também a necessitar de uma completa transformação. Tratava-se de desenvolver no prazo mais curto possível uma nova ciência que substituísse a velha psicologia. Para os psicólogos soviéticos a tarefa daqueles anos que se iniciavam consistia em elaborar uma nova teoria no lugar da psicologia introspectiva da consciência individual baseada no idealismo filosófico que já era cultivada no período que precedeu a revolução. A nova psicologia devia partir da filosofia do materialismo dialético e histórico, tinha de se converter num psicologia marxista (LEONTIEV, 2004, p. 428). Segundo o autor,

A necessidade de tal reconstrução não foi compreendida de imediato pelos psicólogos, muitos dos quais eram discípulos de Tchelpánov. Não obstante, já em 1920, e mais concretamente em 1921, esse problema começa a ser formulado por P. P. Blonski (nos livros *Reforma da ciência* e *Ensaio de uma psicologia científica*). Mas o acontecimento decisivo daqueles anos, quando foi formulada com toda clareza a linha de estruturação de uma psicologia marxista, foi a conhecida comunicação de K. N. Kornílov “A psicologia e o marxismo” no I Congresso Nacional de Psiconeurologia, celebrado em Moscou em janeiro de 1923. Nessa comunicação foram expostas algumas teses de princípio do marxismo diretamente relacionadas com a psicologia (sobre o caráter primário da matéria em relação à consciência, sobre a psique como propriedade da matéria altamente organizada, sobre o caráter social da psique do homem, etc.)

A realização, em 1924, do II Congresso Nacional de Psiconeurologia, em Leningrado, é marcada pela primeira aparição pública de Vigotski no cenário da psicologia, causando grande impressão (SHUARE, 1990). Na oportunidade Vigotski apresentou o trabalho intitulado “*O método de investigação reflexológica e psicológica*”, despertando

---

<sup>66</sup> Como já ressaltara Pasqualini (2006, p. 67), a data de 10 a 15 de janeiro de 1923 é indicada por Shuare (1990); Golder (2004), no entanto, afirma que o I Congresso de Psiconeurologia teria acontecido em 1922.

atenção de diversos pesquisadores, entre eles Luria e Leontiev, que aquela época, já trabalhava juntos. Segundo Luria (1988, p. 21)

Quando Vigotskii se levantou para apresentar sua comunicação, não tinha um texto escrito para ler, nem mesmo notas. Todavia, falou fluentemente, parecendo nunca parar para buscar na memória a ideias seguinte. Mesmo se o conteúdo de sua exposição fosse corriqueiro, seu desempenho seria considerado notável pela persuasão de seu estilo. Mas sua comunicação não foi, de forma alguma, vulgar. Em vez de escolher um tema de interesse secundário, como poderia convir a um jovem de vinte e oito anos falando pela primeira vez em um encontro de prolectos colegas de profissão, Vigotskii escolheu o difícil tema da relação entre os reflexos condicionados e o comportamento consciente do homem.

A defesa realizada pelo autor de que a consciência além de permanecer no campo de estudos da psicologia deveria ser estudada por meios objetivos, embora não tenha conseguido convencer a todos, deixou claro que “[...] este homem, vindo de uma pequena cidade provinciana da Rússia ocidental, era uma força intelectual que deveria ser ouvida” (LURIA, 1988, p. 22).

Aquela época Kornilov, então diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou, convidou-o para trabalhar no Instituto. Ficou decidido então que “[...] Vigotskii deveria ser convidado para se juntar ao jovem corpo de assistentes do novo e reorganizado Instituto de Psicologia de Moscou” (LURIA, 1988). Vigotski chegou ao Instituto no outono daquele ano. Dava-se início uma colaboração que continuaria até sua morte, no ano de 1934.

Quando Vigotskii chegou a Moscou, eu ainda estava realizando estudos pelo método motor combinado com Leontiev, que havia sido discípulo de Chelpanov, a quem me associei desde então. Reconhecendo as habilidades pouco comuns de Vigotskii, Leontiev e eu ficamos encantados quando se tornou possível incluí-lo em nosso grupo de trabalho, que chamávamos de “troika”. Com Vigotskii como líder reconhecido, empreendemos uma revisão crítica da história e da situação da psicologia na Rússia e no resto do mundo. Nosso propósito, superambicioso como tudo na época, era criar um novo modo, mais abrangente, de estudar os processos psicológicos humanos (LURIA, 1988, p. 22).

O II Congresso Nacional de Psiconeurologia teve como resultado a substituição de Tchelpanov por Kornílov na direção do Instituto de Psicologia. O objetivo central da

psicologia passa a ser a “busca de uma base marxista para a psicologia como ciência”. Tratava-se de reconstruir a ciência psicológica sob a base do marxismo, o que levaria a que a ação fosse vista em seu significado social objetivo (SHUARE, 1990, p. 18)<sup>67</sup>.

Sob a orientação até então de Kornílov, dava-se, naquele momento, o nascimento das discussões em torno da necessidade premente de construção de uma psicologia de novo tipo, não mais presa aos determinismos e visões naturalistas da época, mas uma psicologia que entendesse o processo de desenvolvimento humano em seu percurso histórico concreto.

Uma das características mais notáveis da psicologia soviética pós-revolucionária, desde suas primeiras iniciativas para formular uma nova concepção sobre a natureza do psiquismo e suas determinações concretas e que a diferencia notadamente de outros sistemas, é representado por seu ponto de partida metodológico, evidenciado pela necessária *relação entre a ciência psicológica e a filosofia*.

Segundo Shuare (1990, p. 14), qualquer teoria científica, em especial nas ciências humanas, toma como princípio/fundamento uma conceituação geral sobre a essência humana, sua origem, a natureza do seu conhecimento, etc. Por esse mesmo motivo tanto os resultados

---

<sup>67</sup> Shuare (1990, p. 37-39) ressalta que o primeiro psicólogo a formular a ideia de que a psicologia deveria orientar-se pelo marxismo foi P. P. Blonski (1884-1941). A autora assinala ainda alguns aspectos importantes sobre o autor, quais sejam: 1) Blonski trata de basear a psicologia no marxismo e arrancá-la do círculo infrutífero do estudo dos estados da alma, porém a compreensão insuficientemente profunda da dialética e do materialismo histórico (característica de muitos investigadores e não somente dessa época) o leva a praticar um duplo reducionismo, a consequência dos quais os fenômenos psíquicos como tais não têm existência própria e são explicados pelas leis biológicas e pelos fatores sociais; 2) A ideia de desenvolvimento e a necessidade estudar o comportamento desde o ponto de vista histórico e, mais amplamente, num plano genético comparativo é um projeto muito frutífero; embora, em Blonski se manifeste em sua expressão reducionista, já que para ele significa que as expressões superiores do desenvolvimento são incompreensíveis se não se conhecem as inferiores e não se as liga; 3) As referidas afirmações de Blonski que todos os fenômenos psíquicos humanos são sociais e, nesse sentido, sua oposição a divisão da psicologia em individual e social tem análogos em Vigotski, ainda que este diferenciou a psicologia individual e a coletiva (o que hoje entendemos por psicologia social); 4) É interessante relacionar a concepção de Blonski do método analítico e do experimento científico e as reflexões que Vigotski fez, em especial, em O sentido histórico da crise psicológica sobre o problema do método na psicologia (método experimental e analítico-genético); 5) Também chama a atenção as reflexões de Blonski acerca da não divisão entre as ciência teóricas e aplicadas, sua afirmação da semelhança essencial entre o experimento científico e a técnica e a que a ciência nasce na ação, volta a ela e é uma ação dirigida a transformar a realidade; e, 6) Por último, nos trabalhos referidos aos problemas da educação, Blonski expressou ideias vigentes até o dia de hoje sobre o processo educativo (seu caráter ativo, a participação da criança como sujeito do mesmo, o ensino politécnico, etc.), porém também caiu em formulações mecanicistas e reducionistas (as mudanças da conduta da criança dependem da influência do meio e da herança, o desenvolvimento do intelecto deve repetir o desenvolvimento do gênero humano) (Tradução do Grupo de Estudos Psicologia Histórico-Cultural e Educação na perspectiva da Ontologia Marxiano-Lukácsiana – IMO/UECE).

concretos como os princípios básicos de qualquer teoria não podem deixar de expressar determinada concepção de mundo e certo enfoque filosófico. De acordo com a autora,

[...] trata-se de explicitar ao máximo esta dependência e de esclarecer as funções da filosofia e das concepções de mundo no conhecimento científico; este é o melhor meio para prevenir “inesperados” conteúdos ideológicos que “de pronto” aparecem no conhecimento científico. Esta explicitação não constitui uma perda de objetividade, mas a garantia indispensável (ainda que não suficiente) da mesma.

Em linhas gerais, a autora afirma que nos primeiros anos que sucederam a Revolução de Outubro tais efeitos se manifestaram: I) Na defesa da psicologia tradicional (subjetivista, empirista), em especial em sua linha experimental; II) Na prolongação da tradição científico-natural da fisiologia; e, III) Nas tentativas de criar novas concepções sobre a base do marxismo. Além destas, a autora nos chama a atenção ainda para algumas das principais consequências que caracterizam este período, quais sejam: a) O aparecimento de um novo objeto de estudo na psicologia, o comportamento, mas entendido de maneira diferente que no comportamentalismo norte-americano; b) A pretensão de reduzir o psiquismo a manifestação subjetiva dos processos nervosos e, em geral, distintas interpretações materialistas reducionistas; c) Diferentes propostas que pretendiam incorporar o marxismo a psicologia.

Sob as bases teóricas do materialismo histórico dialético, a psicologia russa assumiu a tarefa de refletir e propor uma nova maneira de pensar o homem e a sociedade, passando a se ocupar de temas como: *a natureza do psíquico, a essência da psique - objeto da psicologia, e seus métodos* (SHUARE, 1990).

Imersa até então no seio dos laboratórios, a ciência psicológica passava, a partir de então, ao estudo daquilo que lhe é mais fundamental/peculiar, qual seja: “[...] o estudo do humano em seu devir histórico”, enquanto ser mediado histórica e socialmente, tendo no estudo da consciência/psique, seu objeto maior (SHUARE, 1990).

Segundo Leontiev (2004) as profundas e decisivas mudanças introduzidas com a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia e as mudanças ocorridas nos rumos da psicologia não se produziram de repente. Desde seu início a psicologia soviética definiu-se como uma

ciência que buscou na filosofia do materialismo dialético os marcos metodológicos para o desenvolvimento da investigação científica (SHUARE, 1990, p. 11)<sup>68</sup>.

Com base em Smirnov (DATA), Shuare (1990, p. ) afirma que “A ciência psicológica da jovem Rússia soviética deu seus primeiros passos na investigação de questões práticas que a construção de uma vida nova levantada ante ela”. Assim, “[...] a história dos primeiros anos da psicologia soviética é a história das tentativas por dar a psicologia o *status* de uma ciência verdadeira, cujos princípios metodológicos deviam derivar-se naturalmente dos postulados do materialismo dialético e histórico (SHUARE, 1990, p. 26).

A análise da crise e da estrutura da psicologia, testemunha indiscutivelmente que nenhum sistema filosófico pode dominar diretamente a psicologia como ciência sem a ajuda da metodologia, isto é, sem criar uma *ciência geral*; que a única aplicação legítima do marxismo na psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque esta psicologia não seria outra coisa que a dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo na psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, fora deste projeto, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e a dissolver a dialética em pesquisas ou testes; ao raciocinar sobre as coisas baseando-se em seus traços externos, casuais e secundários, haverá a perda total de todo critério objetivo e o intento de negar todas as tendências históricas no interior da psicologia, ocorrerá uma revolução simplesmente terminológica” (VIGOTSKI, 2004 – Grifos nossos)

#### Segundo Luria (1992), sob a influência dos escritos de Marx

[...] Vigotski concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente estavam nas relações sociais do indivíduo com o meio externo. Mas o homem não é só um produto de seu meio ambiente; também é um agente ativo na criação desse meio ambiente. O vão existente entre as explicações científicas naturais dos processos elementares e as descrições naturais, como a maturação física e os mecanismos sensoriais se interligavam com os processos culturalmente determinados para produzir as funções psicológicas adultas. Precisávamos, por assim dizer, tomar uma

---

<sup>68</sup> Neste sentido, retomando o filósofo soviético E. G. Yudin, Shuare (1990, p. 12), Shuare (1990) ressalta que a filosofia cumpre três funções principais em sua relação com o conhecimento científico, quais sejam: I) A função de investigar as premissas e condições que estão na base do tipo dado de pensamento científico (regime conceitual da ciência e seus principais esquemas explicativos); II) Determinar os limites historicamente concretos do conhecimento científico que se logra com o procedimento dado de sua organização (caracterização do conjunto de problemas acessíveis ao conhecimento científico no nível que conseguiu alcançar no momento dado); e III) A função de revelar o tipo de orientação social prática, determinada pelo lugar que ocupa a ciência no sistema da cultura (caracterização da ciência como instituição sócio-cultural, a explicação de seu papel na formação da concepção do mundo). Estas seriam, para ela, as premissas que estariam ligadas ao desenvolvimento da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski.

certa distância do organismo, para descobrir as fontes das formas especificamente humanas de atividade psicológica (LURIA, 1992, p. 48).

Nas palavras de Vigotski (2004, p. 33-34) tratava-se de “[...] revisar os fundamentos e princípios da psicologia à luz do materialismo histórico e ligar a elaboração da investigação científica e teórica, assim como o ensino desta ciência, a premissas de caráter filosófico mais gerais e fundamentais”.

Vigotski (2004, p. 394) afirma que era preciso saber o que se pode e o que se deve buscar no marxismo. Nas palavras do autor, “[...] o que precisamos encontrar em nossos autores é uma teoria que ajude a conhecer a psique, mas de modo algum a solução do problema da psique, a fórmula que contenha e resuma a totalidade da verdade científica”. Assim afirma: “O que sim pode ser buscado previamente nos mestres do marxismo não é a solução da questão, e nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção [da hipótese – R. R.] (VIGOTSKI, 2004, p. 395)

Uma das grandes questões que nos chama atenção na leitura atenta aos escritos de Vigotski, como advertidamente nos chama atenção Tuleski (2002), é sua contundência e insistência de que a “*nova psicologia*”, forjada sob os escombros da velha sociedade russa, fosse capaz de superar e eliminar a dicotomia arraigada pela “velha psicologia” entre corpo e mente e realizar uma síntese, uma vez que, segundo a autora

Esta dicotomia foi historicamente o pomo da discórdia entre as teorias psicológicas, justificando sua classificação entre idealistas e materialistas. Vygotsky parece perseguir o objetivo de superá-la, trazendo para a Psicologia o método proposto por Marx e Engels e construindo a ponte que eliminaria a cisão entre matéria e o espírito (TULESKI, 2002, p. 55).

Não se tratava de realizar críticas a esse ou aquele autor determinado, mas “explicitar as tendências objetivas que conduzem os postulados científicos. Para Vigotski é na objetividade, nas necessidades que a realidade impõe, de acordo com a organização dos homens, que é possível entender as ideias, suas limitações e contradições” (TULESKI, 2002, p.

55). Vigotski (2004) afirma que a luta evidenciada entre as Escolas Psicológicas apresentava o mesmo sentido da luta histórica entre as classes.

[...] no campo da ideologia rege a lei, descoberta por Engels, da concentração de idéias em torno de dois polos – o idealismo e o materialismo -, que correspondem aos dois pólos da vida social, às duas principais classes que lutam. A natureza social das idéias manifesta-se como muito mais facilidade em um fato filosófico do que como fato científico: termina seu papel de agente ideológico oculto disfarçado de fato científico e fica desmascarada, começando então a participar como um elemento a mais na luta de classes das idéias (VIGOTSKI, 2004, p. 222)

A crise que se instaurara na psicologia em todo o mundo, e não apenas na Rússia como pode parecer em um primeiro momento, faz surgir diversas correntes e teorias das mais diversas matizes não somente no Ocidente, como também na Rússia. Aqui, as necessidades demandadas pela tarefa de construir uma nova sociedade produziram, segundo Shuare (1990, p. 26-27), complicados efeitos no panorama da psicologia soviética.

De acordo com Leontiev (2004),

Apesar das potentes tendências materialistas e revolucionário-democráticas que existiam na filosofia e psicologia russa, a ciência psicológica oficial que era cultivada nas universidades e colégios de antes da revolução estava impregnada por um espírito idealista. Além disso, no aspecto científico encontrava-se muito a reboque do nível alcançado nos países europeus mais avançados (Alemanha e França) e nos Estados Unidos. (LEONTIEV, 2004, p. 427).

Segundo afirma Leontiev (2004) apesar do volumoso número de laboratórios surgidos na Rússia no final do século XIX e início do século XX, iniciados por Tchelpánov<sup>69</sup> em 1912 com a criação do primeiro Instituto de Psicologia do país, aliado à Universidade de Moscou, a produção dos mesmos ainda “[...] era insignificante e em muitos casos pouco original em relação a seu conteúdo”. Ao mesmo tempo, segundo ele, surgem na Europa diversas escolas psicológicas como o freudismo, o gestaltismo, a Escola de Würzburg, etc. (LEONTIEV, 2004, p. 427).

---

<sup>69</sup> Ao longo de todo o texto o leitor perceberá que a escrita do nome de alguns autores ou mesmo do Grupo formado por Vigotski, Luria e Leontiev (chamada *troika*) apresenta grafias diferentes. Como já ressaltado, respeitaremos a escrita dos diversos autores e interpretes ora utilizados.

De acordo com a análise de Vigotskii, a situação da psicologia mundial no começo do século XX era extremamente paradoxal. Durante a segunda metade do século XIX, Wundt Ebbinghaus e outros tinham conseguido transformar a psicologia em uma ciência natural. A estratégia básica de seu modo de estudo consistia em reduzir os complexos acontecimentos psicológicos a mecanismos elementares que pudessem ser estudados em laboratórios por meio de técnicas exatas, experimentais. O “sentido” ou “significado” dos estímulos complexos foi reduzido com a finalidade de neutralizar a influência das experiências ocorridas fora do laboratório, as quais o experimentador não podia controlar ou avaliar corretamente. Sons e luzes isolados ou sílabas sem sentido eram os estímulos favoritos que serviam para provocar o comportamento. O objetivo dos pesquisadores tornou-se a descoberta das leis dos mecanismos elementares que deu origem a esse comportamento de laboratório (LURIA, 1988, p. 23).

No ano de 1927 Vigotski elabora um dos mais importantes/fundamentais textos sobre os problemas metodológicos e filosóficos da ciência psicológica: *“O significado histórico da crise da psicologia: Uma investigação metodológica”*<sup>70</sup>. O referido texto apresenta uma análise rigorosa dos fundamentos metodológicos e filosóficos da crise da ciência psicológica do início do século XX, marcada pela luta entre tendências materialistas, mecanicistas e idealistas, tanto na Europa como na Rússia, no início do século XX, e seus desdobramentos na psicologia russa.

O manuscrito somente veio a público no ano de 1982/1984, na então URSS, uma vez que havia sido perdido durante a II Guerra Mundial e somente nos anos de 1960 foi encontrado (DAVYDOV & ZINCHENKO, 1994; LORDELO, 2011). Segundo Rivière (1985) o referido texto situa-se em uma posição intermediária entre os primeiros escritos do autor e os trabalhos em que o autor já formularia mais claramente os primeiros postulados da nova ciência psicológica<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Leontiev (2004) situa este texto como um dos primeiros escritos teóricos e metodológicos de Vigotski desde sua entrada na psicologia, expressão da tentativa do autor de estruturar as bases teórico-metodológicas para a construção de uma psicologia verdadeiramente marxista.

<sup>71</sup> Davydov & Zinchenko (1994, p. 156) ao discutirem as origens culturais e científicas gerais da teoria psicológica de Vygotsky afirmam que “[...] na Rússia pré-revolucionária a psicologia era muito menos desenvolvida que no Ocidente. Isso é especialmente verdadeiro em relação à psicologia experimental. Vygotsky assimilou ativamente a experiência da psicologia mundial, e aquilo que assimilou foi transformado em uma nova e criativa interpretação do behaviorismo, da psicologia da Gestalt, da psicologia funcional e descritiva, da psicologia do desenvolvimento, da escola sociológica francesa e do freudismo. Sobre o referido texto, Van der Veer & Valsiner (2005, p. 1996) afirmam que o mesmo foi concluído no verão de 1926, época em que Vigotski encontrava-se acamado por conta da tuberculose, sendo que o mesmo teria redigido o referido texto no hospital.

Vigotski precisava descobrir com exatidão os sintomas da doença de que padeciam as correntes objetivas em psicologia para buscar, em seguida, as formas de curá-las. A semelhantes tarefas estão dedicados seus primeiros trabalhos teóricos: o informa “Metodologia de investigação reflexológica e psicológica”, com o qual intervém no II Congresso de Psicoloneurologia (1924), o artigo “A consciência como problema da psicologia do comportamento” (1925) e o grande trabalho teórico “O significado histórico da crise da psicologia” (1926-1927), que está publicado pela primeira vez no primeiro tomo da presente coleção. Idéias isoladas, concordantes com esses trabalhos, também aparecem em outros, inclusive posteriores. Muitas das ideias de Vigotski, contidas de forma implícita em seus trabalhos ou manifestas oralmente por ele, são essenciais, tanto para suas obras quanto em grande medida para toda a psicologia soviética. (LEONTIEV, 2004, p. 434)

Vigotski (2004) realiza um exame (diagnóstico) cuidadoso e crítico das diferentes abordagens teórico-metodológicas presentes na psicologia de sua época na busca de um caminho para a superação de crise vivenciada àquela época. Sua investigação metodológica baseia-se no estudo das formas concretas que a ciência foi adotando e na análise teórica dessas formas para chegar a princípios generalizadores, comprovados e válidos (VIGOTSKI, 2004, p. 210). Afirma o autor:

A partir de agora nos manteremos nessa via para nossa análise: partiremos de uma série de fatos de caráter muito geral e abstrato (como tal ou qual sistema psicológico e seu modelo, as tendências e o destino de diferentes teorias, estes ou aqueles métodos de conhecimento, categorizações científicas e esquemas etc.). Não os trataremos do ponto de vista da lógica abstrata, puramente filosófica, mas como determinados fatos da história da ciência. Ou seja, como acontecimentos concretos, historicamente vivos (VIGOTSKI, 2004, p. 210).

Para Vigotski, “[...] é na objetividade, nas necessidades que a realidade impõe, de acordo com a organização dos homens, que é possível entender as ideias, suas limitações e contradições” (TULESKI, 2002, p. 56). Tratava-se de analisar e explicitar as diferentes correntes teóricas da psicologia de sua época do ponto de vista da história daquela ciência, e não da mera especulação ou crítica a esse ou aquele autor. Nas palavras de Tuleski (2002, p. 55),

---

Embora o texto seja imensamente citado por diversos autores da psicologia soviética dos anos de 1930, este foi um dos textos de Vigotski que mais demorou a ser publicado oficialmente.

Vygotski revê as principais teorias ligadas à “velha psicologia” mostrando seus pontos positivos e negativos, e o faz mostrando os avanços e retrocessos, historicamente determinados como uma luta que se descola do mundo real e se afirma no mundo das idéias e vice-versa. Opondo-se aos estudiosos de sua época, ele procura demonstrar os elementos da crítica e da análise das teorias existentes para construir uma nova psicologia.

Segundo o próprio Vigotski (2004), seria demasiado ingênuo acreditar que a crise da psicologia surgiu ao acaso ou mesmo como produto das mudanças ocorridas durante aqueles anos iniciais do século XX com o surgimento de um número significativo de correntes e escolas que se declaravam opostas a psicologia empírica, e que antes tudo se desenvolvia na mais completa harmonia, de forma feliz (VIGOTSKI, 2004).

A psicologia empírica, que substitui a racional ou metafísica, realizou dentro de seu âmbito uma importante reforma. A partir da afirmação de J. Looke de que a investigação da essência da alma era uma especulação, a psicologia empírica evoluiu, de acordo com o espírito científico geral de sua época, até converter-se em uma “psicologia sem alma”, uma ciência experimental acerca dos fenômenos espirituais ou estado da consciência, estudados mediante a percepção interna ou a introspecção. No entanto, *a psicologia não conseguiu criar sobre essas bases um sistema universal e necessário similar ao de outras ciências*. Seu estado geral no final do século XIX, pode ser caracterizado com bastante correção pela existência de um *grande desacordo dentro do pensamento científico que se tinha dividido em numerosas correntes isoladas e compreendiam a sua maneira as categorias e princípios fundamentais de sua ciência* (VIGOTSKI, 2004, p. 41 – grifos nossos).

A crise da psicologia empírica teve como consequência inevitável, afirma o autor, por um lado à ausência de um sistema científico único, que fosse reconhecido por todos, e por outro, o inevitável aparecimento de novas correntes psicológicas que buscavam encontrar soluções para a crise, “[...] renunciando às principais premissas da psicologia empírica e adotando como fundamentos e fontes de conhecimento outras mais sólidas e cientificamente mais fidedignas” (VIGOTSKI, 2002, p. 42). Continua ele,

Por fim, o material da psicologia empírica, sempre tingido de uma tonalidade subjetiva e extraído, em todos os casos, do estreito poço da consciência individual, junto com seu método principal, que reconhece o caráter essencialmente subjetivo do conhecimento dos fenômenos psíquicos, mantém nossa ciência tão atada e limita tanto suas possibilidades que a condena, assim, à atomização da psique, a sua fragmentação em numerosos

fenômenos, independentes uns dos outros, e à incapacidade de agrupá-los (VIGOTSKI, 2002, p. 42).

Vigotski (2004) considerava um erro a justaposição de sistemas cuja concepção de método era impossível de ser conciliada. Tal ecletismo, segundo o autor, apresenta-se na tentativa de unir, por exemplo, a psicanálise e o marxismo, a reflexologia e a psicanálise, o behaviorismo e o freudismo entre outros. Afirma o autor,

As tentativas ecléticas de conjugar elementos heterogêneos, de natureza distinta e de diferentes origens científicas, carecem desse caráter sistêmico, dessa sensação de estilo, dessa conexão entre nexos que proporciona o submetimento das teses particulares a única ideia que ocupa um lugar central no sistema de que faz parte. Tais são, por exemplo, as sínteses do behaviorismo e da psicologia freudiana nas publicações norte-americanas; o freudismo sem Freud dos sistemas de A. Adler e A. B. Zalkind e, finalmente, as tentativas de unir a psicologia freudiana e o marxismo (A. R. Luria, 1925; B. D. Fridman, 1925) (VIGOTSKI, 2004, p. 252)

A tarefa realizada por tais diversos autores consistia em “[...] assimilar a uma escola qualquer os produtos científicos de outra”, transferindo diretamente as leis, os fatos, as teorias, as ideias, etc. Como resultado, tem-se um “[...] conglomerado de teorias científicas e fatos embutidos com horrível arbitrariedade dentro dos limites da ideia que os une” (VIGOTSKI, 2004, p. 253). Mas a frente afirma o autor, “Mas o pior ainda nos espera. Essas tentativas conduzem a fechar os olhos para fatos contraditórios, levam a não prestar atenção a amplíssimas áreas, a princípios capitais, introduzem monstruosas tergiversações nos dois sistemas que se procura unir” (VIGOTSKI, 2004, p. 258).

Vigotski (2004) realiza ainda uma crítica ao que ele chama de ideias verdadeiras e falsas em psicologia, ao mesmo tempo em que considera que, em suas buscas e descobertas, aqueles que o precederam cometeram “tropeços” ou mesmo erros que poderiam ser superados. Afirma o autor:

Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho de desenvolvimento das ciências ande em linha reta. E se nele há zigzagues, retrocessos ou mudanças de direção compreendemos seu significado *histórico* e os consideramos (assim como o capitalismo é uma etapa inevitável em direção ao socialismo) como elos *necessários* de nossa corrente, etapas inevitáveis de nosso projeto. Valorizamos até aqui *cada um*

*dos passos rumo à verdade* que nossa ciência tenha podido dar, pois não pensamos que esta tenha começado em nós (VIGOTSKI, 2004, p. 404).

Por fim, afirma, “Em suma, cada passo rumo à verdade em nossa ciência nos pertence. Porque de dois caminhos fizemos a escolha de um, não porque gostamos, mas porque o consideramos o verdadeiro” (VIGOTSKI, 2004, p. 405). Para Vigotski (2004) tratava-se de construir, sob as bases do materialismo histórico dialético, uma investigação psicológica que não caísse no já conhecido conflito que marca a psicologia na época.

De um lado a psicologia subjetivista e idealista (destacando-se Chelpanov e seu método de investigação introspectivo de Wundt, que negava a possibilidade de compreensão do psiquismo através de métodos materialistas), e de outro, a psicologia reflexológica de Bekhterev que acreditava que o homem era determinado pelos estímulos ambientais, não possuindo um papel ativo de transformação da realidade, e mecanicista (entre eles destacavam-se teóricos como Setchenov e Pavlov). Segundo Vigotski (2004, p. 397),

A crise colocou na ordem do dia a divisão das duas psicologias através da metodologia. No que desembocará essa divisão dependerá de fatores externos. Não sabemos qual será essa metodologia nem se surgirá logo, mas o indubitável é que a psicologia não avançará até que crie essa metodologia e que este será o primeiro passo adiante.

A resolução da crise deveria passar necessariamente pela superação do conflito entre essas duas correntes da psicologia, na tentativa de responder as necessidades postas pela Revolução. Segundo Tuleski (2002)

A cisão existente na psicologia, entre dois posicionamentos aparentemente distintos, mostra que a discussão é ideológica e não científica, no sentido de buscar a verdade, ou aprender a natureza social das ideias. Nesse sentido, a dicotomia entre teorias materialistas e idealistas não só representaria, na sociedade burguesa, a divisão entre duas classes que se opõem, como elas (as classes) expressam a divisão, no processo do trabalho, entre o pensar e o fazer, entre o interesse individual e a realização social. A superação de tal cisão no mundo das ideias está condicionado à superação dessa dicotomia na realidade objetiva. Dito de outra forma, o enfrentamento desta dicotomia, no nível das ideias, estava posto desde o século XIX; no entanto, apenas na Rússia do início do século XX estava sendo enfrentada concretamente: a superação de tal dicotomia era possível também na prática humana, através do projeto coletivo comunista. Enquanto subsistia, no entanto, elementos

de produção burguesa, manter-se-iam as condições para a reprodução das classes antagônicas e a possibilidade de que, sob este antagonismo ocorresse o fortalecimento desses elementos nas relações sociais (TULESKI, 2002, p. 57).

A luta pela superação da crise da “velha” psicologia expressa a própria luta pela superação das relações capitalistas de produção. A Revolução socialista, ao mesmo tempo em que permitiu a libertação dos povos do despotismo czarista, possibilitava a construção de uma “nova psicologia”, capaz de superar o antagonismo clássico entre materialismo e idealismo, expressando também a possibilidade de superação do capitalismo pelo socialismo (TULESKI, 2002, p. 61).

Segundo Tuleski (2002, p. 67), para Vigotski, a Revolução teria decretado, entre outras coisas a crise das explicações reducionistas em psicologia, impulsionando a criação da nova pedagogia, pela necessidade da psicologia deixar de ser uma ciência pura, desligada aparentemente das necessidades reais, e tornar-se uma ciência capaz de solucionar os problemas postos pela prática social.

Para construir o homem novo, com base nos princípios revolucionários, isto é, socialistas, “[...] era preciso compreender seus mecanismos de pensamento, suas formas de estabelecer explicações sobre a realidade e, principalmente, caminhar na direção da transformação desse homem para que pudesse concretizar a transformação social” (TULESKI, 2011, p. 10). A superação do sistema capitalista acarretaria uma mudança na personalidade humana, alterando, de modo inevitável, o próprio homem” (VIGOTSKI, 1930).

Na tentativa de encontrar respostas a tais questões, a Psicologia enquanto ciência que se consolidava no cenário acadêmico da época, vem contribuir para compreender os complexos dinamismos da mente humana, do comportamento humano, do homem e suas funções psicológicas denominadas superiores. Acreditava-se, portanto, que a construção do homem novo socialista passaria necessariamente pela constituição de um psiquismo humano não mais centrado no indivíduo, mas sim nas relações que pudesse estabelecer com a cultura, com as demandas da realidade social e com os desafios do processo histórico (TULESKI, 2011, p. 10).

Estas eram as condições objetivas/reais da nova psicologia que sob as bases do materialismo histórico e dialético<sup>72</sup> deveria erigir uma nova concepção de homem e de sociedade. Em sua acepção mais revolucionária, a psicologia passa a definir-se como ciência radicalmente nova, comprometida com uma verdadeira mudança da sociedade, tendo no ser social e na compreensão do seu desenvolvimento psíquico seu fundamento maior (SHUARE, 1990). Este é o solo sob o qual Vigotski e seus companheiros ousaram desenvolver suas reflexões: uma época dominada pela extrema recessão econômica, pela escassez de alimentos, pelo embate de grupos antagônicos e, sobretudo, por constantes ameaças a construção do projeto socialista, aos objetivos da Revolução, e ao ideal de outra forma de sociedade (TULESKI, 2002, p. 123).

É nesse contexto de grandes mudanças e desafios postos a reconstrução da Rússia [pós-revolucionária] no início da década de 1920 que a *Escola de Vigotski* ou a *Escola Psicológica de Vigotski*, como é chamada a constituição do Grupo formado por Vigotski, Luria e Leontiev [e seus colaboradores], caminha no sentido de desenvolver uma psicologia que buscava entender o homem em sua essencialidade histórica, não mecânica, tampouco idealista ou subjetivista e que também não reduzisse o psiquismo humano ao seu aspecto meramente biológico.

A ideia de Vigotski era clara: os fundamentos teórico-metodológicos da psicologia marxista deveriam começar a ser elaborados a partir da análise psicológica da atividade prática, laboral do homem, a partir de posições marxistas. É precisamente aí que jazem as leis fundamentais e as unidades iniciais da vida psíquica do homem (LEONTIEV, 2004, p. 438).

A via de superação da crise analisada pelo autor teria como ponto central a construção de uma psicologia geral que abrangesse as descobertas de conhecimentos particulares e específicos de cada área do conhecimento relacionados à psicologia. Segundo o autor, “[...] a psicologia estava grávida de uma disciplina geral, no entanto ainda não havia

---

<sup>72</sup> “A dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal do homem. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral” (VIGOTSKI, 2004, p. 393). Segundo Cole (1992, p. 207) apesar da difícil situação vivenciada pela Rússia nos anos pós-revolucionários, é um engano interpretar a inclusão do marxismo na psicologia soviética dos anos de 1920 como mero reflexo de uma pressão política. “O espírito exatamente oposto parece ter motivado aqueles que se engajaram no multifacetado debate a respeito das direções futuras da psicologia soviética. Havia incerteza e havia profundos desacordos, mas havia também entusiasmo e otimismo”. In: COLE, Michael. Um retrato de Luria. In: LURIA, A. R. **A Construção da Mente**. São Paulo, Ícone, 1992.

dado a luz” (VIGOTSKI, 2004, p. 212). Para Vigotski era necessário encontrar um princípio explicativo universal. Encontrá-lo significava garantir a sobrevivência da psicologia enquanto ciência.

Por que explicar tudo equivale a não explicar nada. Essa tendência que qualquer ideia nova em psicologia tem de se transformar em lei universal, não significa que a psicologia deve, na verdade, basear-se em leis universais, que todas essas ideias estão esperando que chegue a ideia-mestra e ponha em seu devido lugar cada ideia particular e lhe indique qual é o seu significado? A regularidade do caminho que com surpreendente constância percorrem as mais diversas ideias está naturalmente evidenciando que esse caminho está predeterminado pela necessidade objetiva de um princípio explicativo, e é precisamente porque esse princípio falha e não existe que alguns princípios parciais ocupam seu lugar. A psicologia deu-se conta de que para ela é uma questão de vida ou morte encontrar um princípio explicativo geral e se agarra a qualquer ideia, mesmo que seja falsa (VIGOTSKI, 2004, p. 228).

Segundo Vigotski (2004), a causa da crise era, ao mesmo tempo, a força motora para o desenvolvimento da psicologia enquanto ciência.

Consideramos que a causa da crise é ao mesmo tempo sua força motora, que por isso apresenta não só interesse histórico, mas também desempenha um papel capital – metodológico -, já que não só deu lugar á crise, mas que continue determinando seu curso e destino posterior. E essa causa situa-se no desenvolvimento da psicologia aplicada, que deu lugar a reestruturação de toda a metodologia da ciência sobre a base do princípio da prática, ou seja, de sua transformação em ciência natural. Esse princípio exerce sua pressão na psicologia e a empurra no sentido de se decompor em duas ciências, o que assegurará no futuro o desenvolvimento correto da psicologia materialista. A prática e a filosofia passam a ocupar o lugar mais importante (VIGOTSKI, 2004, p. 352-353)

Para Vigotski (2004), a crise expressaria as contradições e os limites das correntes teóricas existentes àquela época, evidenciando a impossibilidade de dar conta das novas transformações da sociedade russa naquele momento histórico e a necessidade de um método para o estudo do homem. Assim como na sociedade, a luta de classes estaria expressa na psicologia na luta entre diversas tendências, sendo que para superar tal litígio era necessário uma ruptura, de superação. Tal movimento, para Vigotski, não seria possível pela via do consenso ou de acordos, ou seja, somente era possível superar a crise com a criação do novo a partir e contra os elementos antigos por meio de uma síntese dialética, com a finalidade de

construção de uma verdadeira psicologia, que deveria ter um princípio explicativo único em todos os ramos particulares. Era necessário ir além dos limites das ciências particulares e estudar os fenômenos em um contexto mais amplo.

[...] a ciência geral surge da necessidade de unir ramos heterogêneos do saber. Quando disciplinas análogas acumulam suficiente material em domínios relativamente distantes entre si, surge a necessidade de unificar o material heterogêneo, de estabelecer e determinar a relação entre os diferentes domínios e entre cada um deles e a totalidade do saber científico... Mas, a união de heterogêneos – como defende a psicologia da gestalt – não pode ser alcançada mediante a simples aposição da conjunção “e”, mediante a simples união ou adição das partes, de modo que cada uma delas conserve o equilíbrio e a independência. A unidade consegue-se por meio da subordinação e o domínio, por meio da renúncia das disciplinas particulares à soberania em favor de uma ciência geral. Dentro do novo conjunto não se produz a coexistência de disciplinas, mas um sistema hierárquico, dotado de um centro principal e outros secundários, como o sistema solar. De forma que a unidade é o que determina o papel, o sentido e o significado de cada domínio isolado: isto é, não só determina o conteúdo da ciência, mas também a forma explicativa a ser adotada, o princípio de generalização que com o tempo, á medida que a ciência evolui, se transformará em seu princípio explicativo (VIGOTSKI, 2004, p. ).

Para Vigotski (2004), o que garante a verdade de uma ciência, sua legitimidade, são os fundamentos que a sustenta, ou seja, o método. Nesse contexto, a ciência que mais sofreu com a falta de uma metodologia foi a psicologia.

Sempre a incluíram na biologia ou na sociologia. Em poucas ocasiões suas leis e teorias foram avaliadas mediante o critério da própria metodologia psicológica, ou seja, partindo de um interesse pelo pensamento científico psicológico enquanto tal, de sua teoria e de sua metodologia, de suas fontes, formas e fundamentos. É por isso que em nossa crítica de sistemas alheios, na avaliação de sua veracidade, carecemos do fundamental: da compreensão de seu fundamento metodológico, que é o único que pode levar à avaliação correta do conhecimento no que diz respeito a seu caráter demonstrável e indubitável (V. N. Ivanóvski, 1923). E, nesse sentido, duvidar de tudo, não crer em nada de pés juntos, exigir de toda tese seus fundamentos e suas fontes do conhecimento é a primeira regra da metodologia da ciência. Assim nos protegemos de um erro ainda maior: não mais considerar iguais os métodos de todas as ciências, mas crer que a estrutura de todas as ciências é a mesma (VIGOTSKI, 2004, p. 263).

A psicologia geral, denominada por Vigotski teria, além de uma base explicativa única para os fenômenos humanos, “[...] um método que orientasse e fundamentasse a análise

da realidade em toda a sua complexidade, que buscasse as explicações nas relações, nos elementos de ligação e não nas partes ou particularidade isoladas” (TULESKI, 2002, p. 65). Nesse sentido, afirma Vigotski (2004)

[...] a única aplicação legítima do marxismo a psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em dependência direta da dialética geral, porque esta psicologia não seria outra coisa que a dialética da psicologia; toda aplicação do marxismo na psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, fora deste projeto, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e a dissolver a dialética em pesquisas ou testas; ao raciocinar sobre as coisas baseando-se em seus traços externos, causais e secundários, haverá a perda total de todo critério objetivo e o intento de negar todas as tendências históricas no desenvolvimento da psicologia; ocorrerá uma revolução simplesmente terminológica (VIGOTSKI, 2004, p. 392)

A dialética, afirma o autor, “[...] abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral” (VIGOTSKI, 2004, p. 393). Para o autor, tal perspectiva seria a única capaz de compreender o verdadeiro significado da crise vivida pela psicologia, além de constituir os fundamentos para a construção de uma psicologia geral e científica. Segundo Vigotski (2004), a análise da crise e da estrutura da psicologia testemunha indiscutivelmente que nenhum sistema filosófico pode dominar diretamente a psicologia como ciência sem a ajuda de uma metodologia, isto é, sem a criação de uma ciência geral.

Vigotski (2004, p. 393) afirma que era necessário que a psicologia, assim como Marx havia formulado os princípios gerais da dialética, como “[...] quantidade, qualidade, tríades, conexão universal, nó, salto...”, além das “[...] categorias abstratas e históricas de custo, classe, mercadoria, renda, capital, força produtiva, base, superestrutura, etc...”, criasse o seu *Capital*, “[...] seus conceitos de classe, base, valor etc. -, com os quais possa expressar, descrever e estudar seu objeto”.

Vigotski (2004) defendia que caberia a psicologia seguir a mesma via das ciências naturais, caso contrário, não cumpriria sua função/tarefa enquanto ciência. Enquanto ciência explicativa caberia a psicologia não se limitar apenas a descrição dos fenômenos estudados, mas explicar o que os determina, ou seja, suas múltiplas determinações, além de oferecer uma resposta as necessidades postas pelas práticas humanas. Explicar, afirma o autor (2004, p.

216), “[...] significa estabelecer uma conexão entre vários fatos ou vários grupos de fatos, explicar é referir uma série de fenômenos a outra, explicar significa para a ciência definir em termos de causas”, “[...] quando buscamos um princípio explicativo saímos dos limites da ciência particular e os vemos obrigados a situar esses fenômenos num contexto mais amplo”.

Por fim, afirma o autor,

As pedras fundamentais foram, essencialmente, bem colocadas e também foi traçada com correção a avenida principal, pavimentada durante muitas décadas. São também adequados o objetivo e o plano geral e inclusive é correta, embora incompleta, a orientação prática que se nota nas correntes atuais. Mas a próxima via, os passos imediatos, o plano de trabalho, padecem de defeitos: *percebe-se neles a falta de análise da crise e de uma correta orientação da metodologia*. Os trabalhos de Kornílov são o começo dessa metodologia e todo aquele que desejar desenvolver as idéias da psicologia e do marxismo estará obrigado a repeti-lo e depois continuar seu caminho. E como este caminho, não se encontra nenhuma ideias com força comparável na metodologia europeia. Se não se desviar para a crítica e a polêmica; se não cair numa batalha panfletária, mas se elevar para a metodologia; se não se dedicar a buscar respostas preparadas; se souber captar as tarefas da psicologia atual, conduzirá à criação da teoria do materialismo psicológico (VIGOTSKI, 2004, p. 397 – grifos nossos).

Segundo Vigotski (2004) “A vida necessita da psicologia e de sua prática e em consequência desse contato com a vida é que se deve esperar um auge na psicologia” (p. 216).

Esclarecidos os acontecimentos que envolveram o contexto de produção intelectual da psicologia histórico-cultural, especificamente de Vigotski e Leontiev, nosso trabalho caminha, a partir de agora, na tarefa de discutir a natureza ontológica da categoria trabalho em Marx e Lukács, para, em nosso último capítulo, perscrutar como a referida categoria se apresenta na psicologia de A. N. Leontiev, suas relações com a categoria atividade e suas implicações para a educação da classe trabalhadora na contemporaneidade.

## II. II - A natureza ontológica do trabalho em Marx e Lukács<sup>73</sup>: Uma breve exposição acerca das categorias naturalidade, generidade e individualidade<sup>74</sup>

A materialidade nos tem provado concretamente que não é recente a busca de entendimento do processo que deu origem as espécies em geral e ao homem, em particular. O processo de constituição e de desenvolvimento do gênero humano sempre foi alvo de preocupação de antropólogos, psicólogos, sociólogos entre outros. Nesse sentido, tal empreitada tem gerado inúmeras discussões, chegando aos dias atuais e ocupando lugar de destaque entre os temas sociais polêmicos.

Numa perspectiva marxista, e nos situamos precisamente nela, como nos coloca Duarte (2004, p. 46), a resposta às questões relativas ao processo de surgimento e desenvolvimento do ser social tem como ponto de partida

[...] a análise das diferenças entre a atividade humana e a atividade animal, ou seja, a caracterização daquilo que é próprio ao mundo historicamente construído. Indagar-se sobre o que diferencia o gênero humano das espécies animais é indagar-se sobre o processo histórico de construção da cultura, pois é por meio dessa construção que o gênero humano vai humanizando o seu mundo e humanizando a si próprio.

O que entra em questão a princípio para darmos uma resposta satisfatória a tais indagações é, sem dúvida, a dialética existente entre a necessidade biológica de manutenção da vida (animais) e a liberdade sempre presente de possibilidades e de criação do novo, a ação movida conscientemente por determinados fins e a força movente da vida humana, qual seja: o *trabalho*. Ao contrário do que propagam as visões pós-modernas das mais diversas matizes, na esfera natural não há liberdade, “[...] há apenas a necessidade, existem apenas os processos

---

<sup>73</sup> Não é necessário aqui retomar com detalhes a trajetória pessoal e intelectual dos autores, uma vez que há uma riqueza de trabalhos já produzidos sobre o tema. Para maiores esclarecimentos sobre o assunto ver, por exemplo: KONDER, Leandro. **Marx**: Vida e Obra, entre outros.

<sup>74</sup> “Segundo Lukács, Marx instaura os fundamentos de uma ontologia de um novo tipo. Marx pensa as relações do homem com sua história não de uma maneira especulativa, mas da perspectiva do ser social historicamente determinado, o que conduz a uma orientação radicalmente nova tanto das relações do indivíduo com sua história do gênero – dimensões imanentes que constituem o processo histórico global” (COSTA, 2009)

causais, espontâneos, imanentes, dos quais está ausente a ação movida por objetivos conscientes” (DUARTE, 2004 , p. 46-47).

Nas palavras de Marx e Engels (2007) os homens começam a distinguir-se dos demais seres vivos, a partir do momento preciso em que começam a *produzir* seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (2007, p. 77, grifos dos autores).

O desenvolvimento onto-histórico do gênero humano, em seu processo conflituoso e contraditório, movido pela luta de classes e pela contradição existente entre o desenvolvimento das forças produtivas de um lado e as relações sociais de outro, como diria o Marx (2005), tem como ponto de partida a transformação consciente da natureza pelo homem no sentido de satisfazer suas necessidades biológicas, materiais e sociais.

Como afirmou Marx (1986), em suas teses sobre L. Feuerbach, partiremos aqui não do que os homens pensam ou dizem, mas das provas concretas deixadas até aqui por nossos antepassados, e que foram registradas na história social da espécie humana ao longo dos anos. Nesse mesmo sentido, não concederemos aqui, como já afirmara Leontiev (1978), qualquer atenção as ideias que partem de uma origem divinal ou mesmo espiritual do homem, afinal, como afirma o autor, admitir uma tal teoria seria colocarmo-nos fora da ciência. Seguimos uma orientação oposta ao que tem sido difundido diuturnamente, que privilegia o caráter histórico e social da natureza humana, partindo da ideia de que “[...] o homem é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade” (LEONTIEV, 1978, p. 273 – grifos do autor).

Contrariando as leituras hegemônicas<sup>75</sup> atualmente, partimos do pressuposto que foi a partir do trabalho, da transformação consciente da natureza para suprir suas necessidades que o homem passou a se distinguir radicalmente dos demais seres vivos, passando, por conseguinte, a desenvolver a palavra articulada como meio necessário à transmissão dos conhecimentos adquiridos no e pelo trabalho.

---

<sup>75</sup> Tais leituras advogam a centralidade da razão comunicativa e do conhecimento em detrimento da categoria trabalho como protoforma da atividade humana, além de apregoarem o fim da história e a primazia do sujeito, o teorismo, o ativismo, colocando-se a favor do pragmatismo.

O percurso que caracteriza a gênese e a processualidade histórica do ser social, como afirmam Engels (1978) e Lukács (1981), evidencia que a passagem da esfera inorgânica à esfera biológica e, por conseguinte, a constituição da esfera do ser social, propriamente dita, deu-se através de um longo processo histórico, marcado por rupturas e continuidades, onde a *produção de instrumentos* por meio da atividade de *trabalho* apresenta-se como elemento central neste processo.

O processo de aprimoramento do ser social pelo trabalho como atividade coletiva permitiu ao homem o desenvolvimento de novas habilidades, como também novas possibilidades e necessidades. O trabalho ao mesmo tempo em que possibilitou ao homem satisfazer suas necessidades mais primárias, como comer, vestir-se, usar ferramentas para aprimorar suas atividades diárias, trouxe consigo também a possibilidade de um desenvolvimento sem precedentes para a vida em sociedade.

O mundo dos homens, como afirma Lukács (1978) é marcado assim por uma série de complexidades desenvolvidas durante o decurso da história. Por meio do trabalho, e paralelamente a ele, originaram-se os complexos necessários à vida em sociedade, entre eles a linguagem, educação, arte, o direito, entre outros tão caros à organização da vida.

De acordo com o autor, podemos constatar um salto entre uma forma mais simples e o início de uma forma mais complexa de vida, pois é através desse salto que se aprimora uma nova forma de ser<sup>76</sup>. Nas palavras de Lukács (1979, p. 20) a estrutura fundamental do ser revela três grandes esferas fundamentais: *inorgânica, orgânica e social*<sup>77</sup>. É necessário compreender que, apesar de distintas, as três esferas ontológicas estão indissolúvelmente articuladas: sem a esfera inorgânica não há vida, e sem a vida não há ser

---

<sup>76</sup> Segundo Lessa (2007) a essência do salto ontológico é constituída por um movimento de continuidade e ruptura, [...] todo salto implica numa mudança qualitativa e estrutural do ser, na qual a fase inicial contém em si determinadas premissas e possibilidades das fases sucessivas e superiores, mas estas não podem se desenvolver daquelas a partir de uma simples e retilínea continuidade. A essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo nascimento repentino ou gradual, ao longo do tempo, da nova forma de ser.” (LESSA, 2007, p.28-29)

<sup>77</sup> [...] a *inorgânica*, cuja essência é o *incessante tornar-se* outro mineral; *esfera biológica*, cuja essência é o *repor o mesmo da reprodução da vida*; e o *ser social*, que se particulariza pela *incessante produção do novo*, por meio da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta.(LESSA, 2007a, p. 24-25 - grifos nossos)

social (LESSA, 2007). Há uma processualidade evolutiva que articula as três esferas entre si: do inorgânico surgiu a vida e, desta, o ser social”<sup>78</sup>.

[...] a unidade última do ser não é destruída pela gênese e pelo desenvolvimento das três esferas ontológicas. Pelo contrário, com a gênese e o desenvolvimento da vida e do ser social, a unidade é mantida num patamar mais elevado, ganha novos matizes e se torna mais rica e articulada. Essa unidade ontológica última se evidencia, por exemplo, tanto no fato de a reprodução social requerer uma permanente troca orgânica com o mundo natural, quanto pelo fato de que, sem natureza, não pode haver ser social. (LESSA, 2007a, p. 26)

Embora cada esfera se apresente distinta no plano ontológico, elas são ineliminavelmente articuladas, uma vez que a última esfera – a do ser social – demanda uma contínua, e ininterrupta, troca com a natural. Sobre esse aspecto, Moraes (2002) elucida que

[...] enquanto a essência da reprodução da vida se limita à reposição do mesmo, no mundo dos homens sua continuidade não está atrelada somente à esfera biológica, embora esta seja sua base ineliminável. É através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada que o ser social rompe o mutismo dos processos naturais e se constitui num gênero articulado, que se desdobra em ente social (MORAES, 2002, p. 42).

Em verdade, as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade. Este [o desenvolvimento] é agora movido por outras forças que não as leis da variação e da hereditariedade biológica.

A partir do momento em que o homem produziu as possibilidades de sua própria essência, ao elevar-se através da hominização acima do reino animal, *pode realizar apenas precisamente essas possibilidades*. Uma vez que as realiza, em qualquer das direções possíveis, já não pode mais perdê-las do ponto de vista do desenvolvimento histórico global. (HELLER, 1989, p. 15)

<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> Nas palavras de Lessa (1996) as três representações singulares que caracterizam a processualidade histórica do ser social apresentam características distintas, quais sejam, “[...] a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo”.

<sup>79</sup> HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Paz e Terra: São Paulo, 1999.

Como mostra Heller (1989), a processualidade humana, diferentemente da existência da vida animal, através do processo de trabalho e da transmissão da cultura ao longo dos milhares de anos, fez do homem um ser radicalmente distinto dos demais seres, um complexo que articula individualidade e generalidade.

Segundo Marx (2005), a atividade vital consciente é o que distingue o homem da atividade vital dos outros animais. “Só por esta razão é que ele é um ser genérico. Ou melhor, só é um ser consciente, quer dizer, a sua vida constitui para ele um objeto, porque é um ser genérico”. Unicamente por isso é que a sua atividade surge como uma atividade livre” (MARX, 2005). O homem, diferente dos animais, é capaz de dar respostas conscientes as suas necessidades. Segundo Tonet (2005)

Precisando ainda mais esta questão, Lukács (1981) mostra que o que possibilita, em última análise, o distanciamento do homem da sua atividade imediata é a capacidade de generalização, cuja base se encontra na consciência. É por meio dela que o homem forma conceitos, através dos quais pode tornar a sua atividade cada vez mais ampla, tanto no sentido do indivíduo quanto do gênero. É também a capacidade de generalização que permite que a reprodução do ser social se caracterize como uma produção permanente do novo e não como uma reposição do mesmo, como no caso dos animais (TONET, 2005, p.59).

O processo de tornar-se homem do homem deu-se, como já enfatizado, através de um longo período de tempo. Segundo Engels (1978, p. 1) em seu texto “*O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”,

Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário, provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical – talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico – uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas.

O passo decisivo para a transição do macaco ao homem, nas palavras de Engels (1876), foi, sem dúvida, a utilização das mãos para caminhar pelo chão e a adoção da posição ereta ao andar. Nos dizeres do autor,

[...] não é possível buscar a origem do homem, o mais social dos animais, em antepassados imediatos que não vivessem congregados. Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. (ENGELS, 1876, p. 03)

Ainda é possível, segundo o autor, observar entre os macacos todas as formas de transição “[...] entre a marcha a quatro patas e a marcha em posição erecta. Mas para nenhum deles a posição erecta vai além de um recurso circunstancial” (ENGELS, 1876, p. 02).

Certos macacos recorrem às mãos para construir ninhos nas árvores; e alguns, como o chimpanzé, chegam a construir telhados entre os ramos, para defender-se das inclemências do tempo. A mão lhes serve para empunhar garrotes, com os quais se defendem de seus inimigos, ou para bombardear com frutos e pedras. Quando se encontram prisioneiros realizam com as mãos várias operações que copiam dos homens.

É precisamente a partir desse momento que se percebe, segundo Engels (1876), o quanto é grande a distância que separa a mão primitiva dos macacos, inclusive os antropóides mais superiores, da mão do homem, aperfeiçoada pelo trabalho durante centenas de milhares de anos.

O número e a disposição geral dos ossos e dos músculos são os mesmos no macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pela mão de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesca construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse (ENGELS, 1876, p. ).

Ainda segundo o autor, a mão não é apenas o órgão do trabalho: é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela

transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi “[...] a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e a música de Nicollò Paganini” (ENGELS, 1876, p. 03).

O desenvolvimento do trabalho, atividade livre e consciente, apresenta-se como condição primária para a humanização do homem, ocasionando posteriormente a modificação do seu cérebro e dos demais órgãos dos sentidos (visão, tato, audição, olfato, paladar), tornando-se assim cada vez mais complexo.

Não obstante tudo isso, em face de cada novo progresso, ainda segundo Engels (1876, p. 03-04), “[...] o domínio sobre a natureza que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas”.

Por outro lado, o desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividade conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha que contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade. [...] os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida no macaco foi-se transformando, lenta, mas firmemente, mediante modulações que produziram por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após o outro.

Nas palavras de Engels (1876), “A comparação com os animais mostra-nos que essa explicação da origem da linguagem a partir do trabalho e pelo trabalho é a única acertada”<sup>80</sup>. Embora o trabalho, o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários à reprodução humana, esteja na base, nos dizeres de Lukács (1978), de todo o desenvolvimento humano-social, constituindo assim a mediação primária do entendimento de

---

<sup>80</sup> A afirmação da linguagem, ou melhor, seu nascimento no e pelo trabalho tem sido algo bastante discutido atualmente pelas chamadas correntes pós-modernas. A relação fundante e fundado, sendo o primeiro o trabalho e, por conseguinte, a linguagem tem sido um tema caro para o marxismo de hoje.

como se deu o processo de devir-humano, outros complexos, surgidos a partir do trabalho, são de essencial importância para tamanho acontecimento.

A história dos homens constituiu-se, pois, pela incansável transformação da natureza como condição necessária à satisfação de suas necessidades. Para satisfazer suas necessidades, que não são apenas biológicas, como as dos animais, mas são também materiais e sociais, o homem transforma a natureza mediante sua ação consciente sobre ela.

Segundo Marx e Engels (2006), o primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. “A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e, sua conexão com a natureza em geral (p. 44). Para o pensamento fundamentado nos pressupostos de Marx isso é da maior importância. Significa, como diz Lessa (2007a) que “[...] o ser social só pode existir apenas em uma contínua e ineliminável articulação com a natureza”.

O homem, membro ativo da sociedade, motor das suas transformações e dos seus avanços, permanece em sentido biológico ineliminavelmente um ente natural: em sentido biológico, a sua consciência – não obstante todas as mudanças de função mais decisivas no plano ontológico – está indissociavelmente ligada ao processo de reprodução biológica do seu corpo; dado o fato mais geral de tal ligação, a base biológica da vida permanece intacta na sociedade. (LUKÁCS *apud* LESSA, 2007a, p. 25)

Há, pois uma articulação efetiva e fundamental entre o ser social e a natureza. Composta por seres orgânicos (animais e plantas) e seres inorgânicos (mundo mineral) das mais variadas formas e espécies, a natureza biológica apresenta-se, ao longo dos milhares de anos que nos distanciam dos primeiros seres vivos, quase que completamente inalterados. As transformações ocorridas até aqui são, em sua grande maioria, nos seres inorgânicos, fruto da ação do tempo. O mundo orgânico, os animais e as plantas, quando muito apresentam diferenciação, estas serviram para todos os demais seres de sua espécie, não configurando-se desta forma, como uma individualidade em si.

Essa ação consciente exercida pelo homem sobre a natureza é chamada por Lukács de prévia-ideação. Através dela o homem antecipa na consciência o objeto de suas

necessidades, escolhendo em seguida a melhor opção para satisfazer sua necessidade imediata. Segundo Lessa (1999),

Escolhida a alternativa, o indivíduo age objetivamente, isto é, transforma a natureza e constrói algo novo. Este movimento de transformar a natureza a partir de uma prévia-ideação é denominado por Lukács, depois de Marx, de trabalho. (p. 2 - grifo do autor)

A construção do novo, a ação transformadora dirigida por finalidades conscientes é chamada por Marx e por Lukács de “*trabalho*”. O trabalho torna-se categoria central na produção e reprodução do homem, pois este ao transformar a natureza transforma a si mesmo. Embora todo ato de trabalho seja voltado para o atendimento de uma necessidade imediata, concreta, historicamente determinada, acaba por remeter para muito além de si próprio. Suas consequências, objetivas e subjetivas, não se limitam à produção do objeto imediato, mas se estende por toda história da humanidade. Não é apenas a natureza que é transformada nesse processo, mas também o homem. É a partir do trabalho que o homem se modifica, se constrói e se auto-produz. Como diz Lessa (1999), acredita-se que

Ao longo dos séculos, os conhecimentos e habilidades adquiridos no trabalho (desde que o homem passou a transformar a natureza) terminaram por dar origem a conhecimentos científicos, artísticos, filosóficos, muito mais sofisticados, complexos e bastante distantes daqueles conhecimentos mais primitivos que estão na sua origem. (LESSA, 1999, p. 4)

Ao transformar a natureza para suprir uma necessidade imediata, o homem cria novos conhecimentos e habilidades, assim como também novas possibilidades e novas necessidades. Esse processo, ao passo que possibilita um desenvolvimento cada vez maior das forças produtivas e um maior afastamento das barreiras naturais pelo homem, gera, da mesma forma e intensidade, um excedente de produção.

O fato de o trabalho ser, como ressaltado, a categoria fundante do mundo dos homens, não implica que todo o desenvolvimento humano-social seja reduzido a essa categoria. Para Lukács (1978), “[...] a reprodução social comporta e, ao mesmo tempo, requer outros tipos de ação que não especificamente de trabalho”. Outros instrumentos são

considerados, depois do trabalho, importantes para entendermos o desenvolvimento humano-social. Entre eles a linguagem.

Na esteira do pensamento de Marx, a linguagem aparece como uma necessidade surgida no interior das relações sociais, sendo o trabalho a protoforma de todo o desenvolvimento humano social alcançado até aqui. A passagem da esfera orgânica à condição humana constitui um longo processo, estimulado pela fabricação de instrumentos engendrada pelo trabalho e através da vida em sociedade. Deste modo, o homem é um ser social na medida em que tudo de humano nele existente resulta da vida em sociedade, ou seja, do contexto cultural que vem sendo criado pelos homens em sua prática histórico concreta.

*Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada*, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano – que, apesar de toda sua semelhança, supera-o consideravelmente em tamanho e perfeição. E a medida que se desenvolvia o cérebro, desenvolviam-se também seus instrumentos mais imediatos: os órgãos dos sentidos. Da mesma maneira que o desenvolvimento gradual da linguagem está necessariamente acompanhado do correspondente aperfeiçoamento do órgão do ouvido, assim também o desenvolvimento geral do cérebro está ligado ao aperfeiçoamento de todos os órgãos dos sentidos. (ENGELS, 1876, p. 04-05 – grifos nossos)

Segundo Engels (1979), o trabalho criou o próprio homem e toda riqueza humana que decorre dele. Um marco importante no processo de evolução física e intelectual do homem, desde a sua origem animal até o estágio de desenvolvimento atual, foi a necessidade de uso das mãos por um grupo de macacos antropomorfos excepcionalmente desenvolvidos. Estes, inicialmente, utilizavam as mãos para se pendurar em árvores; gradativamente, foram deixando de utilizar as mãos para caminhar no chão e começaram a se tornar cada vez mais eretos, estabelecendo uma divisão das atividades para as quais utilizavam especificamente os pés e as mãos.

A linguagem, a palavra articulada no exato momento de distinção do ser em-si do homem e o mundo animal, passa a ser de extrema importância para a difusão dos conhecimentos necessários a perpetuação da existência humana. Sem ela todo o processo de constituição social não poderia ser transmitido as demais gerações, fato que impossibilitaria o desenvolvimento humano por completo.

A necessidade de se apropriar das determinações do real para poder operar posições teleológicas com cada vez maior probabilidade de sucesso, aliada à necessidade de generalização subjetiva e objetiva dos resultados concretos da práxis, está na base da gênese do complexo social da fala. (LESSA, 2007a, p. 93)

Nas palavras do autor, “[...] da mesma maneira que o desenvolvimento gradual da linguagem está necessariamente acompanhado do correspondente aperfeiçoamento do órgão do ouvido, assim também o desenvolvimento geral do cérebro está ligado ao aperfeiçoamento de todos os Órgãos dos sentidos”.

Segundo Lukács (1978), embora o desenvolvimento social tenha possibilitado o afastamento cada vez maior do homem das barreiras naturais, “[...] a vida humana (e, portanto social) jamais pode desvincular-se inteiramente da sua base natural”.

O trabalho foi se constituindo assim como elemento articulador e fundamental no processo de produção e uso de novas ferramentas e signos<sup>81</sup>, proporcionando novas capacidades humanas e um desenvolvimento superior, e um afastamento cada vez maior das barreiras naturais, possibilitando assim um desenvolvimento nunca antes visto. Nesse sentido, conforme Lukács (1978),

Com o trabalho, portanto, dá-se ao mesmo tempo - ontologicamente - a possibilidade do seu desenvolvimento superior, do desenvolvimento dos homens que trabalham. Já por esse motivo, mas antes de mais nada porque se altera a adaptação passiva, meramente reativa, do processo de reprodução

---

<sup>81</sup> Segundo Vigotski (1995), os instrumentos que mediam as relações entre o homem e a natureza podem ser classificados de modos diferentes, quais sejam: as *ferramentas* (modificam a realidade externa ao homem, servindo de instrumento de transformação da natureza) e os *signos* (que tem a função de orientação psicológica, servem de domínio para a própria conduta e atuam sobre a conduta de outros homens). “Llamamos signos a los estímulos-medios artificiales introducidos por el hombre en La situación psicológica, que cumplen la función de autoestimulación; adjudicando a este término un sentido más amplio y, al mismo tiempo, más exacto del que se da habitualmente a esa palabra. De acuerdo con nuestra definición, todo estímulo condicional creado por el hombre artificialmente y que se utiliza para dominar la conducta – propia o ajena – es un signo” (VIGOTSKI, 1995, p.83). Além da semelhança de sua função mediadora, Vigotski afirma que as ferramentas e os signos apresentam ainda uma diferença entre si, qual seja: [...] a diferencia, esencialísima, entre el signo e la herramienta, que es la base de la divergencia real de ambas líneas, es su distinta orientación. *Por medio de la herramienta el hombre influye sobre el objeto de su actividad la herramienta está dirigida hacia fuera: debe provocar unos u otros cambios en el objeto.* Es el medio de la actividad exterior del hombre, orientado a modificar la naturaleza. *El signo no modifica nada en el objeto de la operación psicológica: es el medio de que se vale el hombre para influir psicológicamente, bien en su propia conducta, bien en la de los demás; es un medio para su actividad interior, dirigida a dominar el propio ser humano: el signo está orientado hacia dentro* (VOGOTSKI, 1995, p. 94 – grifos nossos).

ao mundo circundante, porque esse mundo circundante é transformado de maneira consciente e ativa, o trabalho torna-se não simplesmente um fato no qual se expressa a nova peculiaridade do ser social, mas, ao contrário - precisamente no plano ontológico -, converte-se no modelo da nova forma do ser em seu conjunto (LUKÁCS, 1978, p. 5-6).

Através do trabalho o processo de humanização e aperfeiçoamento dos sentidos se desenvolve e é estabelecido. Para Lukács (1979, p. 87), “[...] o trabalho é antes de mais nada, em termos genéticos, o ponto de partida da humanização do homem, do refinamento das suas faculdades, processo do qual não se deve esquecer o domínio sobre si mesmo”.

O domínio do homem sobre o instrumento, através do trabalho, se deu progressivamente, desde o primeiro instrumento criado, extraído de seu estado natural e tendo uma finalidade rude e simples até chegar a formas cada vez mais complexas. Sobre a relação entre mão humana e instrumento, Vázquez (1968) afirma que o instrumento é um prolongamento da mão e isso colaborou para que esta se apresentasse mais afável, maleável, “mais humana” com o decurso da história do homem. Nesse sentido o autor afirma que

O primeiro instrumento fabricado pelo homem não era senão um tóscos pedaço de sílex, violentamente arrancado de seu estado natural; justamente pelo seu caráter tóscos, podia se adaptar a muitas finalidades, [...] Desde o primeiro e tóscos instrumento, até o buril que exigia maior esforço ao ser construído e mais destreza e reflexão ao ser utilizado, foram necessárias centenas de milhares de anos. [...] Quando o homem dispõe já de um instrumento tão fino, tão humanizado quanto o buril, capaz de obedecer aos movimentos mais delicados e precisos da mão, já está em condições de traçar as prodigiosas figuras de animais selvagens das cavernas de Altamira ou de construir plásticamente estatuetas como a Vênus aurignaciana de Lespugue (VÁZQUEZ, 1968, p. 74).

Marx (2004, p.109) já assinalara que é pelo resultado da progressão humana que tanto os sentidos, quanto os objetos criados se tornam apropriados ao homem, tornando-se, assim, formas sociais. É o que constatamos na passagem: “[...] o olho se tornou olho humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem”. Vázquez (1968) aponta que

[...] a humanização dos sentidos é correlativa da humanização do objeto. Os sentidos humanos se afirmam como tais mediante sua relação com os objetos humanos ou humanizados correspondentes. [...] Há uma correlação entre o

caráter humano do sentido e o sentido humano do objeto (VÁZQUEZ, 1968, p. 84).

Tanto o processo de formação dos sentidos, quanto à criação dos objetos se dão de maneira contígua, ambos são produtos do desenvolvimento histórico-social do homem. Os sentidos humanos tiveram que humanizar-se. Nas palavras de Vázquez (1968, p. 83) “[...] os sentidos deixam de ser meramente naturais, biológicos, para se tornarem humanos”. Por outro lado, o homem, torna a natureza exterior mais humana, a partir das objetivações oriundas do ato do trabalho. Portanto, para esse autor, “É precisamente pelo trabalho que lhe permitiu elevar-se sobre a natureza objetiva ao criar um mundo de objetos humanizados, e, ao mesmo tempo, colocar-se acima de sua própria natureza subjetiva, acima do que tem de ser natural, e assim criar para si uma subjetividade humana” (VÁZQUEZ, 1968, p.83).

Destarte, é pelo processo de humanização dos sentidos e dos objetos constituídos pela atividade e pela reciprocidade entre esses que há a possibilidade de enriquecimento do gênero humano. Todavia, isso só é provável na medida em que o homem desenvolve a capacidade necessária à percepção do objeto, no campo objetivo e subjetivo. Isso quer dizer que, segundo Marx (2004):

[...] (é) apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada. A formação dos sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui (MARX, 2004, p. 110).

Por mais que os sentidos humanos tenham sido aperfeiçoados, com o decurso da história humana, sabemos que na sociabilidade cindida em classes, na qual o homem é cada vez mais explorado, o sentido humano torna-se se para ele apático, fadado à negação da faculdade do sentir. Nas palavras de Marx (2004, p. 110) “O homem carente, cheio de

preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral...”<sup>82</sup>.

Ao produzir carecimentos, buscando atender as suas necessidades e abrindo, deste modo, novas possibilidades e novas necessidades, o ato do trabalho tem seu resultado provável antecipadamente elaborado na consciência, o que Lukács chama de *prévia-ideação*. Segundo Lessa (1996) e Tonet (2008), a prévia-ideação é uma antecipação na consciência do resultado provável de cada alternativa que possibilita as pessoas escolherem aquela que avaliam como a melhor, sendo esta levada a prática.

O salto ontológico alcançado pelo desenvolvimento humano, o liberta-se propriamente dito da dinâmica da natureza não implicar dizer que o ser humano não tenha mais necessidade de usufruto da mesma. Quer dizer, tão somente que, não mais ‘preso’ as leis externas a ele, sendo-lhe possível produzir as condições de sua sobrevivência, é possível ao homem a partir de então tornar-se artífice de sua própria história, construir os meios e as condições necessários a sua perfeita manutenção em sociedade.

Segundo Lukács (1978), o homem que trabalha, ou melhor, o animal tornado homem através do trabalho, é um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que o provoca.

[...] o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimento as e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas (LUKÁCS, 1978, p. 5).

A cadeia de mediações que circundam a atividade laborativa, transforma, ininterruptamente tanto a natureza que circunda a sociedade, quanto os homens que nela atuam. Segundo o autor, isso ocorre por que tais mediações tornam-se praticamente eficientes

---

<sup>82</sup> Nas palavras de Marx (1986, p. 41), na sociedade comunista, porém, cada indivíduo poderá aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de atividade exclusiva, uma vez que será a sociedade que regulará a produção geral, possibilitando fazer hoje uma coisa, amanhã outra: caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear a noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a seu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico.

forças, relações, qualidades etc., da natureza que, de outro modo, não poderiam exercer essa ação, ao mesmo tempo em que o homem – liberado e dominando essas forças – põe em ser um processo de desenvolvimento das próprias capacidades no sentido de níveis mais altos (LUKÁCS, 1978, p. 5).

A partir do momento em que o homem passou a produzir mais do que o necessário a sua sobrevivência que surgiu na fibra da sociabilidade, a ineliminável subordinação de um homem a outro. É também neste espaço de tempo que passa a ser necessário uma forma de educação sistematizada que dê conta da formação dos filhos dos proprietários para o comando da sociedade erigida sob a forma de classes.

A agudização das relações de exploração tem gerado ao longo da história, um processo onde a riqueza material e cultural produzida historicamente tem sido negada a maioria dos homens. O desenvolvimento das potencialidades humanas, no que diz respeito a seu caráter social, varia de acordo com a classe, o que provoca um grande abismo entre a vida material e a intelectual, devido à exploração do homem pelo homem. Nesse sentido, o antagonismo decorrente da relação entre capital e trabalho faz com que poucos tenham acesso às objetivações humano-genéricas.

### **CAPÍTULO III - TRABALHO, ATIVIDADE E ESCOLARIZAÇÃO NA PSICOLOGIA DE A. N. LEONTIEV: PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA**

Seguida da exposição acerca dos fundamentos ontológicos do processo de formação do ser social, na devida recuperação efetuada por Lukács a partir da obra marxiana, nosso último capítulo recupera o lugar que ocupa as categorias *trabalho* e *atividade* na psicologia de A. N. Leontiev, a partir de textos selecionados da obra do autor, perscrutando suas implicações no processo de escolarização da classe trabalhadora na contemporaneidade, evidenciando o lugar de destaque que é dado à chamada “*teoria da atividade*”, elaborada inicialmente por Vigotski e sistematizada por Leontiev, retomada por estudiosos dos mais diversos campos das ciências humanas na contemporaneidade.

#### **III. I – Em busca de pressupostos ontológicos e históricos da categoria trabalho na psicologia de A. N. Leontiev**

Segundo Leontiev (1978a) é por meio do surgimento do trabalho em sociedade que o homem se desenvolveu e concretizou seu processo de humanização/hominização. Com efeito, o homem se torna humano ao mesmo tempo em que se socializa em um processo de articulação entre a realidade social, histórica e o contexto cultural do qual está inserido. Sob a regências de leis sócio-históricas a humanidade transmitiu as gerações precedentes as conquistas que a humanidade acumulou ao longo de seu decurso histórico.

[...] o essencial, quando da passagem à humanidade, está na modificação das leis que presidem ao desenvolvimento do psiquismo. No mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são as da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo submete-se às leis do desenvolvimento sócio-histórico (LEONTIEV, 1978a, p. 68).

Segundo Leontiev (1978a, p. 261) depois da anatomia comparada, a paleontologia, a embriologia e a antropologia ofereceram diversas provas novas acerca da teoria da evolução das espécies, afirmando historicamente o homem como produto da evolução gradual do mundo animal, embora originário dele, qualitativamente diferente das demais espécies<sup>83</sup>.

De acordo como autor o processo de desenvolvimento sócio-histórico deu-se através de um longo processo. “La capacidad del cérebro humano de reflejar la realidad em forma de sensaciones, percepciones y pensamientos es resultado de un desarrollo prolongado de la matéria viva altamente organizada” (LEONTIEV, 1960, p. 74).

À luz dos dados coletados pela paleontologia, “[...] o processo da passagem dos animais ao homem pode rapidamente traçar-se, segundo o autor, da seguinte maneira: Tratar-se-ia de um processo que compreende uma série de estádios” (LEONTIEV, 1978a, p. 262), ou melhor, *três estádios distintos*, como expomos a seguir.

O primeiro estágio é o da *preparação biológica* do homem. Começa no fim do terciário e prossegue no início do quaternário. Os seus representantes, chamados australopitecos, eram animais que levavam uma vida gregária; conheciam a posição vertical e serviam-se de utensílios rudimentares, não trabalhados; é verossímil que possuíssem meios extremamente primitivos para comunicar entre si. Neste estágio ainda sem partilha as leis da biologia. (LEONTIEV, 1978a, p. 262 - grifo do autor)

O segundo estágio vai desde o aparecimento do pitecantropo à época do homem de Neanderthal. Comportando uma série de grandes etapas, pode designar-se como o da passagem ao homem, propriamente dita. “Este estágio é marcado pelo início da fabricação de instrumentos e pelas primeiras formas, ainda embrionárias, de *trabalho* e de *sociedade*” (LEONTIEV, 1978a, p. 262). Até aqui, a formação do homem estava ainda submetida às leis biológicas, quer dizer que ela continuava a traduzir-se por alterações anatômicas, transmitidas de geração em geração pela hereditariedade (grifos do autor).

---

<sup>83</sup> Leontiev parece inserir-se aqui na mesma linha de raciocínio de Engels em seu texto “*Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”.

Esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao facto, diferentemente dos animais, de os homens terem uma actividade criadora e produtiva. É antes de mais o cão da actividade humana fundamental: o *trabalho* (LEONTIEV, 1978a, p. 265 – grifos do original).

Ao mesmo tempo elementos novos apareciam no seu desenvolvimento. Começavam a “[...] a produzir-se, sob a influência do *desenvolvimento do trabalho* e da *comunicação pela linguagem* que se suscitava, modificações da constituição anatômica do homem, do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos da linguagem; em resumo, o seu desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento da produção” (LEONTIEV, 1978a, p. 262)<sup>84</sup>.

Segundo Leontiev (1978a, p. 70), “O surgimento e o desenvolvimento do trabalho, condição primária e fundamental da existência do homem, acarretaram a transformação e a hominização do cérebro, dos órgãos da actividade externa e dos órgãos dos sentidos”. Além da complexificação e evolução da estrutura do cérebro, os demais órgãos e faculdades de sentidos humanas foram aperfeiçoados sob a influência do trabalho<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> Sobre a existência da linguagem entre os animais, Leontiev (1978) afirma que as particularidades das relações entre estes também determinam particularidades em relação a sua <<linguagem>>. Sabe-se, segundo o autor, que “[...] a comunicação dos animais entre si se faz muitas vezes pela acção exercida por um sobre os outros por meio de sons vocais. Foi isto que levou a falar-se de <<linguagem>> animal”. Mas será um processo semelhante ao da comunicação verbal do homem? É inegável que existe uma certa analogia exterior, mas os dois processos são fundamentalmente diferentes interiormente. O homem exprime pela sua linguagem um certo conteúdo objectivo; além disso, responde ao discurso que lhe dirigem, como à realidade reflectida pela linguagem, e não como a um simples som ligado permanentemente a um determinado fenómeno. A comunicação vocal nos animais é diferente. É fácil demonstrar que um animal, ao reagir à voz de um congêner, não responde aquilo que o sinal vocal reflecte objectivamente, mas ao próprio sinal, que tomou para ele um sentido biológico determinado”. “[...] o facto de o comportamento vocal dos animais ser instintivo não significa que não esteja ligado de qualquer modo a um reflexo psíquico da realidade exterior objectiva. Contudo, o comportamento expressivo do animal jamais se relaciona com o próprio objecto, pois os objectos da realidade circundante são para ele indissociáveis da relação que mantém com eles. Este fenómeno manifesta-se muito nitidamente na própria actividade do animal; com efeito, ele terá a mesma reacção vocal não se os objectos que agem sobre eles forem de carácter idêntico, mas se tiverem o mesmo sentido biológico, mesmo que totalmente diferentes. “[...] a comunicação entre os animais permanece nos limites da actividade estritamente instintiva, tanto pelo seu conteúdo como pelo seu carácter dos processos concretos que a realizam” (LEONTIEV, 1978a, p. 65-67).

<sup>85</sup> “As condições necessárias à execução das operações complexas do trabalho foram criadas primeiro pela passagem progressiva à posição vertical, aliás já esboçada nos símios antropoides, depois pela formação correlativa de extremidades anteriores extremamente móveis, aptas para apanhar os objectos e cada vez mais liberas da função da marcha (o que se explica pelo modo de vida dos antepassados animais do homem” (LEONTIEV, 1978a, p. 73).

Tal como os órgãos da actividade exterior, também eles adquiriram traços qualitativamente novos. O sentido do tacto tornou-se mais preciso, o olho humanizado vê muito mais nas coisas que o olho da ave mais perscrutante, o ouvido tornou-se capaz de perceber as diferenças e as semelhanças mais ligeiras entre os sons da linguagem articulada do homem. O desenvolvimento do cérebro e dos órgãos dos sentidos agiu em contrapartida sobre o trabalho e sobre a linguagem para lhes <<dar, a um e a outro, impulsões sempre novas para continuar a aperfeiçoar-se>> (LEONTIEV, 1978a, p. 73).

Nesse sentido, “[...] o ouvido fonético criou-se no homem devido a os homens empregarem a palavra sonora, tal como o olho humano só começa a ver de modo diferente do olho grosseiro do animal na medida em que o objecto se torna para o homem um objecto social” (LEONTIEV, 1978a, p. 99).

Através da actividade complexa submetida à transformação do natural e às relações sociais é que se dá a base do reflexo da realidade – a própria consciência do homem. Segundo o autor, as modificações e o desenvolvimento do conteúdo sensível imediato da consciência se produzem apenas no decurso do desenvolvimento das formas humanas da actividade. Partindo dessa premissa, Leontiev (2004, p. 85) esclarece que “[...] o sujeito que age tem a possibilidade de refletir psiquicamente a relação que existe entre o motivo objetivo da relação e o seu objeto”<sup>86</sup>. A estrutura da consciência humana, reafirma o autor, “[...] está regularmente ligada à estrutura da actividade humana” (LEONTIEV, 1978a, p. 99)<sup>87</sup>.

O processo de apropriação do mundo dos fenômenos e dos objetos criados pelos homens do decurso de seu desenvolvimento histórico, originou a formação, no indivíduo, de faculdades e de funções especificamente humanas (LEONTIEV, 1978a).

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada

---

<sup>86</sup> As relações entre actividade, ação, motivo e operação serão desenvolvidas no próximo subitem deste capítulo.

<sup>87</sup> Ao tratar da relação entre sujeito e objeto no ato do trabalho, Leontiev (1978a) reconhece que a trama de relações que constitui a forma social capital impede que a maioria dos homens tenha a sensibilidade contemplativa proposta pelo mais belo espetáculo, tornando também o sentido do mineral para o comerciante, simplesmente o seu valor mercantil, impossibilitando que o homem o perceba na sua totalidade. “[...] está presente ao sujeito a ligação que existe entre o objeto de uma ação (o seu fim) e o gerador da actividade (o seu motivo). Ela surge-lhe na sua forma imediatamente sensível, sob a forma de actividade de trabalho da coletividade humana. Esta actividade, reflete-se agora na cabeça do homem não já em fusão subjetiva com o objeto, mas como relação prático-objetiva do sujeito para o objeto” (LEONTIEV, 2004, p. 86).

vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de carácter local ou temporário, mas avançado em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (LEONTIEV, 1978a, p. 5).

O desenvolvimento biológico tornava-se, a partir de agora, dependente do desenvolvimento da produção de instrumentos. *A produção é desde o início um processo social que se desenvolve segundo leis objectivas próprias, leis sócio-históricas* (LEONTIEV, 1978a, p. 262 – grifos nossos).

Sob a ação de duas espécies de leis, agora tornado sujeito do processo social de trabalho, “[...] em primeiro lugar, as *leis biológicas*, em virtude das quais os seus órgãos se adaptaram às condições e às necessidades da produção; em segundo lugar, às *leis sócio-históricas* que regiam o desenvolvimento da própria produção e os fenômenos que ele engendra”. (LEONTIEV, 1978a, p. 263 – grifos nossos).

Contrariando algumas ideias difundidas em sua época, Leontiev diz que o desenvolvimento/formação humano-social passa ainda por um terceiro estágio, “[...] onde o papel respectivo do biológico e do social na natureza do homem sofreu uma mudança”.

É o estágio do aparecimento do tipo do homem actual – o *Homo sapiens*. Ele constitui a etapa essencial, a viragem. É o momento com efeito em que a evolução do homem se liberta totalmente da sua dependência inicial para com as mudanças biológicas inevitavelmente lentas, que se transmitem por hereditariedade. *Apenas* as leis sócio-históricas regerão doravante a evolução do homem. (LEONTIEV, 1978a, p. 263 – grifos do autor)

Segundo Vygotsky e Luria (1996),

O uso e ‘invenção’ de ferramentas pelos macacos antropóides é o fim da etapa orgânica de desenvolvimento comportamental na seqüência evolutiva e prepara o caminho para a transição de todo desenvolvimento para um novo caminho, criando assim *o principal pré-requisito psicológico do*

*desenvolvimento histórico do comportamento*. O trabalho e, ligado a ele, o desenvolvimento da fala humana e outros signos psicológicos utilizados pelo homem primitivo para obter o controle sobre o comportamento significam o começo do comportamento cultural ou histórico no sentido próprio da palavra (VYGOTSKY & LURIA, 1996, p. 52 - grifo do autor).

Concluídos, por assim dizer, os três estádios, agora definitivamente formado, o homem já possuía todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado. Por outras palavras, segundo Leontiev (1978a), a passagem do homem a uma vida em que sua cultura é cada vez mais elevada não exige mudanças biológicas hereditárias como nas espécies animais, mas dar-se doravante o movimento ininterrupto de seu desenvolvimento, dar-se por meio da apropriação de tudo aquilo que foi criado, material e socialmente, no decurso de sua história evolutiva.

Não queremos com isto dizer que a passagem ao homem pôs fim à acção das leis da variação e da hereditariedade ou que a natureza do homem, uma vez constituída, não tenha sofrido qualquer mudança. O homem não está evidentemente subtraído ao campo de acção das leis biológicas. O que é verdade é que as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade; este é doravante movido por outras forças que não as leis da variação e da hereditariedade biológicas (LEONTIEV, 1978a, p. 264).

O que distingue o homem dos animais, afirma o autor, não é que estes tenham rompido sua conexão com a natureza, ou mesmo que o ambiente natural tenha sido substituído pela sociedade. A partir do surgimento e desenvolvimento do trabalho, o homem passou a relacionar-se com a natureza numa nova e ativa relação.

Em outras palavras, os seres humanos entram em uma relação com a natureza que é realizada pelo processo do trabalho, através da atividade, utilizando instrumentos; conseqüentemente, sua relação com a natureza se torna mediada primariamente por objetos. Porém *através deste processo* os humanos entram em uma nova relação com outros seres humanos, e somente através destas relações – com a própria natureza. Conseqüentemente, *sua relação com a natureza é mediada pela relação com outros seres humanos*. Isto significa que, para os humanos, a forma como a natureza aparece, já não mais está ligada a propriedades diretas dos próprios objetos naturais, nem mesmo pelas inter-relações específicas entre as pessoas, fixadas em suas atividades instintivas, mas pelas *condições sociais de sua existência*, sua atividade como seres sociais. Conseqüentemente, isto significa que *desde que os seres humanos se tornaram humanos, quaisquer objetos de sua*

*atividade, mesmo um objeto natural, se tornam, para eles, um objeto humano, isto é, um objeto social.* Mesmo a comida, de acordo com Marx, em sua existência natural, abstrata, cumpre um papel apenas para um ser humano *faminto*; mas então, os próprios meios empregados para satisfazer a necessidade por comida, deixa de ser humana ou distinta dos meios animais para satisfazer esta necessidade (K. Marx, Materiais Preliminares para "A Sagrada Família" em K. Marx e F. Engels *Obras Escolhidas* [Sobr.soch.] vol. 3 [Moscou, 1934], pp 627-28). (LEONTIEV, 1937/2005, p. 14 – grifos nossos)

Por meio do trabalho o homem modifica a natureza de acordo com suas necessidades e, a partir daí, desenvolve habilidades, aprofunda conhecimentos e alcança propriedades e faculdades verdadeiramente humanas (LEONTIEV, 1978a).

Todas as criações do homem, a partir do primeiro instrumento manual até a técnica mais moderna, desde a palavra mais primitiva, até as línguas vivas contemporâneas altamente desenvolvidas, levam a marca do trabalho do conjunto de seres concretos, de sua atividade material e espiritual, que adquire condição de objeto em seu produto; o que implica que se manifesta na atividade do homem, isto é, na natureza essencial deste, suas aptidões, fica encarnado em seu produto (Marx disse: aparece na forma de natureza latente) (LEONTIEV, 1967, p. 57-58)

Pelo processo de humanização, o indivíduo [...] apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram-se nesse mundo (LEONTIEV, 1978a, p. 266). “En el desarrollo del trabajo influyó grandemente el hecho de que éste se realiza con ayuda de los instrumentos. Para incorporarse al trabajo los hombres de cada nueva generación tienen que aprender a utilizar los instrumentos que han creado las generaciones precedentes” (LEONTIEV, 1960, p. 79).

De acordo com Leontiev (1978a, p. 268) a experiência sócio-histórica da humanidade revela que para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, “[...] é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarada, acumulada no objecto”. Tal fato é esclarecido mais adiante pelo autor quanto o mesmo lança mão de um exemplo simples, a saber: a aquisição de um *instrumento*.

Segundo o autor, “[...] o instrumento é produto da cultura material que leva em si, da maneira mais evidente e mais material, os traços característicos da criação humana. Não é apenas um objecto de forma determinada, possuindo determinadas propriedades”. O instrumento é, ao mesmo tempo, um objeto social, produto de uma prática social, de uma experiência social de trabalho, pois nele estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas pelo homem no decurso de seu desenvolvimento (LEONTIEV, 1978a, p. 268).

Por consequência, o reflexo generalizado das propriedades objectivas dos objectos de trabalho, que ele cristaliza em si, é igualmente o produto de uma prática individual. Por este facto, o conhecimento humano mais simples, que se realiza directamente numa acção concreta de trabalho com a ajuda de um instrumento, não se limita à experiência pessoal de um indivíduo, antes se realiza na base da aquisição por ele da experiência da prática social (LEONTIEV, 1978a, p. 83).

Leontiev (1978a) nos dá um exemplo bastante esclarecedor acerca do papel dos instrumentos no desenvolvimento histórico do gênero humano fazendo ainda uma rápida comparação com a utilização feita pelos animais, pelos símios em especial, de um instrumento que, para o homem tem um caráter extremamente peculiar. Nas palavras do autor (1978a), o fator do conteúdo do instrumento ter além de um caráter social, um caráter ideal, cristalizado nos instrumentos humanos, é o que o distingue radicalmente da utilização feita pelos animais do mesmo instrumento.

Estes últimos devem igualmente realizar certas operações. Sabe-se, por exemplo, que um símio apreende a servir-se de um pau para puxar um fruto para si. Mas estas operações não se fixam nos “instrumentos” dos animais e estes “instrumentos” não se tornam os suportes permanentes destas operações. Logo que o pau tenha desempenhado a sua função nas mãos do símio, torna-se um objeto indiferente para ele. É por isso que os animais não guardam os seus “instrumentos” e não os transmitem de geração em geração. Eles não podem, portanto, preencher esta função de “acumulação”, segundo a expressão de J. Bernal, que é própria da cultura (LEONTIEV, 1978a, p. 269).

O exemplo acima explica de forma sucinta por que não existe nos animais processos de aquisição do instrumento. Citando Chateau (1960) Leontiev (1978a) nos afirma que, se por um lado os animais se contentam como desenvolvimento da natureza, por outro o

homem constrói a sua natureza. Os fatos indicam, segundo ele, que “[...] as aptidões e funções que se desenvolvem no decurso da história social da humanidade não se fixam no cérebro do homem e não se transmitem conforme as leis da hereditariedade” (LEONTIEV, 1978a)

Nos animais, segundo Leontiev, “[...] o emprego do “instrumento” não forma neles novas operações; é o próprio instrumento que está subordinado aos movimentos naturais fundamentalmente instintivos, no sistema das quais se integra” (LEONTIEV, 1978a, p. 269). O desenvolvimento do psiquismo animal obedece às leis gerais da natureza e da evolução biológica de cada espécie. O desenvolvimento do psiquismo animal, prossegue o autor, “[...] é determinado pela necessidade para os animais de se adaptarem ao meio e que o reflexo psíquico é função dos órgãos correspondentes formados no decurso da adaptação (LEONTIEV, 1978a, p. 59).

A atividade dos animais não manifesta necessidades novas, e se responde doravante um sinal condicionado é simplesmente porque este sinal age sobre ele como um estímulo incondicionado. Em geral, afirma o autor, “[...] se se analisa uma das numerosas actividades animais, pode-se sempre estabelecer a relação biológica determinada que a actividade realiza e encontrar assim qual é a necessidade biológica em que repousa” (LEONTIEV, 1978a, p. 75).

O trabalho humano, em contrapartida, é uma atividade originalmente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções de trabalho; assim, o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação. Marx escreve: <<Na produção, os homens não agem apenas sobre a natureza. Eles só produzem colaborando de uma determinada maneira e trocando entre si as suas actividades. Para produzir, entram em ligações e relações determinadas uns com os outros e não é senão nos limites destas relações e destas ligações sociais que se estabelece a sua acção sobre a natureza, a produção>> (LEONTIEV, 1978a, p. 75).

Leontiev afirma ainda que para o animal todo objeto da realidade circundante é sempre inseparável das suas necessidades instintivas e biológicas, não podendo mesmo compreender-se que a própria relação do animal com o objeto jamais possa existir enquanto tal, independentemente do objeto.

Passa-se o oposto com a consciência humana. Quando o homem entra m relação com uma coisa, ele distingue, por um lado, o objecto objectivo da

sua relação, por outro, a própria relação. Esta distinção falta no animal. <<O animal – diz Marx – não esta em relação com nada. Não conhece em suma qualquer relação>> (LEONTIEV, 1978a, p. 64).

Diferentemente dos animais, o processo de aquisição do instrumento pelo homem consiste na apropriação das operações motoras que nele estão incorporadas. É, de forma correlata, “[...]um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, <<psicomotoras>>, que <<hominizam>> a sua esfera motriz” (LEONTIEV, 1978a, p. 289).

A fabricação e o uso de instrumentos, segundo o autor somente é possível em ligação com a *consciência do fim da ação de trabalho*.

[...] a utilização de um instrumento acarreta que se tenha consciência do objeto da acção nas suas propriedades objectivas. O uso do machado, por exemplo, não responde ao único fim de uma acção correcta; ele reflete objectivamente as propriedades do objecto de trabalho para o qual se orienta a acção. O golpe do machado submete as propriedades do material de que é feito esse objecto a uma prova infalível; assim se realiza uma análise prática e uma generalização das propriedades objectivas dos objectos segundo um índice determinado, objectivado no próprio instrumento. Assim é o instrumento o portador da primeira verdadeira abstracção consciente e racional, da primeira generalização consciente e racional (LEONTIEV, 1978a, p. 82)

Para que o processo de fabricação dos instrumentos seja possível é preciso que o homem tenha consciência da função deste na atividade de trabalho.

El hecho más característico de la vida humana es que los hombres, con su trabajo, producen cosas que sirven para satisfacer sus necesidades. Este proceso de producción exige que antes de realizarlo el hombre tenga en su cabeza, en forma de *representación consciente*, la imagen de aquello que va producir. Para preparar una cosa, levantar una construcción, etc., es necesario no solamente percibir las condiciones externas en las que habrá que coordinar los actos, sino que hay que ver ante si mentalmente aquello que deberá producirse como resultado del trabajo. Hablando de otra manera, es necesario que la actividad del hombre no sólo se coordine con los objetos materiales externos con los que actúa, sino que se someta a aquellos objetos que existen sólo mentalmente, únicamente em forma ideal, como producto de la elaboración de las impresiones reales em el cerebro del hombre (LEONTIEV, 1960, p. 88 – grifos nossos)

A transformação consciente da realidade, isto é, o planejamento de uma ação, somente é possível uma vez que o homem tenha conhecimento das condições e dos meios para a realização desta. “Para cambiar, con su actividad, los objetos del mundo que le rodea, el hombre empieza procediendo de esta manera: marca el camino de sus acciones, mentalmente prepara las condiciones para realizarlo, hace mentalmente pruebas, etc...”.

Unicamente la forma superior de reflejar la realidad, la conciencia permite que el hombre someta sus actividades a las representaciones y concepciones que han aparecido en su cabeza y que pueden actuar mentalmente. Esto es lo que determina el papel específico que juega la conciencia en la actividad del hombre (LEONTIEV, 1960, p. 88)

Citando Vandel (1960), o psicólogo russo nos diz que o homem e a humanidade libertaram-se assim do “despotismo da hereditariedade” e puderam prosseguir o seu desenvolvimento num ritmo desconhecido no mundo animal. Segundo o autor,

[...] efectivamente, no decurso das quatro ou cinco dezenas de milênios que nos separam dos primeiros representantes do *Homo sapiens*, as condições históricas e o modo de vida dos homens sofreram, em ritmos sempre mais rápidos, mudanças sem precedentes. Todavia, as particularidades biológicas da espécie não mudaram ou, mais exactamente, as modificações não saíram dos limites de variações reduzidas, sem alcance *essencial* nas condições da vida social (LEONTIEV, 1978a, p. 264 - grifos do autor).

Contudo, o autor faz uma ressalva. O salto evolutivo alcançado pelo homem não põe fim, de maneira automática, tão pouco imediata e para sempre, a ação das leis da variação e da hereditariedade. Tampouco quer dizer que

[...] a natureza do homem, uma vez constituída, não tenha sofrido qualquer mudança. O homem não está evidentemente subtraído ao campo de acção das leis biológicas. O que é verdade é que as modificações biológicas hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem e da humanidade; este é doravante movido por outras forças que não as leis da variação e da hereditariedade biológicas (LEONTIEV, 1978a, p. 264).

Sob este mesmo prisma, Leontiev (1978a), assinala que foi a partir do aparecimento do tipo de homem atual – o *Homo sapiens*, que o papel, respectivamente biológico e social do homem sofreu uma viragem. Tal fato, segundo o autor,

[...] constitui a etapa essencial, a viragem. É o momento com efeito em que a evolução do homem se liberta totalmente da sua dependência inicial para com as mudanças biológicas inevitavelmente lentas, que se transmitem por hereditariedade. *Apenas* as leis sócio-históricas regerão doravante a evolução do homem. (LEONTIEV, 1978a, p. 263 – grifos do autor)

Segundo Leontiev (1960, p. 80), “El trabajo, incluso en sus formas más simples, es siempre una actividad conjunta y colectiva de las personas. Por esto, al mismo tiempo que se desarrolla el trabajo tenía lugar la agrupación de personas que lo realizaban”. “La necesidad de coordinar los esfuerzos de todos ellos a un fin común, de repartir distintas funciones y de transmitir de unos a otros las experiencias adquiridas, creó la necesidad del lenguaje, de las raciones por medio del idioma”.

Destituído do convívio social, qualquer indivíduo, não compartilhando com os elementos da cultura produzida historicamente pelo conjunto dos homens, tende a se animalizar. É por meio do convívio social que os indivíduos adquirem as características humanas necessárias para sua manutenção em sociedade.

Um exemplo preciso para demonstrar que privado do convívio social nosso nível de animalidade pode chegar a pontos extremos nos é dado por Leontiev (1978a) quando, em uma tribo chamada tribo dos Guayakils (também chamada civilização do mel, por que um de seus meios de sobrevivência era a recolha do mel de abelhas selvagens), no Paraguai, uma das mais primitivas que se conheceu a sua época, conseguiu-se apanhar uma criança de lá com cerca de sete anos de idade. Segundo ele era difícil entrar em contato com eles,

[...] não tinham lugar de habitação fixa. Assim, que os estrangeiros se aproximam fogem para os bosques. Mas conseguiu-se um dia apanhar uma criança desta tribo... Pôde-se assim conhecer a sua língua que se verificou ser extremamente primitiva. Noutra vez, o etnólogo francês Vellard encontrou um amenina de dois anos num acampamento abandonado pela tribo. Confiou a sua educação à mãe dele. Vinte anos mais tarde (em 1958) ele em nada se distinguia no seu desenvolvimento das intelectuais européias... (LEONTIEV, 1978a, p.266-267)

Destituídos do convívio em sociedade, privado do mundo criado pelas gerações precedentes, fica assim estabelecido com toda certeza que se as crianças se desenvolverem desde a mais tenra idade, fora da sociedade e dos fenômenos por ela criado, o seu nível é o dos animais, “Não possuem nem linguagem nem pensamento e os seus próprios movimentos em nada se assemelham aos dos humanos; não adquirem nem mesmo posição vertical” (LEONTIEV, 1978a, p. 266).

Conhecem, pelo contrário, casos inversos em que crianças oriundas de povos que se encontram num nível de desenvolvimento econômico e cultural muito baixo, são colocadas muito cedo em condições culturais elevadas; formam-se então nelas todas as aptidões necessárias para a sua plena integração nesta cultura. (LEONTIEV, 1978a, p. 266)

Tais exemplos nos provam que as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, “[...] mas adquire-se no decurso da vida por meio do processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes” (LEONTIEV, 1978a). Mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, “[...] através da aprendizagem da língua que se desenvolveu no processo histórico, em função das características objetivas desta mesma língua” (LEONTIEV, 1978). “El desenvolvimiento del lenguaje, que apareció en el proceso del trabajo, es la condición directa y más próxima para el desarrollo de la conciencia humana” (LEONTIEV, 1960, p. 80).

A principal característica do processo de apropriação ou de aquisição é que o mesmo *cria no homem aptidões novas, funções psíquicas novas*. Segundo Leontiev (1978a), é nisto que se diferencia o processo de aprendizagem humano da aprendizagem dos animais.

Enquanto este último é o resultado de uma *adaptação* individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação no homem é um processo de *reprodução*, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana (LEONTIEV, 1978a, p... - grifos do autor).

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são ai apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “[...] os órgãos da individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de *educação*” (LEONTIEV, 1978a, p. 272 - grifos do autor).

Cada indivíduo, tomado de forma singular, apropria-se das riquezas, material e cultural deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram neste mundo. Podemos mesmo afirmar que “[...] cada indivíduo *aprende* a ser homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 1978a, p. 267).

Além da necessidade de apropriar-se do que a natureza lhe proporciona é-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LEONTIEV, 1978a). Nesse sentido assinalamos que o desenvolvimento psiquismo humano está intimamente ligado à apropriação cultura acumulada historicamente pela humanidade em seu decurso histórico, uma vez que este se estrutura a partir da atividade social e histórica dos indivíduos; pela apropriação da cultura humana material e simbólica, produzida e acumulada de maneira objetiva ao longo da história da humanidade, conferindo ao indivíduo a possibilidade de tornar-se deste modo membro efetivo do gênero humano<sup>88</sup>.

As conquistas acumuladas historicamente não são transmitidas por meio da herança genética, ficando objetivadas nos produtos da atividade humana. Nesse sentido é preciso que cada indivíduo se aproprie destas objetivações. Afirma o autor, “[...] cada ser humano isolado que se desenvolve em sociedade se encontra com um mundo transformado e

---

<sup>88</sup> Segundo Leontiev (1978) e Tonet (2005), ao nascermos trazemos conosco apenas as características genéticas que nos conferem o estatuto de membros da espécie humana, sendo que, para nos tornarmos membros do gênero humano, é necessário que nos apropriemos de todas as objetivações humano-genéticas criadas pela humanidade em sua processualidade histórica. Algo que, a nosso ver, tem sido negado à grande massa dos indivíduos em todo o mundo.

criado pela atividade de gerações precedentes, com um mundo que encarna os progressos do desenvolvimento histórico das aptidões humanas” (LEONTIEV, 1967, p. 57-58).

Todavia, a maioria das pessoas só tem acesso à apropriação das aquisições produzidas pela humanidade dentro de limites inferiores, fato decorrente do modo de produção da vida material próprio de uma sociedade cindida em classes, na qual uma minoria tem acesso à riqueza cultural historicamente acumulada pela humanidade, enquanto a maioria sobrevive à margem desta. Leontiev (1978a) ao assevera que

A concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos. Se bem que as suas criações pareçam existir para todos, só uma ínfima minoria tem o vagar e as possibilidades materiais de receber a formação requerida, de enriquecer sistematicamente os seus conhecimentos e de se entregar à arte; durante este tempo, os homens que constituem a massa da população, [...] têm de contentar-se com o mínimo de desenvolvimento cultural necessário à produção de riquezas materiais nos limites das funções que lhes são destinadas (LEONTIEV, 1978a, p. 275-276).

Reconhecemos, a partir do trecho ilustrativo aqui destacado, que em um sistema de exploração, assim como é a sociabilidade regida pelo processo de produção capitalista, as formas de organização do trabalho e da produção são negadas ao trabalhador, uma vez elas priorizam a acumulação de lucro em detrimento da satisfação das necessidades humanas.

É claro, para os indivíduos, as condições elas próprias podem variar dependendo do lugar dentro do sistema social de produção; em uma sociedade de classes, isto é primariamente determinado pela classe a qual a pessoa pertencem, mas deve ser compreendido que o pertencimento de uma pessoa a uma classe, aparecem somente como o *seu* pertencimento de classe, como o pertencimento de classe de um dado sujeito de atividade concreto (LEONTIEV, 1937/2005, p. 15)

Logo, entendemos que, para o indivíduo estabelecer consigo aquilo que é próprio da humanidade, se faz necessária a máxima assimilação do que o homem constituiu, a fim de tomar para si o próprio conhecimento. Desse modo, nenhum indivíduo é incapaz de apreender a riqueza material e simbólica produzida pela humanidade. Como assevera o autor,

O verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer

delas aquisições da sua personalidade e dar-lhe a sua contribuição. O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave (LEONTIEV, 1978a, p. 283).

Assim, cada sujeito se constitui como ser singular pela apropriação da cultura e da experiência histórica da humanidade nas relações educativas que o sujeito estabelece com o coletivo. Observa-se, no entanto, que há uma contradição fundada na exploração de uma classe sobre outra, a qual fragmenta a articulação entre individualidade e universalidade, subjetividade-objetividade. O desenvolvimento humano, no que diz respeito a seu caráter social, varia de acordo com a classe, o que provoca um grande abismo entre a vida material e a intelectual, devido à exploração do homem pelo homem, fazendo com que poucos tenham acesso às objetivações do gênero humano construídas ao longo da história.

### **III. II – Atividade, Atividade dominante e periodização do desenvolvimento infantil: Aproximações acerca do processo de desenvolvimento do psiquismo da criança**

Se o trabalho é a atividade humana por excelência, o modelo de toda práxis social (LUKÁCS, 1978), o que distingue o conceito lukacsiano de trabalho do conceito de atividade desenvolvido por Leontiev (1978a; 1978b; 1988)? Estariam os autores falando do mesmo conceito?

Já retomamos as elaborações de Leontiev na tentativa de investigar em que medida as reflexões do autor guardam conexões ontológicas com as elaborações lukácsianas, a ponto de defendermos uma base ontológica nas elaborações do psicólogo moscovita. Realizada minimamente tal tarefa, no entanto, cabe agora buscar realizar uma distinção, se houver, entre as categorias trabalho e atividade, evitando assim possíveis confusões teóricas, bem como colocações que utilizem as mesmas como sinônimas, caso estas não sejam.

Como ressalta Asbahr (2005, p. 42), se para a economia política de Marx coube à tarefa de estudar o desenvolvimento dos modos de produção no decorrer do desenvolvimento histórico, ou seja, a forma como os homens produzem suas vidas por meio da atividade produtiva, coube à psicologia soviética “[...] o desafio de compreender como as formas sociais da atividade produzem formas específicas de psiquismo humano, ou como se desenvolvem socialmente as formas individuais do psiquismo”.

O problema do desenvolvimento do psiquismo é um dos problemas centrais da psicologia soviética, sobremaneira nas reflexões desenvolvidas por Leontiev (1978a). Nesse sentido, o conceito de *atividade* ganha especial destaque nas elaborações do autor moscovita, como de outros psicólogos soviéticos.

Desenvolvido inicialmente por Vigotski (1985; 1988) e sistematizado, mais especificamente por Leontiev (1978a; 1978b; 1988), como também por Davydov (1988) e Elkonin (1987), o conceito de *atividade principal* ou *atividade dominante* ganha especial destaque nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a ponto de parecer mesmo que este poderia resolver as questões ainda candentes tanto na psicologia como na educação.

Segundo Kozulin (2002), A origem deste conceito de atividade pode ser encontrada, segundo o autor, nos primeiros escritos de Vigotski onde este sugeriu que “[...] a atividade (*Tätigkeit*) socialmente significativa pode servir como princípio explanatório em relação à consciência humana e ser considerado como um gerador de consciência humana” (KOZULIN, 2002, p. 111).

Embora seja nos escritos de Vigotski que aparece pela primeira vez a categoria da atividade é Leontiev que irá sistematizar o referido conceito, fundando a chamada *teoria psicológica da atividade*. Kozulin (2002) afirma que o primeiro esboço da teoria da atividade elaborado por Leontiev foi seu trabalho de 1947 “*Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo*”, seguido pelos trabalhos “*Problemas do desenvolvimento do psiquismo*” e “*Atividade, consciência e personalidade*”. “A análise da atividade constitui o ponto decisivo e o método principal do conhecimento científico do reflexo psíquico, da consciência”, afirma Leontiev (1983).

Segundo Leontiev (1978a) o aparecimento da consciência, uma forma qualitativamente elevada de psiquismo, como já enfatizamos, engendrada pelo surgimento do trabalho e pela utilização dos instrumentos pelo homem, “[...] modifica não apenas a estrutura da actividade humana, não engendra unicamente acções orientadas; o conteúdo da actividade a que chamamos de operações sofre também uma transformação qualitativa no processo de trabalho (LEONTIEV, 1978a, p. 81). Outro fato importante a ser ressaltado sobre as mudanças no desenvolvimento da atividade e do psiquismo é que a própria evolução do homem é determinada pelo grau de desenvolvimento do trabalho. Modificando a natureza externa, o homem, ao mesmo tempo, transforma sua própria natureza. Modificando a natureza externa, “[...] o homem, ao mesmo tempo, transforma sua própria natureza. Ele desenvolve, de acordo com Marx, habilidades latentes a sua natureza e sujeita à interação destas forças à sua própria força” (LEONTIEV, 1940/2005, p. 02).

Além disso, a atividade humana por excelência, o trabalho, a ação conscientemente orientada, é realizado não somente por um indivíduo isolado, mas sob a condição de uma união de sujeitos na mesma atividade, sob a condição de coletividade, isto é, de forma coletiva.

[...] o processo de trabalho é sempre realizado através da combinação, no sentido literal da palavra, de atividades de pessoas de forma que o homem entre numa relação definida não somente com a natureza, mas também como outros homens, com membros de uma determinada sociedade. É especificamente através desta relação com outros homens que o homem se relaciona com a natureza. Portanto, o trabalho emerge do surgimento dos processos sociais. Já mencionei que o trabalho é uma atividade especificamente humana. É verdade que, não importa quantos processos externos similares nós tenhamos estudado no mundo animal, em nenhum deles podemos descobrir traços que em sua natureza sejam como aqueles específicos da atividade social do homem que chamamos de trabalho (LEONTIEV, 1940/2005, p. 02).

Nos chama a atenção o autor ao afirma que: “[...] ao mesmo tempo, nem todo processo de influência sobre a natureza, é claro, pode e deve ser chamado de processo de trabalho”. Os dois traços fundamentais que caracterizam o trabalho, são especificamente a forma de impacto na natureza e o uso de ferramentas. “O processo de influência sobre a natureza que chamamos de trabalho é o processo de influência sobre a natureza utilizando ferramentas” (LEONTIEV, 1940/2005, p. 02). Segundo o autor, a transformação da natureza

pelo homem – trabalho -, “[...] é o fundamento mais essencial e o mais direto do pensamento humano e a inteligência do homem aumentou na medida em que ele aprendeu a transformar a natureza” (LEONTIEV, 1978a, p. 84).

O alargamento do domínio consciente de sua atividade realizou-se pela complexificação das operações de trabalho e pela utilização dos instrumentos. Com efeito, afirma o autor, “[...] o trabalho só poderia nascer entre os animais que vivessem em grupo e apresentassem formas suficientemente desenvolvidas de vida em comum, mesmo se estivessem ainda bastante afastadas das formas mais primitivas da vida social humana” (LEONTIEV, 1978a, p. 73).

Todas as criações humanas, a partir do primeiro instrumento manual até a técnica moderna, desde a palavra mais primitivas, até as línguas vivas contemporâneas altamente desenvolvidas, levam a marca do trabalho do conjunto de seres concretos, de sua atividade material e espiritual, que adquire condição de objeto em seu produto; o que implica que o que se manifesta na atividade do homem, isto é, na natureza essencial deste, suas aptidões, fica encarnado em seu produto (Marx disse: aparece na forma de natureza latente). Por outro lado, cada ser humano isolado que se desenvolve em sociedade se encontra com um mundo transformado e criado pela atividade de gerações precedentes, com um mundo que encarna os progressos do desenvolvimento histórico das aptidões (LEONTIEV, 1967, p. 57-58)

O que torna o trabalho especificamente uma atividade humana é sua ação orientada de transformação da natureza e seu caráter iminentemente social. Nesse sentido Leontiev (1978a) destaca que em suas origens, os homens não tinham qualquer consciência da sua relação com a coletividade <sup>89</sup>. Retomando Marx o autor afirma que “[...] neste início o homem é tão animal como a própria vida social neste estágio; é uma simples consciência gregária e o homem distingue-se aqui do carneiro pelo único facto de a sua consciência tomar nele o lugar do instinto ou do seu instinto se tornar um instinto consciente” (LEONTIEV, 1978a, p. 102).

---

<sup>89</sup> Segundo Rubinstein (1977), “Graças aos instrumentos de trabalho e a linguagem, a consciência do homem se desenvolveu como produto do trabalho social. Por meio dos instrumentos como trabalho socializado, a experiência que a humanidade havia recorrendo foi transmitida em forma objetivada de generalização em generalização, e esta transmissão se deu através da linguagem. Para o trabalho social se requereu a consciência social materializada na linguagem, desenvolvendo-se também esta no processo de trabalho social” (RUBINSTEIN, 1977, p. 157).

[...] até mesmo no início da história, começou a ser observado muito claramente o que é chamado de *divisão técnica do trabalho*. A divisão técnica do trabalho é expressa no fato de que *além de tudo, o complexo processo é dividido entre agências separadas*. Uma toma a si própria como uma parte ou um aspecto, uma ligação no todo, complexo, processo unificado. Outros participantes tomarão outras ligações. Em particular, é sugerido que, em um certo estágio do desenvolvimento da sociedade humana seja possível observar tal divisão de funções: a manutenção do fogo, o trabalho de preservar o fogo da lareira é dado às mulheres. Os homens caçam animais (LEONTIEV, 1940/2005, p. 02-03 – grifos nossos).

O trabalho é a base sob a qual tem origem todos os tipos de sua atividade material e espiritual humana. Movidos pela necessidade de satisfação de suas necessidades, o homem transforma a natureza, cria novas necessidades e transforma a si mesmo.

Segundo Duarte (2002, p. 284), apoiado nas análises realizadas por Marx nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, na *A ideologia alemã* e na análise desenvolvida por Marx acerca do processo de trabalho, no item 1 do Capítulo V do primeiro volume de *O Capital*, Leontiev evidencia que as diferenças entre a estrutura da atividade animal e a estrutura da atividade humana produzem ainda diferenças qualitativas entre a estrutura do psiquismo animal e a do psiquismo humano.

A estrutura da atividade animal caracteriza-se por uma relação imediata entre o objeto da atividade e a necessidade que leva o animal a agir sobre aquele objeto. Há, portanto, uma coincidência entre o objeto e o motivo da atividade. O resultado imediato da atividade animal acarreta a satisfação da necessidade que levou à atividade, desde que esta seja bem sucedida. Ao longo da evolução humana, mais precisamente ao longo do processo de passagem da evolução biológica à história social e cultural, a estrutura da atividade coletiva humana foi assumindo cada vez mais a forma mediatizada, ou seja, a indiferenciada atividade coletiva dos primitivos seres humanos foi se transformando, surgindo assim uma estrutura complexa, na qual a atividade coletiva passou a ser composta de ações individuais diferenciadas em termos de uma divisão técnica do trabalho, ou seja, uma divisão de tarefas a qual só veio a se confundir com a divisão social do trabalho num momento histórico posterior, com o surgimento da sociedade de classes e da propriedade privada (DUARTE, 2002, p. 284-285).

Leontiev (1978a) afirma que assim como nem todas as ações realizadas pelo homem podem ser chamadas de *trabalho* – uma vez que não exercem influência direta sobre a natureza nem exigem a utilização de instrumentos -, nem todo processo humano deve ser

denominado de *atividade*. A relação do homem com os objetos sobre o qual se dirige sua ação nem sempre está diretamente relacionado à satisfação imediata de uma necessidade, nem sempre há uma coincidência entre objetivo e motivo da ação. Por atividade entende-se um processo orientado e estimulado por um determinado motivo, um sistema de ações que objetiva a satisfação de uma necessidade. Para atingir seus objetivos, o homem necessita cumprir várias ações – ordenada e hierarquicamente. Segundo Leontiev (1978<sup>a</sup>, p. 77), chamamos de ações os processos em que o objeto e o motivo não coincidem. Assim, “[...] aquilo para que estão direcionados os seus processos de actividade não coincide com o seu motivo; os dois estão separados”<sup>90</sup>.

As atividades desenvolvidas pelo homem ao longo do processo de desenvolvimento histórico são marcadas por duas novas qualidades, quais sejam: o *particionamento*, e, conseqüentemente, o fato de que *cada parte da atividade deve ser conscientemente ligada às demais para que seus objetivos sejam alcançados*.

O que caracteriza a atividade é seu caráter eminentemente social. Mesmo que realizada individualmente, a atividade humana é sempre coletiva uma vez que traz consigo toda a bagagem de conhecimentos e ações apreendidas coletivamente.

[...] o trabalho é uma acção sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação. Marx escreve: <<Na produção, os homens não agem apenas sobre a natureza. Eles só produzem colaborando de uma determinada maneira e trocando entre si as suas actividades. Para produzir, entram em ligações e relações determinadas uns com os outros e não é senão nos limites destas relações e destas ligações sociais que se estabelece a sua acção sobre a natureza, a produção (LEONTIEV, 1978a, p. 75).

---

<sup>90</sup> “Quando um membro da coletividade realiza a sua actividade de trabalho, realiza-a também como fim de satisfazer uma necessidade sua. Assim, a actividade do batedor que participa na caçada colectiva primitiva é estimulada uma necessidade sua. Assim, na actividade do batedor participa na caçada colectiva primitiva é estimulada pela necessidade de se alimentar ou talvez de se vestir com a pele do animal. Mas para que é que está direccionada a sua actividade? Pode ser, por exemplo, assustar a caça e orientá-la na direcção dos outros caçadores que estão à espreita. É propriamente isso que deve ser o resultado da actividade do caçador. Ela pára ai; os outros caçadores fazem o resto. É evidente que este resultado (assustar a caça) não acarreta por si mesmo e não poderia acarretar a satisfação da necessidade de alimento, de vestuário, etc., que o batedor sente” (LEONTIEV, 1978a, p. 76-77). Na atividade da caça, por exemplo, Leontiev (1978a, p. 77) diz que a actividade do batedor, o fator de levantar/espantar e direccionar a caça, é sua ação.

A partilha de atividades, que no início do processo de desenvolvimento da sociedade humana se dava de forma fortuita e instável, toma, no decurso do desenvolvimento, a forma primitiva de divisão técnica do trabalho. Sob as condições de trabalho coletivo, modifica-se não apenas a estrutura da atividade, senão do próprio psiquismo humano (LEONTIEV, 1978a).

Leontiev (1978b) evidencia que toda atividade é gerada por uma necessidade criada pelas condições histórico-sociais concretas as quais estão submetidos os indivíduos. Ou seja, a atividade é determinada por condições externas ao sujeito. “O homem encontra na sociedade não apenas as condições externas às quais deve acomodar sua atividade, como essas mesmas condições sociais contêm os motivos e os fins de sua atividade, seus procedimentos e meios” (LEONTIEV, 1978b, p. 68). O autor afirma que, em verdade, não são as condições externas, mas as relações que os indivíduos estabelecem a partir dela com o mundo objetivo, que orienta e regula sua atividade. Assim, quanto maiores forem às condições objetivas de atuação do sujeito, maiores será seu nível de necessidade. As necessidades estimulam e dirigem as atividades realizadas pelo sujeito, mas estas funções somente podem ser cumpridas se forem objetivas.

A atividade é uma resposta dada pelo homem às necessidades postas ao seu desenvolvimento. Toda e qualquer necessidade apresenta-se como *necessidade de algo*. A essência do conceito reside, portanto, no fato deste refletir uma relação entre o homem e a realidade externa, mediatizada por um conjunto de relações e significações sociais. “A consciência e a linguagem são mediações essenciais entre partes da atividade” (MESQUITA, 2010, p. 52). A formação do psiquismo humano, inserido em uma realidade sócio-histórica concreta, é determinado pelo lugar que ocupa o indivíduo na teia de relações sociais. Disso dependerá o seu desenvolvimento enquanto gênero (LEONTIEV, 1978a). A estrutura da consciência está diretamente relacionada à estrutura da atividade humana. Nesse sentido, a atividade é atividade consciente.

A atividade, segundo Leontiev (1978a; 1978b) é o momento determinante na estruturação do desenvolvimento psíquico. Além de revelar os complexos câmbios existentes entre os indivíduos e a realidade sócio-histórica, é a atividade que engendra o desenvolvimento do psiquismo, da consciência e da personalidade humana.

As características básicas que distinguem a atividade humana de outras é que ela tem um objeto. É o objeto da atividade que lhe confere uma certa orientação (LEONTIEV, 1978b, p. 55). Segundo Leontiev (1978b), as atividades humanas são compostas por *motivos*, *ações* e *operações*. Nesse sentido, o autor chama de *atividade principal* aquela cujo seu desenvolvimento possibilita ao indivíduo apropriar-se dos principais componentes da realidade externa a qual este se insere.

Atividade principal é “[...] a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade do indivíduo, em um certo estágio de seu desenvolvimento” (LEONTIEV, 1988, p. 65). No entanto, adverte o autor, nem todos os processos desenvolvidos pelo homem devem ser denominados de atividade. Os processos denominados de atividade devem ser entendidos como processos orientados e estimulados por um determinado *motivo*, além de carregar em si a objetivação de certa necessidade. É o *motivo* que impulsiona o sujeito a planejar suas ações, agir, e exige satisfação.

De acordo com o Leontiev (1988), para que a atividade seja considerada principal, ela deve possuir três características básicas, quais sejam: I) Em sua forma surgem outros tipos de atividade, que se diferenciam desta; II) A atividade principal é aquela cujos processos psíquicos são organizados e tomam forma; e III) As principais mudanças psicológicas da personalidade dependem dela.

Segundo Leontiev (1978a), cada período do desenvolvimento infantil possui um conteúdo definido e exerce influência sobre seu desenvolvimento psicológico e social da criança, além de promover profundas alterações nos mecanismos de construção de sua personalidade. Algumas atividades que são consideradas principais em determinados estágios do desenvolvimento infantil não o são em outros, representando apenas papéis intermediários no seu processo de desenvolvimento (LEONTIEV, 1978a; 1978b).

A natureza sócio-histórica da psique infantil é determinada, conseqüentemente, não pelo fato de que se comunica, mas pelo fato de que sua relação com a realidade é social e objetivamente mediada, isto é, pelo fato de que sua realidade assuma uma determinada forma em condições socio-históricas específicas (LEONTIEV, 1937/2005, p. 24).

Nesse sentido, a atividade principal do sujeito se transforma ao longo de seu desenvolvimento por meio das mudanças do motivo que caracterizam suas ações. O desenvolvimento de sua consciência encontra expressão em uma mudança no motivo de sua atividade. Ao passo que surgem novos motivos, os velhos motivos perdem sua força estimuladora, fato que conduz a reinterpretação de suas ações anteriores. Tais características evidenciam o desenvolvimento da consciência e da personalidade do indivíduo.

### **III. III – Educação Escolar e apropriação da cultura na psicologia de A. N. Leontiev: Contribuições ao debate educacional contemporâneo**

Sob as bases de um sistema de produção que legitima a desigualdade como peça fundamental de seu processo de manutenção e perpetuação, cabe perguntar: Em que consiste e como se desenrola o processo de apropriação dos indivíduos das aquisições do desenvolvimento histórico da sociedade (LEONTIEV, 1978a)? Qual o papel da educação no processo de formação humano-social? O desenvolvimento alcançado pelo homem ao longo do decurso dos anos, o aumento da produção proporcionado, sobretudo, pelo advento de novas técnicas de cultivo e pelo uso da força humana, a acumulação de alimentos e divisão social em classes, teria tornado a reduzido as possibilidades de uma formação integral para a maioria da população? Seria possível a Escola, dentro dos limites que lhes são impostos hoje, proporcionar uma formação que possibilite ao homem uma vida menos alienada e estranhada?

Aportamos aqui em um ponto importante do nosso trabalho, qual seja: o papel da educação no processo de formação humana. Nesse sentido, questionamos se as implicações decorrentes do desenvolvimento histórico alcançado pelo gênero humano ao longo do decurso dos anos, se o aumento da produção, o advento de novas técnicas de cultivo e o “uso” da força humana, a acumulação de alimentos e, sobretudo, a divisão social em classes teria reduzido as possibilidades de uma formação humana integral? Seria possível a Escola e a Educação, dentro dos limites que lhes são impostos hoje, proporcionar ao homem uma formação plena de sentido?

A cada momento histórico à qual nos reportemos vamos encontrar traços específicos que nos mostram de que forma se deu o processo de tornar-se homem do homem, como diria Lukács (1978), as limitações e os entraves aos quais o ser social sempre esteve exposto e também, neste contexto, o papel e a função social que tem desempenhado a educação escolar.

O desenvolvimento humano, como pode ser observado através do longo decurso de tempo que nos separa dos primeiros seres vivos existentes e, sobretudo, dos primeiros seres humanos que viviam congregados, mostra que tal desenvolvimento é marcado por uma série de contradições. Nas palavras de Leontiev (1978a), é a partir das condições histórico-concretas de existência a qual estão submetidos os sujeitos que dependerá seu desenvolvimento enquanto ser social. Mas, qual o papel da educação neste processo?

Segundo Leontiev (1978a, p. 285), as gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas e passa o testemunho do desenvolvimento da humanidade. É isso, como bem coloca o autor, que torna o movimento da história possível, “[...] a transmissão, as novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, a educação” (LEONTIEV, 1978a, p. 291). Sem a transmissão dos resultados do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade as gerações seguintes seria impossível a continuidade do processo histórico.

De acordo com o autor, “[...] quanto mais progride a humanidade mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa”. Esta relação, de acordo ele, entre o progresso histórico e o progresso da educação “[...] é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente” (LEONTIEV, 1978a, p. 273).

Então, se há uma direta relação entre desenvolvimento histórico e desenvolvimento humano, como justificar as diferenças existentes entre os homens? Essas diferenças são, na verdade, “[...] produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classe e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas

as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico” (LEONTIEV, 1978a, p. 293).

A divisão social em classes com interesses antagônicos, engendrada pelo aparecimento da divisão social do trabalho, pela propriedade privada dos meios de produção e pela luta de classes tiveram como consequência a separação entre atividade material e atividade intelectual, entre o prazer e o trabalho, entre a produção e o consumo fazendo com que cada um pertençam a homens diferentes.

Assim, enquanto globalmente a atividade do homem se enriquece e se diversifica, a de cada indivíduo tomado à parte estreita-se e empobrece. Esta limitação, este empobrecimento podem tornar-se extremos, sabemos-lo bem, quando um operário, gasta todas as suas forças para realizar uma operação que tem de repetir milhares de vezes (LEONTIEV, 1978a, p. 293-294)

Ao analisar o fenômeno da alienação na sociabilidade capitalista Duarte (2004) afirma que em Leontiev tal fenômeno apresenta na forma de uma dupla cisão. Uma refere-se à “[...] dissociação entre o significado e o sentido das ações humanas”; a outra forma de alienação apresenta-se na “[...] impossibilidade existente, para a grande maioria dos seres humanos, de apropriação das grandes riquezas materiais e não-materiais já existentes socialmente” (DUARTE, 2004, p. 56).

[...] tanto para o indivíduo como para a sociedade ocorre essa ruptura entre o *significado* e o *sentido da ação*. Se considerarmos o significado como sendo o conteúdo da ação e o sentido como sendo as ligações entre esse conteúdo e o conjunto da atividade, a primeira cisão que aparece é de fato, como analisou Leontiev, aquela entre o conteúdo da ação do operário e o sentido que essa ação tem para o próprio operário. Acontece que também para a sociedade o trabalho do operário apresenta uma cisão entre o conteúdo e o sentido [segunda cisão]. *Como estamos falando de uma sociedade capitalista, o sentido que a atividade do operário tem é o de parte necessária do processo de reprodução do capital, ou seja, o sentido é dado pelo valor de troca da força de trabalho.* (DUARTE, 2004, p. 58 – Grifos nossos).

Tal cisão não ocorre apenas com o operariado em si, mas espraia-se para a sociedade como um todo. Em verdade, a dissociação existente entre o significado e sentido

pessoal que o trabalho tem para o operário é uma consequência do sentido que esse trabalho tem para a sociedade capitalista (Duarte, 2004)<sup>91</sup>.

Malgrado algumas correntes do pensamento defenderam que as diferenças entre os homens provem da uniformidade da cor da pele, do tamanho do crânio entre outras teorias, Leontiev nos afirma que esta diferença, no entanto, não provém das diferenças biológicas ou naturais. Segundo Leontiev (1978a), a concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada igualmente de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos. Embora as criações pareçam existir para todos,

[...] só uma ínfima minoria tem o vagar e as possibilidades materiais de receber a formação requerida, de enriquecer sistematicamente os seus conhecimentos e de se entregar à arte; durante este tempo, os homens que constituem a massa da população, em particular da população rural, têm de contentar-se com o mínimo de desenvolvimento cultural necessário à produção de riquezas materiais nos limites das funções que lhes são destinadas (LEONTIEV, 1978a, p. 274-275).

A concentração e a estratificação da cultura não se produzem apenas no interior das nações ou dos países. A desigualdade de desenvolvimento cultural dos homens manifesta-se ainda mais cruamente à escala do mundo, da humanidade inteira (LEONTIEV, 1978a). A grande parcela dominante da sociedade não possui apenas os meios de produção da riqueza material, mas também a maior parte dos meios de produção e de difusão da cultura intelectual, esforçando-se, por conseguinte, para garantir seus interesses, perpetuando e produzindo cada vez mais a estratificação da cultura acumulada historicamente.

O desenvolvimento humano-social, segundo o autor, segue assim duas vias radicalmente diferentes onde uma, além de reunir em torno de si a riqueza material produzida historicamente, acumula igualmente

[...] as riquezas intelectuais, as idéias, os conhecimentos e os ideais que encarnam o que há de verdadeiramente humano no homem e iluminam os caminhos do progresso histórico: ela reflete os interesses e as aspirações da maioria. A outra tende para a criação de concepções cognitivas, morais e

---

<sup>91</sup> Segundo Marx (2004), a alienação manifesta-se de três formas, quais sejam: I) Na relação do indivíduo com a produção, isto é, com a execução do seu trabalho; II) Na relação do indivíduo com o produto da atividade executiva; 3) a relação do indivíduo com o gênero humano”.

estéticas que servem os interesses das classes dominantes e são destinados a justificar e perpetuar a ordem social existente, em desviar as massas da sua luta pela justiça, igualdade e liberdade, anestesiando e paralisando a sua vontade. O choque destas duas tendências provoca aquilo a que se chama *luta ideológica* (LEONTIEV, 1978a, p. 276 - grifo do autor).

Sob o jugo do capitalismo contemporâneo que esta divisão social tende a se agudizar cada vez mais. Funcional e também fundamental aos interesses dominantes, a Escola e a educação, em sua organização, conteúdos e métodos, não pode se furtar ao atendimento de tais interesses.

O atual estágio de desenvolvimento alcançado pelo sistema de capitalista trouxe consigo além da revolução técnico-científica, de mesma maneira e intensidade, o desenvolvimento de uma sociedade baseada na tirania e perversidade da lógica do ter<sup>92</sup>, e onde a educação tem ganhado espaço privilegiado no processo de disseminação dos valores e na formação do novo trabalhador necessário ao processo de acumulação do capital.

De maneira contraditória ao potencial alcançado pela humanidade até aqui, é inegável e ao mesmo tempo triste constar que nunca o homem conheceu tão profundamente a dinâmica da natureza e nunca a utilizou tão universalmente, mas também nunca esteve tão próximo da destruição total da mesma e de si próprio. O trabalho de milhões de seres humanos ao mesmo tempo em que tem “/.../ possibilitado que objetivações humanas como a ciência e a produção material gerassem, neste século, possibilidades de existência livre e universal jamais vistos na história humana” (DUARTE, 2000), tem gerado de forma contraditória e intensa a guerra, a degradação ambiental, a fome, a miséria, a ignorância, a desigualdade social (de cor, gênero) e até mesmo da morte de milhões de seres humanos.

O processo de produção e, conseqüentemente, de organização da vida social, tem se realizado de forma contraditória e excludente ao longo das últimas décadas. Tais contradições tem se manifestado de forma visível em todos os setores da vida social, gerando de forma

---

<sup>92</sup> Segundo Jimenez (2003, p. 1), “É evidente o reconhecimento generalizado das contradições que irrompem à flor da pele da sociedade contemporânea: vivemos todos batidos por uma tempestade de problemas sociais dramáticos, como o desemprego, a miséria, a violência, a corrupção que atravessa todas as fibras da sociabilidade cotidiana, a solidão, o *stress*, o medo, as epidemias, a guerra e a morte banalizada etc., convivendo com o mais espetacular avanço tecnológico de todos os tempos, o que, a rigor, deveria abrir possibilidades fantásticas de fruição para toda a humanidade.

perversa um processo que tem desencadeado consequências que ameaçam de forma visível a existência da humanidade em sua totalidade concreta (MÉSZÁROS, 2000).

## NOTAS DE UMA CONCLUSÃO

### CONTRIBUIÇÕES AO DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA DA ATIVIDADE EDUCATIVA

A tarefa que por hora damos por encerrada soma-se aos esforços investigativos desenvolvidos pelo Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO/UECE) e da pela Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes – E-LUTA do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira - PPGEB, na tentativa de contribuir com os estudos que buscam, no Brasil, asseverar além da base marxista da psicologia histórico-cultural, especificamente de A. N. Leontiev, denunciar as tentativas que buscam negar a articulação entre os estudos deste e a Escola de Vigotski, afirmando uma completa dissociação entre estes, além de negar os fundamentos dão sustentação a sua *teoria da atividade*.

Não nos parece possível dizer hoje que conseguimos dar conta da totalidade de questões emanadas do tema que ousamos discutir desde no ano de 2010. A escolha entre alternativas, com diria Lukács (1978), feita ao longo destes dois anos, seja na seleção cuidadosa de referências, seja na construção do texto ora apresentado, resultou em um debate que, a nosso ver, vai além das discussões realizadas atualmente na academia. Estas, entre outras questões, encabeçadas por um imediatismo sem precedentes, acabam por negar as bases que dão sustentação ao arcabouço teórico-metodológico da psicologia histórico-cultural e a possibilidade de superação da forma social capitalista.

Retomando as considerações realizadas até aqui, para muito além da exortação do presente perpétuo como fim último da história, do esquecimento das lições que podem ser apreendidas ao longo da história da humanidade e que foram registradas por aqueles que doaram seu suor e sangue na busca por uma nova forma de sociedade – verdadeiramente humana, de uma discussão que somente se faz presente em círculos intelectuais ultrapassados que insistem na utopia de um novo homem e de uma nova sociabilidade – dizem os “pós” de todos os tipos presentes nas diversas áreas das ciências, a Revolução Russa apresenta-se, para nós, como um dos mais pródigos exemplos de que é possível ao homem tomar as rédeas da história em suas mãos.

Quanto a apreensão do real, os estudos atuais, a nosso ver, tem privilegiado as histórias individuais, tomando estas como critérios de explicação da realidade objetiva e jogando para as páginas últimas da história dos homens as tentativas de compreensão do real enquanto síntese de múltiplas determinações (MARX, 1986)<sup>93</sup>.

A busca por uma sociedade onde o homem possa desenvolver seu potencial criativo, suas mais plenas capacidades e potencialidades e onde as riquezas e conhecimentos acumulados historicamente possam constitui-se um legado a ser objetivado e apropriado pela humanidade em sua totalidade foi, certamente, o fator que permitiu a Vigotski, Luria, Leontiev e seus demais companheiros desenvolver na Rússia pós-revolucionária uma corrente da psicologia afinada com os ideais traçados por Marx e Engels e que também orientaram Lênin e Trotski na luta pela libertação do povo russo e em sua busca por uma forma de sociabilidade que tivesse alcance mundial.

Um das grandes questões que nos chamavam atenção no início do processo de investigação iniciado desde nossa Graduação em Pedagogia e da discussão realizada em nossa Monografia de Conclusão de Curso eram em que medida a categoria trabalho, a partir da recuperação ontológica realizada por Lukács, é apresentada nos trabalhos do psicólogo moscovita. Nesse sentido, tomamos como objetivo analisá-la.

As afirmações do psicólogo russo feitas ao longo de suas investigações asseveram o processo de desenvolvimento onto-histórico do gênero humano em seu movimento conflituoso e contraditório, movido pela luta de classes e pela contradição existente entre o desenvolvimento das forças produtivas de um lado e as relações sociais de outro. Nesse

---

<sup>93</sup> De acordo com Costa (2004), o irracionalismo ganha espaço justamente após o período de crise instaurada desde os fins da década de 1970, tornando-se seu subproduto. No presente estágio da sociabilidade humana, como afirma o autor, “A razão está acuada e perde terreno a cada dia que passa. O real perdeu a coerência. Tudo muda rapidamente e parece que continuamos no mesmo lugar, o eterno presente dominado pela velocidade da economia de mercado. Qualquer apelo a uma compreensão totalizante do mundo, aparentemente, está fadada ao fracasso. Deverá a razão depor suas armas e se aposentar?” (COSTA, 2004, p. 65). Segundo a ofensiva pós-moderna, “Nossos conhecimentos são relativos, dizem, porque são sociais, históricos, contextualizados, conjunturais, culturais etc., e desse caráter transitório e relativo infere-se que nosso conhecimento não pode ser objetivo, será sempre um ponto de vista individual, de um grupo, de uma cultura. Ou seja, por atestar que idéias, teorias etc. opostas não podem ser objetivamente comparadas, conclui-se a impossibilidade da crítica, de cotejar as várias correntes de pensamento, pois mesmo reconhecendo o real, conclui-se que não se pode ter um conhecimento objetivo a seu respeito. Nessa perspectiva cética e relativista, o mundo social é esvaziado de qualquer dimensão estrutural duradoura que apenas o esforço teórico pode alcançar. Por conseguinte, a teoria que se constrói, nivelada em seu conjunto por indiferenciado relativismo, restringe-se a descrever e, quando muito, a nomear as formas fenomênicas do cotidiano. (MORAES, 2009, p. 588).

sentido, apoiados em Marx, reconhece que a gênese do homem tem como ponto de partida o entendimento do trabalho enquanto transformação consciente da natureza pelo homem no sentido de satisfazer suas necessidades biológicas materiais e sociais<sup>94</sup>, sendo a consciência, um elemento *médium* entre o sujeito e o objeto e não apenas um mero epifenômeno do mundo biológico (LUKÁCS, 1978). Segundo Lukács (1978),

[...] o homem que trabalha, ou melhor, o animal tornado homem através do trabalho, é um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que o provoca. “[...] o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos as e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, freqüentemente bastante articuladas (LUKÁCS, 1978, p. 5).

O trabalho é a base sob a qual se origina a consciência, produto histórico-social deste e responsável por uma mudança radical no comportamento humano. Enquanto base dinâmico-estruturante do novo tipo de ser (LUKÁCS, 1978), além de fundamento ontológico primário, ao passo que possibilita a diferenciação radical entre o processo de formação deste e das demais espécies, necessita, para permitir o desenvolvimento histórico ilimitado, de outros complexos, sendo a consciência e a linguagem, elementos fundamentais para o *tornar-se homem do homem*. Nesse sentido, a consciência é determinada pelo ser do indivíduo, que nada mais é do que os processos da vida real das pessoas.

Leontiev (1978a; 1978b) evidencia o modo como o processo de intensificação das relações sociais capitalistas é por si só um elemento que impossibilita o livre desenvolvimento da consciência no indivíduo humano uma vez que, ao mesmo tempo em que engendra o discurso ideológico de uma formação livre, participativa e crítica, dotando a escola e a educação do poder ilusório de ser capaz de redimir a sociedade de suas mazelas (SAVIANI,

---

<sup>94</sup> Segundo Lukács (1978), o homem que trabalha, ou melhor, o animal tornado homem através do trabalho, é um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que o provoca. “[...] o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos as e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, freqüentemente bastante articuladas (p. 5).

2008), tenta retirar do modo de produção capitalista a responsabilidade pela exploração do homem pelo homem.

No decurso da história dos homens coube à escola a tarefa de formar as necessárias disposições ideológicas capazes de manter e reproduzir a (des)ordem social própria do capitalismo (LEHER, 1998), afetando sobremaneira a subjetividade do trabalhador, suas potencialidades e, por conseguinte, obscurecendo a luta pela construção de uma sociedade fundada na emancipação humana.

Como afirma Lukács (s/d), a práxis educativa vincula-se àquele tipo de posição teleológica que busca incidir sobre a consciência de outros indivíduos para impeli-los a executar posições desejadas. Sendo a educação um complexo social fundado no trabalho como ato-gênese do ser social, e considerando que cada formação social cobra dos indivíduos determinadas formas de pensar, produzir e agir (TONET, 2005), é preocupação nossa, os desdobramentos da estreita relação entre trabalho, atividade e escolarização nos marcos da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2000).

Com o objetivo de seguir as linhas mestras desenvolvidas por Vigotski e asseveradas por Carmo (2008), era preciso ainda responder uma outra questão, até então, mantida como dúvida aqueles que compunham nosso Grupo de Pesquisa e nosso Grupo de Estudos. Tratava-se da necessidade de diferenciar, se este fosse o caso, o que significava, na psicologia de A. N. Leontiev (1978a; 1978b), trabalho e atividade e em que medida a última categoria em análise mantinha uma relação ontológica com a primeira.

Nesse sentido, as investigações apontam uma diferença entre as categorias analisadas. Sobre a primeira, Leontiev (1978a; 1978b) afirma que esta caracteriza-se como um processo entre o homem e a natureza, mediatizada pela utilização de instrumentos e pelo surgimento da consciência dos fins da atividade humana por excelência.

A principal diferença entre a atividade conscientemente orientada a um determinado fim realizada pelo homem e a atividade animal,

[...] consiste em que a atividade dos animais é biológica e instintiva. Por outras palavras, a actividade do animal não pode exercer-se senão em relação ao objecto de uma necessidade biológica vital ou em relação a estímulos, objectos e suas correlações (de situações), que revestem para o animal o sentido daquilo que está ligado à satisfação de uma determinada necessidade biológica (LEONTIEV, 1978a, p. 61-62).

Reconhece Leontiev (1978a) que a atividade vital humana, isto é, o trabalho, é a fundamento essencial para o *surgimento da consciência*. A consciência não pode aparecer a não ser em condições em que a relação do homem com a natureza seja mediatizada pelas relações de trabalho com outros homens. “A consciência é bem um <<produto histórico desde o início>> (Marx)” (LEONTIEV, 1978a, p. 87). A transformação da natureza, a consciência dos fins da atividade e a fabricação de instrumentos marcam o nascimento da *inteligência no homem*.

As transformações ocorridas ao longo da história da humanidade, pelo processo de objetivação, foi permitido ao homem obter consciência das propriedades do objeto, bem como por meio do manuseio do instrumento, possibilitando-lhe a consciência do fim de seu trabalho. Entretanto, como é posto na sociedade capitalista, o trabalho se dá de maneira alienada, é exterior ao homem, não o pertence.

Leontiev (2004, p. 128), na esteira do pensamento marxiano, em suas elaborações sobre as transformações da consciência, assinala que a divisão social do trabalho transforma as relações humanas “[...] cada vez mais em puras relações entre coisas que se separam-se, se alienam do próprio homem”. Conforme o autor, “[...] quanto mais rápido o trabalho intelectual se separa do trabalho físico, a atividade espiritual da atividade material, menos capaz é o homem de reconhecer, no primeiro, a marca do segundo e perceber a comunidade das estruturas e das leis psicológicas das duas atividades (LEONTIEV, 2004, p. 126).

A busca por uma forma de sociabilidade onde cada indivíduo possa gozar do tempo necessário às atividades propriamente humanas, tendo pleno acesso ao conhecimento universal, com vistas a tornarem-se participantes efetivos do gênero humano, impõe-se como uma necessidade efetiva frente ao processo de destruição, objetiva e subjetiva, provocado pela ordem capitalista.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira. **O conceito de memória na obra de Vigotski**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2004.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Histórico-Cultural da Memória**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2008a.

ALMEIDA, Melissa Rodrigues. **A relação entre a consciência individual e a consciência de classe**: Uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008b.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 1999.

BARROCO, Sônia Shima Mari. **A Educação Especial do novo homem soviético e a Psicologia de L. S. Vigotski**: implicações e contribuições para a Psicologia e a Educação atuais. 414 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Educacional e Arte**: Uma leitura histórico-cultural da figura humana. Maringá: EdUEM, 2007b.

\_\_\_\_\_. A família fetichizada na Ideologia Educacional da Sociedade Capitalista em Crise: Uma questão para a Psicologia. IN: **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (p. 169-194)

BLANK, Júlio Guilermo. Vygotsky: O homem e sua causa. In: MOLL, Luis C. **Vygotsky e a Educação**: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

BOTTOMORE, Tom (Editor). **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução de Valtensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMBAÚVA, Lenita Gama; SILVA, Lucia Cecília da; FERREIRA, Walterlice. Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia. **Estudos de Psicologia**, 3 (2), 1998, p. 207-227.

CAPRILES, René. **Makarenko**: O nascimento da pedagogia socialista. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

COLE, Michael. Um retrato de Luria. In: LURIA, A. R. **A Construção da Mente**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

COSTA, Frederico Jorge. Trabalho, Reprodução Social e Educação a partir da Ontologia do Ser Social. **Revista Trabalho Necessário**. Ano 7. Número 9. 2009.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e Educação na perspectiva da Ontologia marxiana.** Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2007.

\_\_\_\_\_. Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: O irracionalismo como subproduto da crise estrutural do capital. IN: JIMENEZ, Susana Vasconcelos; RABELO, Josefa Jackline (Org.) [et all]. **Trabalho, Educação e Luta de Classes: A pesquisa em defesa da história.** Fortaleza, Ceará: Brasil Tropical, 2004.

DANIELS, Harry (Org.). **Vygotsky em foco: Pressupostos e desdobramentos.** Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1994.

DAVÍDOV, V; SHUARE, M. (Orgs.). **La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS:** Antología. Moscú: Editorial Progreso, 1987.

DO CARMO, Francisca Maurilene. **Vigotski: Um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho.** Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Faculdade de Educação/ Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Fortaleza, 2008.

\_\_\_\_\_. **O (des)encontro Piaget x Vigotski: Implicações para a educação da classe trabalhadora.** Fortaleza, Ceará, 2007. (Mimeo)

DUARTE, Newton. **Vygotsky e o “aprender à aprender”:** Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós-Modernas da Teoria Vygostkiana. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001. (Coleção Educação Contemporânea)

\_\_\_\_\_. **A Individualidade Para-Si: Contribuição a uma Teoria Histórico-Social da Formação do Indivíduo.** Campinas: Autores Associados, 1993.

\_\_\_\_\_. A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 02, p.279-301, jul./dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios críticos-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

\_\_\_\_\_. Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: O ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. In: **Cadernos CEDES**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2004.

\_\_\_\_\_. A Escola de Vigotski e a Educação Escolar: Algumas hipóteses para uma leitura Pedagógica da Psicologia Histórico-Cultural. **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 7, n. 1/2, p. 17-50, 1996.

EIDT, Nádya Mara. **A Educação Escolar e a relação entre o desenvolvimento do pensamento e a apropriação da cultura:** A psicologia de A. N. Leontiev como referência nuclear de análise. Tese (Doutorado em Educação Escolar). São Paulo: UNESP/Araraquara, 2009.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. IN: **Karl Marx, Friedrich Engels: Obras Escolhidas**. Vol. 2. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, [19--a]. p. 269-280.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor: um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana**. São Paulo: Autores Associados: 2004a. (Coleção Formação de Professores)

\_\_\_\_\_. Teorias Educacionais e Teorias Psicológicas: em busca de uma psicologia marxista de educação. In: DUARTE, N. (Org), **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004b, p. 99-120.

FORTES, Ronaldo Vielmi. **Trabalho e gênese do ser social na “ontologia” de George Lukács**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2001.

GOLDER, Mário (Org.). **Leontiev e a psicologia histórico-cultural: Um homem em seu tempo**. Tradução de Célia Regina Barbosa Ramos. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre atividade pedagógica: Xamã, 2004.

HOBBSAWN, Eric. **A Era das Revoluções – 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

JIMENEZ, Susana Vasconcelos. **Consciência de classe ou cidadania planetária?** Notas críticas sobre os paradigmas dominantes no campo de formação do educador. Fortaleza, 2003. (Mimeo)

\_\_\_\_\_.; MAIA FILHO, Osterne Nonato. A chave do saber: Um exame crítico do novo paradigma educacional concebido pela ONU. In: JIMENEZ, Susana Vasconcelos; RABELO, Josefa Jackline. **Trabalho, Educação e Luta de Classes: A pesquisa em defesa da história**. Fortaleza: Editora Brasil Tropical, 2004.

JUNIOR, Flávio Boleiz. **Pistrak e Makarenko: Pedagogia Social e Educação do Trabalho**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KOZULIN, Alex. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, Harry (Org.). **Uma introdução à Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

KOZULIN, Alex. **La psicologia de Vygotski**. Editora Alianza, Psicologia Minor, 2001.

LEHER, Roberto. **Da Ideologia do Desenvolvimento à Ideologia da Globalização: A educação como estratégia do Banco Mundial para o “alívio” da pobreza**. Tese (Doutorado). USP. São Paulo, 1998.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Global, 1982.

LEONTIEV, A. N. Las necesidades y los motivos de la actividad. In: SMIRNOV, A.; LEONTIEV, A. N., *et al*, (orgs.). **Psicologia**: Grijalbo, 1969. p. 341-354.

LEONTIEV, Aléxis N. Sobre la formación de las aptitudes. In: LEONTIEV, A. N. e OUTROS, (Orgs.). **El hombre y la cultura: problemas teóricos sobre la educación**. Argentina: Editorial Grijalbo, 1967. p. 51-71.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, Aléxis. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1978a.

LEONTIEV, Aléxis N. **Actividad, Conciencia y Personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978b.

LEONTIEV, Aléxis N. Actividade e Consciência. In: MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. **Práxis**: a categoria materialista de prática social. Volume II. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. (p. 49-77)

LEONTIEV, Aléxis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (p. 59-83)

LEONTIEV, Aléxis N. Artículo de introducción sobre la labor creadora de L. S. Vygotski. In: VYGOTSKI, Lev Semiónovich. **Obras escogidas**: Problemas teóricos y metodológicos de la psicología. Tomo I. 2. ed. Trad. José Maria Bravo. Madrid: Visor Dist. S. A., 1997. p. 419-450.

LEONTIEV, A. N. Lecture 36. Types of Thinking: Thinking and Sensory. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 43, Nº 5, September–October 2005, pp. 25–40. Tradução de Nádia Mara Eidt. (2005b)

LEONTIEV, A. N. The Genesis of Activity. **Journal of Russian and East European Psychology**, vol. 43, nº4, July- August 2005, p.58-71. Tradução de Laíssa Muniz da Silva. (2005a)

LIMA, Marteana Ferreira de. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2009.

LORDELO, Lia da Rocha. A crise da Psicologia: Análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. **Psicologia: Teoria e Prática**, Out-Dez 2011, Vol. 27, n. 4, p. 537-544.

LUKÁCS, Georg. **O trabalho.** Disponível em: <http://afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Lukacs,%20Georg/O%20TRABALHO%20-%20traducao%20revisada.pdf> Acesso em 30 mar. 2007. (Tradução de Ivo Tonet)

\_\_\_\_\_. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem.** Temas em Ciências Humanas. N. 4. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. **Os princípios ontológicos fundamentais em Marx.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.IV, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem:** As últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

\_\_\_\_\_. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988a. (p. 21-37)

\_\_\_\_\_. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: **Curso de Psicologia Geral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. I, 1991.

\_\_\_\_\_. **Desarrollo histórico de los procesos cognitivos.** Madrid, Espanha: Ediciones Akal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Pedagogia:** Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Trad Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Construção da Mente.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992.

\_\_\_\_\_. **O homem com um mundo estilhaçado.** Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LESSA, Sérgio. **A ontologia de Lukács.** Maceió: EDUFAL, 1996.

\_\_\_\_\_. **Para compreender a Ontologia de Lukács.** Ijuí: Unijuí, 2007 (Coleção Filosofia)

\_\_\_\_\_. TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAIAKOVSKI, V. A plena voz. **Revista Civilização Brasileira.** Caderno Especial. A Revolução Russa: Cinquenta anos de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 305-311.

MARTINS, Lígia Márcia. A natureza sócio-histórica da personalidade. IN: **Caderno Cedes,** Campinas, vol. 24, n. 62, p. 82-99, abril 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

\_\_\_\_\_. Aspectos teórico-metodológicos que distanciam a perspectiva sócio-histórica vigotskiana do construtivismo piagetiano. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de

Lima; MILLER, Stela (Org.). **Vigotski e a Escola Atual: Fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara: J.M. Editora Ltda, p. 27-48, 2006.

MARX, Karl; Friedrich Engels. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. **O Banco Mundial e suas Implicações na Política de Financiamento da Educação Básica do Brasil: Fundef no centro do debate**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação da UFC – FACED. Fortaleza – Ceará, 2005.

MESQUITA, Afonso Mancuso de. **A motivação do aprendiz para a aprendizagem escolar: a perspectiva histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital. In: **Outubro**, N°. 4. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2000.

MORAES, Betânia Moreira de. **As bases ontológicas da individualidade humana e o processo de individuação na sociabilidade capitalista: Um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2007.

\_\_\_\_\_. Trabalho e Individuação. In: NETO, Enéas; FERNANDES, Manuel José Pina; FELISMINO, Sandra Cordeiro (Org.). **Trabalho e educação face à crise global do capitalismo**. Fortaleza: LCR, 2002.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: Uma introdução crítica**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é stalinismo?** São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos)

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil – repercussões no campo educacional**. 294 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

PUZIREI, A.; GUIPPENRÉITER, Yu. **El proceso de formacion de la Psicología marxista: L. Vigotski, A. Leontiev, A. Luria**. Moscu: Editorial Progreso, 1989.

REY, Fernando Luiz González. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: Focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), Vol. 24, N. 2, Belo Horizonte, May/Aug. 2012.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e Subjetividade:** Uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: Sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, pp. 155-179.

RIVIÉRE, Angel. **La psicologia de Vygotski**. Madrid: Visor, 2002 (Aprendizaje).

RUBINSTEIN, S. L. La actividad. In: **Principios de Psicología General**. México: Editorial Grijalbo, 1967.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** Primeiras aproximações. São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea)

SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da. **Educação de jovens e adultos e psicologia histórico-cultural:** A centralidade do trabalho na aprendizagem e no desenvolvimento de trabalhadores precariamente escolarizados. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2011.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Histórico-Cultural e Arte Literária:** Homens e sociedade a partir de Leon Tolstói. Monografia (Especialização em Teoria Histórico-Cultural). Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá 2005.

SHUARE, Marta. **La psicologia soviética tal como la veo**. Moscú, Progreso, 1990.

\_\_\_\_\_. Vygotski e a crise da psicologia. In: **Seminário Internacional Psicologia Histórico-Cultural – Edição 2012**. Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2012.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Editora UNESP, 2007. (Coleção Maurício Tragtenberg)

\_\_\_\_\_. In: PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

TEIXEIRA, Edival Sebastião. A censura imposta a Vigotski e seus colegas na União Soviética entre 1936 e 1956: o decreto de pedagogia. **In Pauta**, Pato Branco, V. II, p. 222-244, 2004.

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. (Coleção Fronteiras da Educação)

\_\_\_\_\_. Apresentação. IN: JIMENEZ, Susana Vasconcelos; RABELO, Josefa Jackline (Org.) [et all]. **Trabalho, Educação e Luta de Classes:** A pesquisa em defesa da história. Fortaleza, Ceará: Brasil Tropical, 2004.

TROTSKI, Leon. **A Revolução de Outubro**. Tradução de Daniela Jinkings - São Paulo, Ed. Boitempo, 2007.

TULESKI, Silvana Calvo. Para ler Vigotski: Recuperando parte da historicidade perdida. In: BARROCO, Sônia Mari Shima; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; TULESKI, Silvana Calvo (Orgs.). **Escola de Vigotski: contribuições para a psicologia e a educação**. Maringá: EDUEM, 2009. (p. 35-62)

\_\_\_\_\_. **A unidade dialética entre corpo e mente na obra de A. R. Luria: implicações para a educação escolar e para a compreensão dos problemas de escolarização**. 354 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. Maringá: EDUEM, 2002.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a gênese da Psicologia Científica. IN: **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004. (p. 121-144)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Guia de Normalização de trabalhos acadêmicos**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2012.

VEER, René Van Der. VALSINER, Jaan. **Vygotsky: Uma síntese**. São Paulo, Unimarco e Loyola, 1996.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Trad Maria Encarnación Moya. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular. 2007.

\_\_\_\_\_. **As idéias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VIGOTSKI, Liev Semiónovich. **Teoria e Método em Psicologia**. Trad. Claudia Berliner; revisão Elzira Arantes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique**. Tomo III. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995.

\_\_\_\_\_. El problema de la edad. In: **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor, 1996.

VYGOTSKY, Lev. A Transformação socialista do homem 1930. Trad. Nilson Dória. **Marxists Internet Archive**, 2004. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/atransformacaosocialistadohomem.htm>. Acesso em: outubro de 2009.

\_\_\_\_\_.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: Símios, homem primitivo e criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo: Ícone: EDUSP, 1988.

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana.** Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **A educação numa encruzilhada.** In: JIMENEZ, Maria Susana Vasconcelos; RABELO, Josefa Jackline; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores (Orgs.). **Marxismo, Educação e Luta de Classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ideológicos.** Fortaleza: EdUECE, 2010.

\_\_\_\_\_. **As tarefas dos intelectuais, hoje.** Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/As\\_tarefas\\_dos\\_intelectuais\\_hoje.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/As_tarefas_dos_intelectuais_hoje.pdf) Acesso em: 15 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação e Revolução.** Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO\\_REVOLUCAO.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/EDUCACAO_REVOLUCAO.pdf) Acesso em: 15 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Recomeçar com Marx.** Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/Recomecar\\_com\\_Marx.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/Recomecar_com_Marx.pdf) Acesso em: 15 jan. 2011.

**ANEXO**

## ANEXO

Entre as obras de Leontiev traduzidas no Brasil, apresentamos abaixo aquelas sobre as quais nos debruçamos em nossa investigação<sup>95</sup>, quais sejam:

ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	REFERÊNCIA
1937	* O problema do desenvolvimento do intelecto e aprendizagem humana.	LEONTIEV, A. N. The Problem of the Development of the Intellect and Learning in Human Psychology. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(4), 2005. pp. 34-47.
1940	*A gênese da atividade  * Os processos fundamentais da vida humana	LEONTIEV, A. N. The genesis of Activity. In: <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(4), 2005. pp. 58-71.  LEONTIEV, A. N. The Fundamental Processes of Mental Life. In: <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(4), 2005. pp. 72-75
	* Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar	LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. Ensaio sobre o

<sup>95</sup> O quadro abaixo foi desenvolvido por SILVA, Rhayanne Lourenço da. **Escritos de Leontiev**. (não publicado). Deixemos claro desde já, nosso profundo agradecimento à referida pesquisadora por suas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho, bem como aos pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<p><b>1944</b></p>	<p>* O desenvolvimento do psiquismo na criança</p>	<p>desenvolvimento do psiquismo. In VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. <b>Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.</b> São Paulo, Ícone, 2006. pp. 119-142.</p> <p>LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo na criança. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo.</b> Lisboa, Livros Horizonte, 1978.</p>
<p><b>1947</b></p>	<p>Ensaio sobre o desenvolvimento do Psiquismo</p>	<p>LEONTIEV, A. N. Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo.</b> Lisboa, Livros Horizonte, 1978.</p>
<p><b>1948</b></p>	<p>O desenvolvimento da atividade refletora no processo de evolução dos animais</p>	<p>LEONTIEV, A. N. Desarrollo de la actividad reflectora en el proceso de evolución de los animales. In SMIRNOV, A. A.; LEONTIEV, A. N.; RUBINSHTEIN, S. L.; Tieplov, B. M. (Org.). <b>Psicología. México:</b> Grijalbo, 1960.</p>
<p><b>1956</b></p>	<p>As necessidades e os motivos da atividade</p>	<p>LEONTIEV, A. N. Las necesidades y los motivos de la actividad. In Smirnov, A. A.; Leontiev, A. N.;</p>

		Rubinshtein, S. L.; Tieplov, B. M. (Org.). <i>Psicología</i> . México: Grijalbo, 1960.
<b>1959</b>	<p>* A démarche histórica no estudo do psiquismo humano</p> <p>* Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais</p>	<p>LEONTIEV, A. N. (2004). A démarche histórica no estudo do psiquismo humano. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo</b>. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.</p> <p>LEONTIEV, A. N. (2004). Os princípios do desenvolvimento psíquico na criança e o problema dos deficientes mentais. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo</b>. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.</p>
<b>1960</b>	O biológico e o social no psiquismo do homem	LEONTIEV, A. N. O biológico e o social no psiquismo do homem. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo</b> . Lisboa, Livros Horizonte, 1978.
<b>1961</b>	O homem e a cultura	LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: <b>O desenvolvimento do psiquismo</b> . Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

<b>1972-1975</b>	A gênese do pensamento humano	LEONTIEV, A. N. Lecture 37 The genesis f activity. <i>Journal of Russian and East European Psychology</i> . 43(5), 2005. pp. 53-64.